

**Pedro Alves de Oliveira**

**Ucranianos na Europa e no Brasil: uma história camponesa**

**Passo Fundo, outubro de 2008.**

**Pedro Alves de Oliveira**

**Ucranianos na Europa e no Brasil: uma história camponesa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para a obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho.

Passo Fundo, outubro de 2008.



## **Dedicatória**

Aos pais,

Antonio Alves de Oliveira (in memoriam) e Maria Eugênea de Oliveira, que, com seu exemplo vivido de pequenos agricultores souberam inculcar em seus filhos o amor e o respeito pela terra.

A esposa Marlene, aos filhos Kelly e Chrystian, pelo apoio, incentivo e compreensão.

Aos camponeses da região pesquisada de todas as etnias que cultivam o solo, alimentam as cidades, praticam a paz, a harmonia e respeitam a natureza que os sustenta.

Aos companheiros, profissionais da educação, comprometidos em fazer deste país uma nação justa, livre, digna e feliz.

## **Agradecimento**

O presente trabalho foi possível graças a ajuda e colaboração de muitas pessoas e instituições, as quais sou devidamente grato:

Aos Professores do Programa de Mestrado da UPF.  
Arquivo Público do Paraná. Curitiba.  
Arquivo Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná.  
Arquivo Histórico, Geográfico e Etnográfico de Santa Catarina.  
Arquivo Histórico de Itaiópolis – SC.  
Arquivo Histórico de Prudentópolis – PR  
Associação dos Amigos da Cultura Ucraniana de Curitiba.  
Casa da Cultura Romário Martins de Curitiba.  
Consulado Ucraniano de Curitiba.  
Eparquia Ucraniana do Rito Ortodoxo de Curitiba.  
Fundação Cultural de Curitiba.  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Mafra – SC.  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Oksana Boruzenko.  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Luiza Andreazza.  
Professor Dr. Haroldo Loguercio Carvalho.  
Uniguaçu – Universidade do Vale do Iguaçu.

Não há povo amorfo. Não há massa bruta indiferente. A massa é formada de homens, e a natureza de todos os homens é a mesma: dela é a paixão, a gratidão, a cólera, o instinto de luta e o instinto de defesa.

RACHEL DE QUEIROZ

## RESUMO

Determinados períodos da história de uma nação são especialmente significativos, não porque representam um rompimento radical com as estruturas sociais, políticas ou econômicas anteriores, mas porque neles os agentes históricos procuram dar novas dimensões e significados à realidade passada, a fim de construir no presente um mundo adequado a seus próprios projetos. A história camponesa da etnia ucraniana, partindo do leste europeu em direção ao Ocidente, atingiu o Brasil no final do século XIX e todo o início do século XX. Pressionados em seu espaço ancestral pela disputa das terras férteis numa situação de servidão, estes camponeses submeteram-se às Companhias Marítimas para o transporte, e as Companhias Colonizadoras para atingirem o local de destino, neste caso o sul do Paraná e o norte de Santa Catarina. A evolução histórica e política do povo ucraniano, chegam ao século XX numa trilha de complexidade na busca de liberdade, ocupação do espaço, terra para a agricultura, expressão e manutenção cultural. As razões pelas quais eles emigraram estaria motivado pela busca de terra e trabalho, fugir da servidão que reinava no leste da Europa, além do sonho de uma vida melhor. Na chegada como imigrantes ao Brasil, foram direcionados para as terras férteis do vale do rio Iguaçu adentrando para a região Contestada. Tal região foi marcada pelo conflito do Contestado, após a construção da ferrovia São Paulo Rio Grande do Sul, e a disputa pela posse da terra. A etnia ucraniana superou adversidades e conseguiu produzir do sonho europeu à realidade camponesa em solo brasileiro.

**Palavras-chave:** Ucranianos, Imigração, Cultura, Política, Memória.

## ABSTRACT

Determinate periods of the history of a nation are specially meaning, not cause they represent a radical break with the previous social structures, politic or economic, but because in these the historic agents look to give new dimensions and means to the passed reality, with the objective of they build in the present a proper world to their proper projects. The countryman history of Ukrainian ethnic, starting from the European east on direction to the occident, it arrived Brazil in the final of the 21<sup>st</sup> century and all the beginning of the 20<sup>th</sup> century. They were pressed in their ancestral place for the dispute of the fecund lands in a serfdom situation; these countrymen submitted themselves to the Maritime Companies to the carrying, and the colonial companies to get the place of destiny, in this case “Parana” south and “Santa Catarina” north. The historic and politic evolution of the Ukrainian people arrived to the 20<sup>th</sup> century on a way of complexity in the quest of freedom, space occupation, land for the agriculture, expression and culture maintenance. The reasons which they emigrated it was motivated by the research of land and job, to run away of the servitude that reveled in European east, beyond of the dream of a better life. In the approach how immigrants to Brazil, they were taken to the fecund lands of the Iguazu valley river entering to the contested region. Certain region was marked by the contested conflict after the railway construction called “São Paulo Rio Grande do Sul” and the land dispute. The Ukrainian ethnic overcame adversities and it managed making the European dream to countryman reality I Brazilian lands.

**Key-words: Ukrainian, Immigration, Culture, Politics, Memory**



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa da Europa, com a localização da Ucrânia.....	27.
Figura 02 - Mapa da imigração ucraniana para Brasil .....	43
Figura 03 - Casa de Pouso do Imigrante .....	72
Figura 04 - Medição de terras no sul do Paraná .....	76
Figura 05 - Extração da erva mate por imigrantes no norte de Santa Catarina .....	80
Figura 06 - Mapa do município de Itaiópolis .....	89
Figura 07 - Igreja de São Miguel Arcanjo.....	91
Figura 08 - Travessia de tropas pela região pesquisada rumo ao interior de São Paulo .....	98
Figura 09 - General Setembrino de Carvalho .....	103
Figura 10 - Barracas de imigrantes ucranianos no sul do Paraná .....	116
Figura 11 – Senhoras com trajes típicos ucranianos.....	130

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIDASC: Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina.

DEAP: Departamento Estadual de Arquivo Público.

DOPS: Departamento de Ordem Política e Social.

EMATER: Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural.

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

EPAGRI: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

IAPAR: Instituto Agrônômico do Paraná.

IBAMA: Instituto Brasileiro de Assistência Técnica ao Meio Ambiente.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

KGB: Komitet Gosudantyeno Bezopasnosti.

ONU: Organização das Nações Unidas.

PR: Paraná.

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

SC: Santa Catarina.

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviética.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
I - EVOLUÇÃO HISTÓRICA E POLITICA DO POVO UCRANIANO.....	17
1.1 - O Povo.....	17
1.2 - A História política.....	20
1.3 - Ocupação espacial.....	22
1.4 - A Ucrânia como República Soviética.....	27
II – A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL.....	36
2.1 - Razões pela quais emigraram .....	36
2.2 - Leste europeu no século XIX: Permanência da servidão .....	45
2.3 - A chegada como imigrante no Brasil.....	57
2.4 - O destino e as terras no Paraná .....	75
III - AS COLONIAS UCRANIANAS EM TERRITÓRIO CONTESTADO.....	86
3.1 - O território Contestado.....	93
3.2 - Terra e trabalho .....	109
3.3 - Cultura, religião e mito... ..	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136
LISTA DE FONTES .....	139
INSTITUIÇÕES E ARQUIVOS .....	139
ANEXOS.....	141

## INTRODUÇÃO

Nem cronológico, nem linear, nem único: hoje se reconhece que o tempo vivido envolve uma multiplicidade de temporalidades desdobradas em cadências dinossantes. Na idéia de que diversos ritmos de tempo perpassam o real, têm sido sedutoras e recorrentes às formulações teóricas que conferem a longa duração, ou a estrutura, primada em relação aos ritmos temporais. Em decorrência verificou-se não apenas uma desvalorização do tempo curto, como também se desenvolveu uma noção de polaridade entre evento e estrutura, sustentada pela concepção de serem antagônicas, ou suceder dos acontecimentos na história e a imutabilidade da estrutura.

Entendo que essa posição é fruto do pensamento ocidental, no qual a mudança e estabilidade são compreendidas como contrários lógicos e ontológicos, buscando uma proposta de interpretação da sociedade pelo viés simbólico dos extremos das dimensões temporais<sup>1</sup>. Dessa maneira a possibilidade do presente vir a transcender o passado, e ao mesmo tempo lhe permanecer fiel, depende tanto da ordem cultural quanto da situação prática.

Ao se fazer uma história de cultura deve-se estar atento, assim também como aos fatos extraordinários por conterem um potencial de alterar substancialmente os significados tradicionais, refazer relações e criar o “novo”. Desse ponto de vista, pode-se afirmar que a imigração tenha sobre a estrutura social efeito “revolucionário” por constituir o fato excepcional na trajetória de um determinado grupo social, implicando-se necessariamente num recomeço.

É justamente aqui que se inserem as preocupações deste trabalho: certificar-se quanto ao impacto da imigração sobre uma estrutura histórica e cultural de grande permanência. Seguindo os pressupostos de interação dialética entre fato e estrutura, e decorrente a alteração do campo simbólico do tempo, do espaço e acompanhar o processo de recriação de uma

---

<sup>1</sup> SAHLINS, M. *Ilhas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p.185.

linguagem socialmente efetiva entre um grupo de imigrantes. O grupo escolhido foi o dos camponeses ruteno-ucranianos<sup>2</sup> emigrados da Galícia região oriental da Ucrânia, próxima da Bukovina, a partir de 1896. Os acompanhamentos dessa etnia atingiram de 1896 a 2006, envolvendo o imigrante e seus descendentes nas colônias do sul do Paraná e norte de Santa Catarina (Vale do rio Iguaçu) dentro da região do Contestado.

Nossa proposta de estudar os camponeses ucranianos nessa região implicava em alguns desafios: suplantar a barreira da língua ucraniana, uma língua eslava aparentada com o russo, documentos em arquivos para a tradução, bibliotecas, a disputa pela região antes, durante e pós-colonização das terras, além da literatura acadêmica acerca dos ucranianos no Brasil ser restrita. Por muito tempo mapeamos fontes, buscamos arquivos, instituições e intelectuais da etnia, entrevistamos e convivemos com camponeses que se tornaram o nosso objeto de estudo.

Desse modo, seria possível fazer no presente trabalho uma “História” da imigração ucraniana para o Brasil, selecionando dentre o material disponível, aquele necessário para discernir “verdadeira história” desse processo. Sabemos que no momento de saída desses migrantes para o Brasil na década de 1890, os camponeses europeus passavam por uma crise econômica significativa; portanto a imigração dos ucranianos não foi um processo social isolado, mas que fez parte de um fenômeno social de massa entre os camponeses da Europa. Ela foi possível devido à combinação de diversas condições presentes simultaneamente nessa época, como o surgimento de uma oportunidade no Brasil; as ações de intelectuais que se engajavam nesse processo, o surgimento dos transportes em massa, rápidos e confiáveis como navios, trens, a situação crítica vivida pelos camponeses; sabemos enfim quais as condições concretas de seus estabelecimentos no Brasil. Ao organizarem os fatos do fenômeno migratório em um relato lógico e consistente, o discurso erudito gera, entretanto efeitos sobre a história que é capaz de contar. *Sob sua lógica própria, e buscando nas fontes primárias*

---

<sup>2</sup> A opção por designar os imigrantes também como rutenos deu-se em virtude da forma pela qual eles se autodenominavam. Essa designação étnica, nas primeiras décadas do séc. XX, foi recorrente para designar os ucranianos, não apenas na comunidade, mas em toda região. A menção ucraniana só vai aparecer nas atas e registros paroquiais por volta de 1914. Era então disseminada a expressão rutenos num dos principais periódicos da etnia o Micionar. Em 1915 recebia a denominação de Missionário para os Ucranianos no Brasil. Neste trabalho os ucranianos em estudos são oriundos da Galícia que juntamente com a Bukovina, conformavam as regiões da atual Ucrânia que estavam sob a denominação dos austro-húngaros. A designação regional que recebiam era de *rutenos*; em sua própria língua (*rusyny*). Por volta do século XIX, os rutenos galicianos e bukovinianos adotaram um novo nome nacional: ucranianos, prevalecendo até os dias atuais. RUDNYTSKIJ, I. *Essays in modern ukrainian history*. University of ALBERTA, 1987, p. 315.

*“confrontar testemunhas, reduzir contradições, despistar mentiras, reconstruir o que falta, tirar as hipóteses e “fazer surgir à verdade” como faria um juiz de instrução”.*<sup>3</sup>

Para adentrar ao trabalho, estudaram-se diversos historiadores, paradigmas e escolas historiográficas com a tarefa de entender “o que aconteceu com o grupo em estudo naquela época”. Por fim, nosso objetivo não será fazer a “História” da imigração ucraniana no Brasil, mas examinar o modo como os próprios ucranianos viveram esses processos de mudança e de constituição de um novo *locus* social. Hoje estamos instrumentalizados para descrever a migração em várias de suas dimensões: podemos saber quais eram os atores sociais envolvidos e seus interesses, as condições logísticas de transporte, as diferentes soluções encontradas para viabilizar a movimentação e instalação de um grande número de pessoas, e as políticas de estabelecimentos dos migrantes nas novas terras. Hoje a grande migração do final do século XIX e início do século XX, é um evento do passado, finalizado, que pode ser compreendido a partir de um ponto de vista exterior e “impessoal”. Estabilizado em seus detalhes, o fenômeno histórico é explicado: parece apreensível e facilmente localizável em uma ordem lógica de eventos, onde uma relação de causas e efeitos que podem lhes ser atribuídos a partir de uma análise cuidadosa de todas as facetas.

A escassa literatura acadêmica nos direcionou a órgãos oficiais e relatórios do governo paranaense, porém documentos escritos pelos próprios imigrantes, como cartas, livros de reuniões, livro tombo das igrejas e congregações, onde alguns escritos foram traduzidos pelo consulado ucraniano de Curitiba, que recentemente começou a organizar seu espaço de documentos tanto da imigração ucraniana para o Brasil, como do próprio governo ucraniano. As pequenas publicações apoiadas pela Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana foram de grande valia para análises e interpretações de dados, documentos e fatos ocorridos na etnia no período proposto do estudo.

Conviver com as pessoas envolvidas na pesquisa da região proposta, possibilitou também conhecer outras dimensões da intimidade doméstica da etnia, especialmente quando se trata de família, religiosidade, costumes, cultura em especial da agricultura. O amor pelo solo é algo impressionante para a fertilidade e a vida destes camponeses. Cada vez que nos reportamos em etnia na exposição do trabalho conceituamos que a mesma é no sentido amplo

---

<sup>3</sup> DUBY, G., *Le Dimanche de Bouvines*. Paris, Gallimard, 1973, p. 10-11.

de uma comunidade humana, definida por afinidades lingüísticas e culturais, e unidas por semelhanças genéticas. Estas comunidades geralmente reivindicam para si uma estrutura social, política e um território.

Se a história oral foi um dos recursos usados em campo, em muitos momentos me vi envolvido em situações inusitadas, entre elas freqüentar festas e cultos religiosos nas igrejas, sob os olhares curiosos e investigativos, para depois ser apresentado pelo padre, ou por alguém da comunidade. No início dos encontros era difícil, porém quando se falava da história dos ancestrais e da nação ucraniana, eles sentiam-se bem e participavam bastante por saber da pesquisa e que eu tinha conhecimento da etnia ucraniana. De qualquer maneira, o registro das memórias estava sempre presente em todas as discussões, davam-me oportunidade de visualizar fotografias, gravar algumas entrevistas e participar até de reuniões de cooperação nos trabalhos da comunidade.

Dadas as dificuldades em conseguir “voluntário” para as entrevistas, colheram-se depoimentos dos que permitiram acesso às suas reminiscências. Alguns gostaram desse jogo com a memória, chegando posteriormente a enviar textos com lembranças que não haviam sido mencionados; outros, provavelmente desconfortáveis com a situação, impossibilitaram novos contatos. Assim as recordações revividas na pesquisa no que tange a memória, realimentaram o desejo de esmiuçar detalhes a respeito da experiência daquelas pessoas, que viveram momentos marcantes em suas vidas, fizeram a história de sua etnia em outras terras, ou receberam de seus ancestrais um legado cultural e mantiveram firme suas raízes.

Assim o presente estudo não tentará discernir “a verdade histórica” contida nesses relatos para fazer a História “real” da migração ucraniana no Brasil, mas ver como os migrantes viveram esses processos e, ao longo dele mantiveram a centralidade que referencia à religião, a terra, à cultura e as suas condutas cotidianas.

A trajetória da população ucraniana instalada no Brasil como camponeses, está concentrada no Norte de Santa Catarina e Sul do Paraná, basicamente no vale do rio Iguazu, com alguns casos fora deste território, vivem do cultivo da terra na pequena propriedade. O texto do trabalho vem relatado em três capítulos; no primeiro, procuramos trabalhar a evolução histórica e política do povo ucraniano, numa análise da formação desta etnia, o

espaço por eles ocupado, região do leste europeu e suas lideranças políticas, adentrando em sua contemporaneidade.

No segundo Capítulo tratou-se da imigração ucraniana para o Brasil, as razões pela quais eles emigram do leste europeu, a chegada nas terras, o conflito do Contestado gerado pela disputa do território entre o Paraná e Santa Catarina, e posteriormente, a colonização do vale do rio Iguaçu com a chegada dos eslavos, dentre eles os camponeses ucranianos.

No terceiro Capítulo, apresentamos as colônias ucranianas no norte de Santa Catarina e sul do Paraná, região centralizada da pesquisa no território do Contestado. Nesta parte buscamos analisar a terra e o trabalho da etnia em estudo trazendo junto sua cultura e religiosidade, procurando refazer a trajetória dos imigrantes, em particular delinear as condições sobre as quais estes retomaram suas vidas. Para finalizar procuramos acompanhar então, a saga migratória desta população camponesa, identificando o florescimento de afinidades históricas, sociais e culturais que fundamentaram para a recriação da lógica, dando suporte quanto às preocupações desta dissertação.



## I - EVOLUÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA DO POVO UCRANIANO

### 1.1 - O Povo

O povo ucraniano pertence ao grupo indo-germânico, um velho povo eslavo que se formou de elementos vindo dos países da Ásia Menor e do Mediterrâneo. Seu berço é o mesmo de todos os eslavos. Conexões com grupo asiático de tribos indo-germânicas permaneceram por centena de anos e foram destruídas por hordas nômades dos Urais.

Os ucranianos foram os primeiros que dominaram a região, empurrando os godos para o longínquo oeste, que foram mestres das estepes às praias do mar Negro; do Dnister ao mar Oziv; e também da floresta das estepes ao norte entre os séculos V e VI<sup>4</sup>.

Os ancestrais dos ucranianos eram tribos separadas sem se preocupar com a unidade nacional. Só quando surgiram as vilas de Kiev, Chernyktiv e outras, e quando as ligações comerciais foram desenvolvidas que eles passaram a se unir sob a direção de um viking germânico<sup>5</sup>.

O Estado de Kiev não é uma criação dos normandos; resulta de um longo processo de desenvolvimento interno das sociedades eslavas do oeste e de uma direção enérgica dos guerreiros estrangeiros rapidamente Russificados<sup>6</sup>.

Notamos que os eslavos aparecem no cenário da história por volta do início da era cristã, sendo inclusos no contexto das grandes migrações dos povos europeus. Depois do início dos fluxos migratórios que os conduzem ao litoral dos mares Báltico, Adriático, Egeu e aos maciços alpinos, por volta do século VI, os eslavos começaram a fundar pequenos estados

---

<sup>4</sup> MIRCHUK, J. *Ukraine and People*. Munich, s/ed. 1949, p. 20

<sup>5</sup> PORTAL, Roger. *Os Eslavos: Povos e Nações*. Lisboa, Cosmos, p. 23, 1968.

<sup>6</sup> MIRCHUK, J. *Ukraine and People*. Munich, s/ed. 1949, p. 25

efêmeros nos territórios compreendidos hoje pela Ucrânia, Polônia, Alemanha, Hungria, Sul da Áustria e Norte da Albânia. A disputa por espaços entre grupos tribais, pequenos estados e até impérios sempre movimentou o leste da Europa, especialmente quando se tratava da cobiça por terras férteis.

Comprimidos entre o império Franco e Bizantino, os eslavos formam o primeiro grande Estado Oriental conhecido como *Rus Kyivana* já por volta do século IX. Há diversas teorias a esse respeito, a mais difundida está narrada na crônica de Nestor<sup>7</sup> e dá conta que guerreiros nórdicos da Escandinávia conhecidos como varegues, teriam penetrados pelos grandes rios até a costa do Mar Negro e, em simbiose, com a população local, teriam fundado o estado de Kyiviano, cuja capital seria a cidade de Kiev, antigo centro do reino dos Kazares, cuja extensão territorial ia dos montes Capatos ao norte do Cáucaso. Logo a população *Rus Kyivana* passa a integrar o reino de Oleg no período de 879 – 914 que alargam a fronteira de seu território até o rio Don, a leste sob a influência da cultura bizantina Sviatosláv como conquistador chega a ameaçar com suas tropas a cidade de Constantinopla. Volodymyr, o grande (979 – 1015), desposa a irmã do imperador bizantino, Ana e converte-se ao cristianismo, tornando-se a religião oficial do Estado a qual trataremos mais adiante no trabalho<sup>8</sup>.

Após Volodymyr, seu filho Iarosláv, o sábio, transforma Kiev numa grande metrópole, constrói bibliotecas, prédios público, igrejas e estabelece a *Russka Pravda*<sup>9</sup> o primeiro código de leis do mundo eslavo. O Estado Kyivana torna-se um dos centros culturais mais importantes da época. O reinado de Iarosláv dá lugar a um longo período de instabilidade dentro da *Rus Kyivana* a qual vivia ameaçada pelos povos nômades das estepes. Outras populações eslavas começam então, aglutinar-se em torno de Polótzk<sup>10</sup>, mais ao norte que se tornaria o centro histórico da nação Bielorrussa, e em torno de Suzdal, futuro centro histórico da nação russa<sup>11</sup>.

Ao final do século X e começo do século XI diversos fatores contribuíam cada vez mais para a união das tribos. A religião e o tipo de cultura tornaram-se comuns entre os grupos, seguidos pela influência bizantina e eslava, além da pressão política exercida por

<sup>7</sup> Manuscritos de um monge russo sobre tempos passados das civilizações nórdicas e eslavas (850 a 1110).

<sup>8</sup> MIRCHUK. Op., cit., p.16.

<sup>9</sup> Leis contidas num velho código eslavo

<sup>10</sup> Cidade cultural no centro da nação Bielo-Russa com etnias diversificadas.

<sup>11</sup> MIRCHUK, J. *Ukraine and People*. Munich, s/ed. 1949, p. 19

grupos poloneses e dos príncipes de Suzdal, isto favoreceu o sentimento de unidade entre o povo ucraniano. A decisiva contribuição foi a transferência do centro político da Ucrânia para oeste e as tendências políticas e culturais do Estado lituânio-ucraniano.<sup>12</sup>

O povo ucraniano é composto de, no mínimo, seis grupos étnicos: o dinárico, mediterrânico, alpino, nórdico, subnórdico e lapão. O elemento dinárico foi decisivo nesta miscigenação, é o tipo mais escuro, possui cabeça arredondada, com uma face estreita e longa, já o tipo alpino possui o rosto bem arredondado, sendo o oposto do dinárico. Ambas as etnias determinaram antropologicamente 66% do tipo nacional ucraniano. Portanto o porte físico do ucraniano é vantajadamente grande, pernas longas, braços curtos, estatura elevada, enquanto o cabelo e os olhos podem ser tanto claros como escuros.<sup>13</sup>

O deslocamento para o oeste do espaço territorial ucraniano no final do século XI foi causado pela invasão mongol é quando se dá o início do cultivo das terras da região da Galícia, e Volynia. A Galícia tornou-se um principado autônomo, cuja capital Khalitch tem um elevado desenvolvimento durante o período de Iarosláv. Com as dissidências entre a nobreza local, tiveram como consequência a anexação da Galícia pelo principado da Volynia, cujo apogeu ocorreu no reinado de Danilo (rei da Galícia-Valynia). Danilo tornou-se um importante monarca europeu, mas o avanço tártaro-mongol coloca os ucranianos sob tutela asiática. Somente no final do século XIV os ucranianos livram-se dos mongóis, porém ficaram sob o domínio dos poloneses e dos lituanos, nesta época as suas terras são divididas. Parte da população não aceitou mais esse jugo e fugiu para áreas desertas do Baixo Dnieper, formando o grupo Cossaco.<sup>14</sup>

A história da nação ucraniana está sempre condicionada às suas terras férteis, o cultivo do solo e a produção agrícola. Este povo é legitimado no espaço do campesinato do leste europeu.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> PORTAL, Roger. *Os Eslavos: Povos e Nações*. Lisboa: Cosmos, 1968, p. 23

<sup>13</sup> HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1989, p.72.

<sup>14</sup> BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1979, p. 11

<sup>15</sup> AJUB. Associação da Juventude Ucrâni-Brasil. *“UCRANIANOS”* Apostila de Conhecimentos Gerais. S/ed. Curitiba, 1994, p.7

## 1.2 - A História Política

Com a União de Lublin<sup>16</sup>, em 1569, os poloneses anexaram às terras ucranianas, submentendo-as a um acelerado processo de polonização sem sequer importar-se com a defesa dos ucranianos das sucessivas invasões asiáticas. Diante disso, o povo ucraniano começa a retirar-se em direção às estepes sob a liderança de Ostap, onde organizaram uma fortaleza conhecida pelo nome de Zaporojka, a qual sustentaria o apoio aos cossacos. O Estado cossaco<sup>17</sup> era quem organizava incursões militares em defesa do povo ucraniano. A organização dos camponeses para retomarem as terras e expurgarem os invasores poloneses, além das fronteiras e com o apoio do líder cossaco Bohdan Khmelnytzki, os ucranianos derrotam os poloneses e conseguem estabelecer sua independência, que, no entanto teria curta duração. O líder Bohdan procura o reconhecimento da independência e consegue fazer o Tratado de Pereiaslav com a Rússia, sendo esta quem deveria avaliar a independência ucraniana. O czar russo, traindo o acordo, assina com os poloneses, em 1667, um tratado que resulta em nova partilha das terras ucranianas. A liquidação do Estado ucraniano, seria realizada durante o reinado de Catarina (1729-1796), que expande o império russo e coloca os ucranianos antes dominados pelos poloneses, agora também pelos russos e austríacos. A Ucrânia, dentro do século XVII estava sempre sob o domínio polonês e russo, porém a Áustria participa da dominação sobre a Ucrânia com o apoio russo.<sup>18</sup>

O povo ucraniano possui um espírito nacionalista, muito bem fundamentado em sua história. Provavelmente este espírito despertou com os cossacos, devido às lutas em defesa de seu espaço. O movimento nacionalista da Ucrânia praticamente nasceu com a população, fez parte da formação do povo e continua a se desenvolver.

Este povo que desde a sua origem luta contra outros povos que o querem subjugar está habituado a defender e manter sua identidade cultural, histórica e espacial. Notamos que historicamente quando o povo ucraniano delimitou suas fronteiras territoriais, teve seu

---

<sup>16</sup> “Ato político assinado em Lublin, Polônia. O Ato transformou o reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia em um único Estado”.

<sup>17</sup> Os Cossacos são um povo nativo das estepes das regiões do sudeste da Europa (principalmente da Ucrânia e do sul da Rússia), que se estabeleceram mais tarde nas regiões do interior da Rússia asiática.

<sup>18</sup> BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1979, p. 14

desenvolvimento prejudicado pela presença de elementos estrangeiros, que se instalaram em cidades e aldeias, exercendo o manejo da agricultura, comércio e indústria.<sup>19</sup>

Nessa terra fértil, por muitos séculos circularam conquistadores, camponeses e mercadores, que se deslocavam do Mar Báltico ao Mar Negro e da Europa Ocidental até a Ásia. Por isso a palavra UKRAÍNA significa; extremidade, fronteira. Sendo assim, o sentido do nome do país relativo à Região ou Estado Político situado numa zona fronteiriça.<sup>20</sup>

Historicamente o povo ucraniano é conhecido no seu primeiro período graças às crônicas dos monges bizantinos em registros históricos encontrados em Kiev. Ali se encontra um legado histórico primitivo deste povo, narrado como um conglomerado de tribos isoladas, cada uma com sua vida política própria, religião incerta e com alguns vestígios de culto apenas para a morte.<sup>21</sup>

Dados antropológicos, cruzados com a arqueologia moderna, revelam que diversas tribos expandiram para o sul do território chegando até o Mar Negro e ali entraram em contato com Bizâncio. Isto favoreceu o Império Khazar que bloqueava o caminho dos nômades para o continente asiático.<sup>22</sup>

A história política ucraniana divide-se basicamente em cinco períodos:

- A supremacia política de Kyeve até 1154;
- A supremacia do estado Galiciano – Voliniano de 1154 a 1340;
- O período Lituano - Polonês 1340 até 1648;
- O Lituano 1340 – 1569;
- O Polonês 1569 – 1648;
- O Estado Cossaco 1648 – 1782;
- O período Austro – Russo 1782 – 1918.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> BURKO, V. *A imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba, Grafipar, 1963, p.33

<sup>20</sup> HANEIKO, Valdomiro. *Em Defesa de uma Cultura*. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974. p.11

<sup>21</sup> CONSULADO UCRANIANO, *Arquivo 57. Doc. Antropologia*, Curitiba: 2006.

<sup>22</sup> BURKO. Op.,cit., p. 33

<sup>23</sup> MIRCHUK, J. Op., cit., p. 72

Bem mais tarde, os Khazares passaram a controlar as rotas comerciais para Bagdá e estas tribos se tornaram vassalas do Império no Vale do Volga. Como exímios conhecedores da agricultura, onde produziam boa quantidade de alimentos nas terras férteis do Vale, estas tribos formavam relações diplomáticas com os Khazares. Com a queda de Bagdá, houve profundas mudanças nos interesses econômicos do Império Khazar, cuja cultura, religião era de origem judia, isto fez com que algumas tribos tivessem mais importância que outras, gerando mudança drástica na região.<sup>24</sup>

### 1.3 – Ocupação espacial

Sendo Constantinopla a capital do Império Romano do Oriente, e com ela entrando o contato comercial e cultural, o Estado de Kiev desempenhou nos séculos IX a XII um grande papel na Europa. Os seus principais chefes desse período foram Sviatosláv, o Conquistador, grande guerreiro, que chegou a atacar com armas até às proximidades de Constantinopla; Volodymyr, o Grande que vai se converter ao Cristianismo e oficializou a religião no Estado de Kiev, criou ainda as estruturas hierárquicas da igreja ucraniana, elevou a cultura do povo, difundindo sua fé, segundo Portal.<sup>25</sup>

Entre altos e baixos na ocupação espacial, os ucranianos tiveram um bom período e este veio com o Estado Cossaco. Os cossacos preparavam-se para guerrear contra qualquer inimigo moscovita, polonês, turco ou tártaro. Havia uma assembléia, liderada por um príncipe e composta por guerreiros, cuja liberdade individual era grande. Em tempo de guerra um supremo oficial da assembléia tornava-se ditador e com plenos poderes. Esse tipo de exército chamou a atenção dos países da Europa Ocidental que procuram estabelecer relacionamentos com o novo Estado Cossaco. Esse motivo levou a Ucrânia a ficar conhecida na Europa.<sup>26</sup>

De “Zaporoz’ ka Sitch” os cossacos queimaram as cidades russas de Sinop e Trebisonda, por volta de 1614 e 1616, onde libertaram milhares de escravos cristãos do mercado crimeu de Kaffa. Cinco anos mais tarde derrotaram o exército turco numa batalha

---

<sup>24</sup> MIRCHUK, J. Idem p. 74

<sup>25</sup> PORTAL, Roger. Op., cit., p. 36.

<sup>26</sup> BORUZENKO. Op., cit., p. 21

chamada de Chatyn. Após uma a série de guerras polaco-ucranianas durante três séculos de lutas e aprovações, conseguiu a tão almejada independência nacional.<sup>27</sup>

Quanto a esse fato, afirma Boruszenko:

Após várias tentativas, num levante poderoso desses cossacos, sob a chefia do hétman Bohdan Khmelnytskyj, a Ucrânia reconquistou em 1648, a independência nacional, adotando a forma de República dos Cossacos Ucrânicos, governada por hétmans eleitos.<sup>28</sup>

Foram esses cossacos ucranianos que exerceram um decisivo papel na defesa de Viena e Hungria, em 1683 contra a invasão dos turcos. O próprio papa Inocêncio XI apoiou moral e financeiramente grupos cossacos para a defesa da Europa cristã contra os turcos.<sup>29</sup>

Os cossacos sempre mantinham na linha de frente uma média de 20.000 homens lutando, especialmente quando se tratava de conflitos contra asiáticos. Vitórias importantes foram conquistadas, porém em 1684, o vaticano celebra com solenidade religiosa, agradecimentos e homenagens ao Estado Ucrânico que salvou a Europa do avanço turco e das ambições do Czar moscovita.<sup>30</sup>

Tratados, guerras, e a busca pela independência, foram marcantes na história da Ucrânia, até mesmo em sua contemporaneidade já no final do século XX.

Procurando livrar-se de agressões, ambições e invasões de todos os seus vizinhos, a Ucrânia sofreu atraso em seu desenvolvimento e sua população foi massacrada. E exemplo disso, nota-se que, com os russos, a submissão tornou-se uma rotina. Após derrotarem os russos na batalha de Konotop, os ucranianos voltam a sonhar com a oficialização da liberdade, porém em 1709 as forças do czar moscovita Pedro I retomam posições na Ucrânia Oriental dominando todo o território. O fim do Estado Ucrânico deu-se 55 anos mais tarde, no reinado de Catarina II.

---

<sup>27</sup> *Boletim Informativo* da Casa Romário Martins V.22, nº108, Curitiba: 1995, p. 03

<sup>28</sup> BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucrânica no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1979, p. 425

<sup>29</sup> PORTAL. Op., cit., p. 28

<sup>30</sup> HORBATIUK. Op., cit., p. 52

Referindo-se ao episódio, Burko, afirma:

No ano de 1764, para substituir o último hétman ucraniano, Cirilo Rozumovskyi, instituiu-se uma comissão, dirigida por um delegado russo. Finalmente em 1775, foi destruída pelo exército russo, a última praça forte dos ucranianos, a famosa “Zaporoz’ ka Sietch”.<sup>31</sup>

Famosa por sua forma democrática “Sietch” possuía hierarquia e riquezas com diferenças. Quanto este aspecto relata Portal:

A Sietch dos Zaporójetsi ficou na história com protótipo de uma sociedade cossaca e deu origem a um mito feito de realidade e de lenda, em que a cossacaria está representada com uma comunidade livre e democrática, detentora das mais belas qualidades de coragem, defensora da fé ortodoxa contra o Crescente<sup>32</sup>, amparo forte do povo russo perante os chamados nômades das estepes.<sup>33</sup>

Por volta de 1795, as terras ucranianas que estavam sob o domínio polonês, passaram para o controle russo grande parte delas, enquanto a Áustria ficava com a parte ocidental, a Galícia e a Bucovina. Tal fato inicia-se em 1792, quando da partilha da Polônia, e pela primeira vez os impérios aceitam que os ucranianos sejam dominados por outra nação oriental a própria Polônia.

Dessa forma, a Ucrânia perdeu toda sua autonomia, o povo foi reduzido ao mais baixo nível da vida nacional e social. As prisões, deportações, bens confiscados e torturas, eram aplicados pelos russos que pretendiam transformá-los em russos ou exterminá-los.<sup>34</sup>

O século XIX, caracterizado por movimentos nacionalistas, permitiu que a Ucrânia manifestasse literariamente sua cultura. Isto refletiu basicamente na história deste povo, aspecto que trataremos mais adiante.

<sup>31</sup>BURKO, Valdomiro. Op., cit., p. 29.

<sup>32</sup> Bandeira e armas do Império Turco são fornadas com meias-lua.

<sup>33</sup> PORTAL, Roger. *Os Eslavos: Povos e Nações*. p. 278.

<sup>34</sup> HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*, p. 64.



No início dos anos de 1900, escritores, poetas e historiadores começam a escrever sobre a massa camponesa e suas necessidades, suas terras e a condição miserável de algumas regiões, em especial da Bucovina e Galícia. O poeta Iúri Fedkovitch (1834-1888), usa a linguagem pitoresca dos Cárpatos e escreve novelas expressando a idéia da união do povo ucraniano em uma nação bucovina. Aqui não podemos deixar de lado o trabalho da escritora Olgha Kobulanska (1863-1942), que trata dos mesmos temas, porém procura destacar um espírito de luta. Esta autora atuou como membro ativo do movimento feminino na “Sociedade das Mulheres Rutenas”.<sup>35</sup>

As sementes dos intelectuais ucranianos vão aparecer já no início do século XX com a consciência marcada para um nacionalismo da população, especialmente das aldeias. É aqui que nasce a Sociedade Revolucionária Ucrânia e esta inclui em suas metas a independência, que mesmo num curto período constitucional fez um bom progresso. A educação chegou aos adultos, livros e revistas espalharam-se pelas aldeias e aos poucos os camponeses acordavam para uma consciência nacional e procuravam soluções para as questões sociais.<sup>36</sup>

Na Galícia o progresso avançou rapidamente e quando iniciou a Primeira Guerra Mundial notou-se que havia um bom sistema de educação, cooperativas e comércio, mesmo em conflito com os poloneses a região procurou avançar.<sup>37</sup>

Em 22 de janeiro de 1918, a Ucrânia consegue mais uma vez a sua independência, tornando-se República Nacional da Ucrânia, sob a chefia de Symon Petlura, esta, entretanto teve pouco tempo de duração.

A história da Ucrânia nos mostra que as mesmas potências que reconheceram sua independência pelo tratado de “*Berest – Litovsky*”<sup>38</sup> queriam explorar suas provisões de produção agrícola devido às terras férteis do rico território. Após uma série de movimentos revolucionários, a independência da Ucrânia findava em 1922.

---

<sup>35</sup> Sociedade a que pertenciam escritores, num esforço para salvaguardar os valores civilizadores próprios da Ucrânia e para dar ao povo ucraniano a mais alta existência cultural.

<sup>36</sup> BURKO, Valdomiro. Op., cit., p. 45.

<sup>37</sup> MIRCHUK, J. *Ukraine and People*, p. 91.

<sup>38</sup> Tratado de paz assinado entre o governo bolchevique russo e as potências centrais da Europa (Império Alemão, Austro-húngaro, Búlgaro e Otomano) em 1921.

As terras repisadas, estradas arruinadas, aldeias abandonadas, a fome apareceu e os animais estão perambulando a procura de alimentos, este é o sinal da incorporação da Ucrânia pela União Soviética.<sup>39</sup>

Sob a denominação de República Ucrâniana Soviética, esta nação passou a integrar a potência russa, permanecendo como região autônoma, mas perdeu a soberania, passando a obedecer aos princípios básicos da constituição do marxismo-leninismo, gerando um anseio de todo o povo ucraniano na formação de um país independente. Assim comenta Mirchuk:

Há um sentimento geral de injustiça que estimula a vontade do povo a utilizar toda a oportunidade de lançar uma campanha pela vida do Estado Nacional.<sup>40</sup>

Neste período o governo soviético é acusado de aniquilar milhares de pessoas: políticos, artistas, escritores, cientistas etc. (pesquisadores e mídia). Muitos representantes da cultura ucraniana foram proibidos de imprimir ou expor suas obras. Então a Ucrânia sente que seus direitos estão limitados, especialmente o econômico, o político e de não possuir relacionamento com outros países. A língua ucraniana deixou de ser oficial e foi afastada dos órgãos públicos e escolas. A Ucrânia reduziu-se a uma parte da URSS, sua produção agrícola em grande parte é enviada para fora de seu território. Isso mostra que para os russos a situação estava decidida desde 1922, quando Starikov<sup>41</sup> declarou que a Ucrânia não poderia se manter sem a proteção russa, inclusive alegando uma inferioridade racial do ucraniano.<sup>42</sup>

Diversos fatos que geraram mudanças tanto na Europa como no mundo, vieram automaticamente atingir a Ucrânia politicamente, em especial a Revolução Russa de 1917, o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918 e a anulação do Tratado de Riga<sup>43</sup> em 1921. Obviamente aqui findou a independência da Ucrânia central, isto porque o governo de

---

<sup>39</sup> HANEIKO, Valdomiro. *Em Defesa de uma Cultura*, p.10.

<sup>40</sup> MIRCHUK, J. *Ukraine and People*, p. 35. There is a general feeling of injustice that spurs the people's determination to utilize every opportunity of launching a campaign for the life of the national state.

<sup>41</sup> Procurador soviético do inquérito **Sergadieiev** contra o grupo de nacionalistas ucranianos.

<sup>42</sup> HANEIKO. Op., cit., p.17.

<sup>43</sup> "Através desse tratado a independência da Ucrânia acaba sendo anulada por Khristiam Rakovski, representante do governo comunista ucraniano que vendeu os nacionalistas no parlamento e concorda em ingressar na URSS em 1924".

Kristian Rakovski, já havia derrotado os nacionalistas e concorda ingressar na URSS em 1924, levando a população ao desespero diante ao chamado mundo comunista russo.<sup>44</sup>

#### **1.4 - A Ucrânia como República Soviética**

No período chamado entre guerras, a Europa pede socorro ao mundo para a reconstrução espacial do continente, isto envolveu o físico, o político, o econômico e o social. Aqui notamos o difícil jogo de poderes e o oceano de ideologias em disputa para a época.

Cabe ressaltar que as correntes migratórias ampliam-se no planeta, as disputas espaciais e políticas também direcionam os governos, povos e nações.

No início da década de 1930, Stalin decidiu aplicar uma nova política para a URSS, através da transformação radical e acelerada das estruturas econômicas e sociais, buscando alguns objetivos como a coletivização do campo, industrialização e pressão na produção de todos os trabalhadores. A coletivização, ou seja, a apropriação pelo Estado soviético das terras, colheitas, gado e utensílios pertencentes aos camponeses. Dessa forma, o Estado passaria a estabelecer planos de coletas para a produção agropecuária, que lhes permitiam de modo regular e quase gratuito, abastecer as cidades e as forças armadas, bem como exportar. Por outro lado, pretendia-se estabelecer um efetivo controle político administrativo sobre o campesinato, forçando-o a apoiar o regime soviético. Esse apoio seria igualmente garantido com a eliminação da camada social mais próspera e favorável à economia de mercado, os kulaks.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> HANEIKO. Op., cit., p. 16

<sup>45</sup> Os médios proprietários de terras, Kulaks, como não concordaram com a coletivização em suas propriedades, foram acusados de traírem a revolução.



Figura 01: Mapa da Europa com a localização da Ucrânia.

Fonte: Internet / [http:// webbusca.com.br/atlas/europa](http://webbusca.com.br/atlas/europa). Acesso em: 10/01/2008.

A industrialização acelerada na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, teve base nas receitas financeiras da exportação dos produtos agrícola, sobretudo dos cereais.<sup>46</sup>

A coletivização acelerada na agricultura e a liquidação dos kulaks enquanto classe camponesa foi desencadeada por decisão do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e oficializou-se na safra de 1929. Tal decisão teve conseqüências trágicas para milhões de pessoas, especialmente para os camponeses que possuíam as terras mais férteis como a Ucrânia. Para a execução deste processo, Membros do Partido Comunista que estavam no campo foram apoiados por brigadas de operários e de “ativistas” vindos dos centros urbanos. Sendo a União Soviética um país em que a fratura entre o mundo dominante

<sup>46</sup> *Boletim Informativo* da Casa Romário Martins V.22, nº108, p. 07, Curitiba: 1995.

das cidades e o mundo dominado das aldeias continuava a ser profunda. A coletivização foi sentida como uma verdadeira guerra declarada pelo Estado contra o modo de vida e a cultura camponesa tradicional.<sup>47</sup>

Os camponeses das repúblicas russas tornaram-se a maior parte da população soviética antes da Segunda Guerra Mundial, depois de serem obrigados através de todo tipo de abusos e violências, a entregar os bens, são forçados a aderir às explorações agrícolas coletivas (kolkhozes). Estas se destinavam a abastecer de forma regular e quase que gratuita o Estado com produtos agrícolas e pecuários, através de planos de coletas fixados pelas autoridades centrais.<sup>48</sup>

Com base em acusação arbitrária de pertencerem à categoria dos kulaks (camponeses ricos e hostis ao poder soviético), os “socialmente estranhos” ao novo sistema agrícola kolkhoziano, são despojados de suas terras a título definitivo para outras regiões, principalmente para o Cazaquistão e Sibéria, chegando acerca de dois milhões e oitocentos mil camponeses deportados, segundo dados em carta aberta de Avraam Shifrin enviada a ONU e publicada pelo Comitê de Defesa dos Presos Políticos da URSS, Nova York, em 06 de junho de 1972 e se encontra na obra *Em Defesa de Uma Cultura* do padre Valdomiro Haneiko publicado em 1974.

Na colheita de 1931 trezentos e quarenta mil camponeses ucranianos foram retirados de suas terras e seguiram para territórios distantes e inóspitos, entre os quais muitas crianças morreram de frio ou fome, onde aproximadamente trinta mil foram fuzilados por manifestações, revoltas e distúrbios por diversas regiões agrícolas do interior da Ucrânia.<sup>49</sup>

As terras férteis dos vales dos rios Don e Volga, no norte do Cáucaso receberam perto de três milhões de camponeses como um desafio para os camponeses que ali viviam, produziam e desenvolviam seus costumes. Notamos aqui que as motivações da sublevação camponesa são múltiplas, surgindo de acordos suscitados pela intransigência do Estado soviético: recusa em aderir aos kolkhozes; oposição à política anti-religiosa das autoridades

---

<sup>47</sup> HANEIKO, Valdomiro. Op., cit., p. 33

<sup>48</sup> HANEIKO, Valdomiro. Op., cit., p. 38

<sup>49</sup> TSVIETROV, Viceslav. *Pequena História da Ucrânia* – Rush, p. 16.

(encerramento das igrejas, confiscação dos sinos, vandalismo anti-religioso dos ativistas da chamada Juventude Comunista); solidariedade com os kulaks e outros “elementos anti-soviéticos” vítimas de perseguição; resistência a confiscação pelos órgãos estatais de coleta, de uma crescente percentagem da produção agropecuária, através de “desvios” e roubos da colheita “coletiva”, numa conjuntura econômica cada vez mais degradada.<sup>50</sup>

Em âmbito geográfico e com conhecimento das autoridades soviéticas, aconteceu o que ninguém esperava; a falta de alimento em regiões produtoras de cereais. A situação foi particularmente grave, devido à desorganização no ciclo produtivo causado pelas medidas de deskulakização a qual visou reprimir e eliminar as elites camponesas. Foi neste período que a Ucrânia sentiu o decréscimo de sua população e o início da grande fome conhecida como *Holodomor*.<sup>51</sup> Apesar da fome da Ucrânia fazer parte de um acontecimento que afetou também outras regiões da URSS, o termo *Holodomor* é especificamente aplicado aos fatos ocorridos nos territórios habitados pela etnia ucraniana, em especial nas regiões de solo fértil, muito cobiçado na história do povo ucraniano. Como tal, o *Holodomor* é por vezes designado de “genocídio ucraniano” ou “holocausto” ucraniano, significando que esta tragédia resultou de uma ação deliberada de extermínio desencadeada pelo regime soviético visando especificamente o povo ucraniano, enquanto entidade étnico-social.<sup>52</sup>

Tendo em consideração a definição legal de genocídio, verifica-se um crescente consenso dos historiadores europeus relativamente à natureza genocida do *Holodomor*. Simultaneamente há um número cada vez maior de países que o reconhecem oficialmente como um ato de genocídio.

Planejado e posto em prática pelo regime comunista, *Holodomor* bem como massivas repressões políticas, tornaram-se uma catástrofe nacional, que chocou o mundo pela sua amplitude e crueldade. Historiadores, sociólogos ucranianos e russos já estão a uma década estudando o fato que esta sendo chamado por alguns de “a fome artificial”.

---

<sup>50</sup> HANEIKO, Valdomiro. Op., cit., p. 57

<sup>51</sup> “Resultado da expressão ucraniana **moryty holodom**, que significa matar pela fome”. O termo foi utilizado em pesquisa pelo escritor Oleksa Musienko, num *relatório historiográfico* apresentado à União dos escritores ucranianos na Universidade de Kiev, em 1988.

<sup>52</sup> ANDREAZZA, Maria. Luiza. *Cruz e Espada: a presença eslava no Brasil Meridional*. Curitiba, Grafipar, 1989. p. 108

A mais acurada estatística não seria capaz de espelhar a profundidade e amplitude das conseqüências sócio-econômico, políticas, morais e psicológicas do “Holodomor”, que assolou unidades administrativas de população total acima de 40 milhões de pessoas e perdurou por quase dois anos. A trágica fome não foi um fenômeno natural, mas completamente artificial. Pelo seu direcionamento anti-ucraniano e pela escala da sua implantação a fome artificial do início dos anos trinta revelou-se como uma modalidade das mais cruéis aniquilações de agricultores ucranianos, foi um ato consciente de terrorismo do sistema político contra pessoas pacíficas, que teve como conseqüência o extermínio de inteiras gerações de lavradores e pequenos proprietários da agricultura, que arruinou as bases sociais da nação, suas tradições, espiritualidade e cultura popular. Só durante os anos de 1932-1933 morreu um quinto da população agrícola da Ucrânia. Por diversas estimativas de cientistas e pesquisadores a perda de população da Ucrânia resultante da fome então provocada artificialmente foi entre três a dez milhões de pessoas, sendo que acima de um terço destas eram crianças.<sup>53</sup>

A ocorrência do *Holodomor* era totalmente silenciada pelo regime então no poder. O renascimento da Ucrânia independente no final do século XX, permitiu eliminar o tabu deste tema, determinar suas causas e conseqüências, reconhecê-lo em nível de Estado. Testemunho disto é a assinatura dos respectivos decretos do Presidente da Ucrânia de 26 de novembro de 1998 “Sobre a criação do Dia da Memória das Vítimas do *Holodomor* na Ucrânia”. O reconhecimento deste fato por pesquisadores, instituições universitárias e o próprio Congresso Nacional da Ucrânia, elevaram a criação de uma Comissão para estudo relacionado ao acontecimento e a construção de um memorial nacional na capital Kiev. Em 28 de novembro de 2002, o congresso ucraniano aprovou uma Resolução relativa aos 70 anos do *Holodomor* e nela caracterizou o *Holodomor* como política de genocídio.<sup>54</sup>

A nível internacional, o *Holodomor* ocorrido na Ucrânia, foi reconhecido em 1988 como um fato histórico e real pelo Congresso dos Estados Unidos da América e pela Comissão Internacional de Juristas da ONU. A Comissão Internacional de Pesquisa da fome dos anos 1932-1933, na Ucrânia serviu-se das normas de Direito Internacional de aceitação geral, principalmente da Convenção da Assembléia Geral da ONU de combate ao crime de genocídio e sua penalização datada de 9 de dezembro de 1948. Nesta, o genocídio significa ato perpetrado com a intenção de aniquilar totalmente ou parcialmente grupo nacional, étnico,

---

<sup>53</sup> Documento estatal do governo da República ucraniana. *Boletim informativo para consulado* 04.04.2006. (Texto cedido pelo Consulado Ucraniano – Curitiba, 2006)

<sup>54</sup> *Boletim informativo para consulado* em 10.04.2006. Departamento de Estado Consulado Ucraniano – Curitiba – 2006.

racial ou religioso, especialmente com a criação para membros do grupo de condições de vida onde sejam capazes de provocar seu aniquilamento físico total ou parcial.<sup>55</sup>

A fome do início dos anos de 1930 não é somente passado histórico, mas uma profunda catástrofe social e demográfica do século XX, ferida aberta de caráter moral e psicológico, que atormenta com terrível dor a memória dos que a presenciaram. O sentimento social e fisiológico de pavor provocado no povo com repressões massivas e com o *Holodomor* está vivo na consciência de muitas gerações.

A história mundial é um Juízo mundial, pois a constatação dos fatos significa responsabilidade social de cada povo. Para os ucranianos, o *Holodomor* é uma sepultura aberta, pois milhões de ucranianos não foram sepultados segundo o ritual cristão. Por isso, é necessário reconhecê-los como vítimas do terror político, vítimas de genocídios, para que os sacerdotes possam encomendar suas almas de acordo com o ritual Religioso.<sup>56</sup>

O reconhecimento da fome artificial na Ucrânia como ato de genocídio pelos órgãos internacionais, revestir-se-á de um significado fundamental para a estabilização das relações políticas e sociais na Ucrânia e significará o resgate de justiça histórica para esta população.

Em termos demográficos, a mortalidade na Ucrânia, à semelhança dos outros territórios soviéticos atingidos pela fome, incidiu fundamentalmente sobre a população camponesa, independentemente de sua origem nacional. No entanto, o regime soviético tinha a perfeita consciência de que essa população continuava a representar a “espinha dorsal” da nacionalidade ucraniana, já que a nação era praticamente rural, pois residiam em aldeias, em contraste com as cidades que se caracterizavam por serem etnicamente mais cosmopolitas (russos, judeus, poloneses, etc.). No decurso da tragédia, o Estado soviético continuava a exportar milhões de toneladas de cereais, além de acumular enormes reservas estratégicas.

Caminhando em direção a um isolamento do mundo, a Ucrânia é apenas mais uma república da URSS, produzindo grãos, fragmentando sua cultura, sofrendo repressão e vendo seu nacionalismo mergulhar no ostracismo. Ao mesmo tempo intelectuais eram tratados como

---

<sup>55</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins “Os Ucranianos” BORUSZENKO. Fundação Cultural de Curitiba: V.18, 1991, p.11.

<sup>56</sup> Eparquia ucraniana de São João Batista. *A Divina Liturgia no Rito Bizantino-ucraniano*. Curitiba: 1998. Missal, p. 10.



subversivos ou parte da elite ucraniana, fato este que levou o escritor Mykola Khvylovy a cometer suicídio em 13 de maio de 1933. Devido à convicção que na Ucrânia a elite protegia os camponeses especialmente as aldeias, o regime soviético resolveu enfrentar de forma conjunta todos as classes sociais da Ucrânia que tentassem auxiliar qualquer cooperativa, aldeia ou grupos de camponeses que reivindicassem algo do estado russo.<sup>57</sup>

Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial a Ucrânia é surpreendida com a infiltração de 40 mil funcionários soviéticos em suas instituições públicas, especialmente políticas, sociais, culturais e dos institutos pedagógicos. Desses 4 mil professores de Moscou, grande parte de intelectuais como professores, atores, pintores e jornalistas são acusados injustamente pela polícia política e se tornam alvo de perseguição. Até membros do Partido Socialista Ucraniano foram enquadrados ou advertidos pelo governo russo. Estava claro que acontecia neste momento uma política de nacionalidades ocorrendo na Ucrânia, fragmentando os grandes grupos de resistência. Deste modo toda a sociedade ucraniana foi sujeitada a enorme violência, comprometendo-a por muitas décadas, o seu processo de identidade nacional.<sup>58</sup>

O Imperialismo russo – primeiro o Czarismo, depois o Socialismo veio sob o pretexto da “fraternidade dos povos”, porém encheramos agora o aniquilar da herança cultural e espiritual da Ucrânia: sua língua, sua tradição, sua religião e até sua identificação nacional, impondo-lhe algo estranho à sua essência.<sup>59</sup>

Sendo a Ucrânia uma nação de grande dimensão territorial (603.700 km<sup>2</sup>), o governo russo sabia da resistência e que dentro da URSS era quase que impossível russificar tanta etnia, e culturas tão heterogêneas além de evitar qualquer notícia de pressão, massacres e conflitos gerais para o mundo, foi aqui que apareceu a KGB<sup>60</sup> para controlar toda a situação. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os conflitos se intensificaram por toda a Europa e os ucranianos deram suas vidas pelo Exército Vermelho, produziram muito cereal para o

---

<sup>57</sup> ANDREAZZA. Op., cit., p. 110

<sup>58</sup> ANDREAZZA. Op., cit., p. 112

<sup>59</sup> HANEIKO, Valdomiro. *Em Defesa de uma Cultura*, p.06.

<sup>60</sup> (Komitet Gosudarstvenno Bezopasnosti) Comitê de Segurança de Estado, agia como agencia de informação e segurança (Serviço Secreto) da Antiga União Soviética.

sustento das tropas soviéticas, receberam fábricas de armas, foram usados como prisioneiro e escravos pelos alemães.<sup>61</sup>

A política nacional na Ucrânia desde o princípio do governo soviético, mereceu uma crítica especial por parte dos acusados. O estado russo foi responsável pela acusação em massa de milhões de ucranianos pelo crime de nacionalismo. Milhões de pessoas foram aniquiladas, constando neste número milhares de políticos comunistas, escritores, artistas, professores, cientistas, poetas, historiadores e outros grandes representantes da cultura nacional. Neste período foi preso o jornalista e tradutor Viatcheslaw Tchernovil, que escreveu:

Quem é lançado hoje atrás das grades? Estão julgando a juventude que nasceu e cresceu sob o regime soviético, que foi educada na escola soviética, no ensino superior e na organização juvenil dos soviéticos e julgam eles como nacionalistas burgueses. Estas pessoas nunca conheceram um regime burguês... A quem interessa o massacre sobre tais jovens que ainda se obrigam a falar o russo?<sup>62</sup>

O sentimento nacionalista nunca sucumbiu na Ucrânia, entre os trabalhadores, especialmente quando seus vizinhos inimigos não lhes davam trégua, mesmo assim a russificação<sup>63</sup> continua até os anos 80, quando surge a nova política de Perestroika<sup>64</sup> na URSS. Os sentimentos nacionalistas são reacesos, e em 1990 o parlamento comunista da Ucrânia, proclama a soberania.

Optando para certo fechamento com o ocidente, o governo soviético manipulou tudo o que acontecia com as repúblicas da União, especialmente o que se escrevia na imprensa, já que jornalistas estrangeiros pouco se aventuravam para o leste europeu. Mas isso não foi o suficiente para se esconder tal clamor. Correspondências diplomáticas chegaram às embaixadas da Itália, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos em várias partes do mundo, onde denunciavam massacres sobre o povo ucraniano. Com o fim do conflito e a re-divisão da Europa, a ONU interfere em algumas situações, em especial ao deslocamento de camponeses

---

<sup>61</sup> Documento estatal do governo da República ucraniana. *Boletim informativo para consulado* 26/04/2006 - Curitiba.

<sup>62</sup> HANEIKO, Valdomiro. Op., cit., p. 25

<sup>63</sup> Tornar ideologicamente russo. Fazer adotar usos e costumes russos; soviétizar.

<sup>64</sup> Reestruturação em russo: a reestruturação da política econômica na ex-URSS.

ucranianos de diversas partes do leste europeu para a emigração rumo ao ocidente, trilhando caminhos já percorridos por sua etnia, especialmente para a América.

## II - A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

### 2.1 – Razões pelas quais emigraram.

**Toda a viagem tem sempre os mesmos momentos consecutivos: a partida, que produz ontogeneticamente o trauma do nascimento, o instante em que cada um de nós é expelido do útero para a viagem da vida, e filogeneticamente o momento em que os primeiros homens abandonaram a sua pátria; o percurso, travessia biográfica recapitulando travessias pré-históricas; a chegada, o novo habitat, savana, pradaria, floresta; e, sobretudo o momento humano por excelência, que movimenta todo esse processo, a viagem com o desejo, a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país sonhado.**

S. P. ROUANET

Em diferentes momentos o europeu representou a América com o Paraíso. A partir de Colombo (1492), as mais variadas formas de expressão colocaram o Novo Mundo num espaço paradisíaco, gerando lendas, uma vasta iconografia e acima de tudo, alimentando esperanças e ilusões.

Esses deslocamentos eram motivados pela construção de uma nova realidade. Ninguém migra à longa distância sem que exista, ao lado das condições objetivas da vida, um impulso, muito subjetivo, na esfera da esperança, chamado por alguns de “ilusão imigratória”.<sup>65</sup>

Certamente, “o fazer a América” no século XIX, ampliou a metamorfose do grande fluxo de europeus transferindo-se para a América, realizando o movimento conhecido como a Grande Migração. É provável que os participantes dessa aventura imigratória tivessem a firme

---

<sup>65</sup> Expressão utilizada por Fausto Britto, em sua exposição no *IX Congresso de Estudos Populacionais*. 10/14 de outubro de 1994 em Curitiba.

crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhes garantirem melhores condições sociais.

Particularmente quando a imigração ucraniana veio para o Brasil<sup>66</sup>, um pároco expõe em 1911, o Livro Tombo, que reafirma a crença de tal etnia encontrar na América, a “Terra Prometida”:

A prepotência dos ricos sobre os pobres foi a causa porque o povo ia aos poucos abandonando a terra de seu berço com o intuito de além do vasto oceano melhorar a sua deplorável condição. Primeiramente eram a América do Norte, Canadá, os países onde o povo affluia de la granjear-se um sofrível sustento. Só mais tarde foi considerado o Brasil, como um Paraíso de Delicias ao qual principiou em 1894 emmigrar o nosso povo ucraniano da Galícia oriental.<sup>67</sup>

Essas ponderações indicam que a imigração dos ucranianos não se restringia aos fatores subjetivos. Elas deixam claro que um emaranhado de forças, interagiu para estimular o abandono da terra natal, destacando as condições de submissão social e econômica das camadas populares que, nessas condições, se viam forçados a emigrar.

Entender o “velho” continente europeu dentro do mundo medieval, servidão e absolutismo, é algo de enorme complexidade, especialmente quando mergulhamos no campo das etnias. Aqui nos referimos ao grupo ucraniano numa situação de emigração deixando o leste da Europa e vai seguir caminhos por onde já outros grupos estavam trilhando especialmente, italianos, alemães e poloneses em direção ao Brasil.

Wellington José Campos, baseado na obra de Perry Anderson: *Linhagens do Estado Absolutista*. Ele procura entender o raciocínio historiográfico deste autor em relação a Europa do século XVI em diante, que busca analisar os camponeses no espaço geográfico, político, social e econômico com o objetivo de delinear uma nova perspectiva historiográfica, a partir de sua discordância com as abordagens precedentes. Anderson nos direciona para um foco amplo no que tange a Europa ocidental e oriental, suas diferenças e o descompasso social

---

<sup>66</sup> Ver nota 02.

<sup>67</sup> LIVRO TOMBO DO CURATO. 1911-1980, Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, p. 1-2. Curitiba / PR.

dentro de uma análise das estruturas “puras e impuras”, tendo como objetivo: [...] examinar simultaneamente o absolutismo europeu e em particular as estruturas puras do estado absolutista, que constituem enquanto categoria histórica fundamental, como as variantes impuras, representadas pelas diferentes monarquias específicas da Europa pós-medieval.<sup>68</sup>

As divergências do leste com o ocidente nos estudos tradicionais nos levam apenas perceber as diferenças regionais, porém entender tal fato é quando encontramos os modos de produção, as crises e os limites do poder feudal numa sociedade dominada por grave e antiga miséria, por prejuízos, foram originados por angustias econômicas, alimentavam conflitos, servidão e estados absolutistas. Neste sentido podemos notar que este período envolve uma série de acontecimentos, como por exemplo: a acumulação primitiva de capital, a eclosão da reforma religiosa, a formação das nações, a expansão do imperialismo ultramarino e o advento da industrialização.

As controvérsias acerca dos estados absolutistas são importantes, pois permitem delimitar as transformações de um modo de produção feudal para um sistema capitalista, sendo que “[...] a solução correta é, na verdade, vital para a compreensão da passagem do feudalismo para o capitalismo na Europa, e dos sistemas políticos que as diferenciaram”.<sup>69</sup>

Assim, essa característica da estrutura absolutista não significou o fim das relações feudais no campo, pois a propriedade agrária aristocrática impedia um mercado livre na terra e a mobilidade efetiva do elemento humano, isto é, enquanto o trabalho não foi separado de suas condições sociais de existência para se transformar em “força de trabalho”, as relações de produção permaneciam feudais.

Em se tratando do leste da Europa, de onde partem o grupo em estudo nesta pesquisa, há algumas peculiaridades, Anderson discute que foi analisado pela historiografia ortodoxa de forma a omitir do seu caráter particular, ou seja, a diversidade temporal, as estruturas políticas e as relações sociais, que apresentam grande diferenciação de região para região. Para Anderson existem muitas diferenças no lado leste, que até necessita de uma análise em separado, pois, essas diferenças irão compor todo o quadro de transição que perpassou o leste europeu. A própria divisão cronológica é fundamental para melhor

---

<sup>68</sup> ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense. 1998, p. 7-8.

<sup>69</sup> ANDERSON, Perry. Op., cit., p. 17.

compreensão da formação do Estado absolutista no leste europeu. Outro fator é a função política desse Estado, que tem funções diferenciadas e serviram a diferentes propósitos tanto no Ocidente quanto no Oriente. O Estado absolutista do leste, ao contrário do Estado absolutista do Ocidente, apresentou um grau de violência maior, em função da reação senhorial que supria ao máximo as liberdades comunais, consolidando ainda mais o trabalho servil. Anderson evidencia que a distância entre o Estado absolutista no Ocidente, e no leste pode ser medida cronologicamente. Na Prússia a reação senhorial da nobreza havia derrubado a maior parte do campesinato no século XVI, cem anos antes do estabelecimento do Estado absolutista no século XVII. Na Polônia não houve um Estado absolutista e esta foi uma falha pela qual a classe nobre pagaria com sua própria existência nacional. Na Hungria, a imposição da servidão ao campesinato aconteceu após a guerra austro-turco, na virada do século XVII. Na Rússia, a implantação do regime servil e a construção do absolutismo mostram certa consonância, mas ainda assim o seu desenvolvimento não foi sincronizado.

A situação espacial do solo europeu, o campesinato e a concentração das terras em poder dos nobres, forçaram situações conflitantes em relação aos motivos emigratórios de toda Europa. Aqui em relação a tal fato, Perry Anderson analisa:

[...] Uma vez que as relações servis de produção envolvem uma fusão direta de propriedade e soberania, domínio do poder e domínio da terra, não há nada em si de surpreendente em um estado nobiliário policêntrico, como o que existiu originalmente na Alemanha transilvânica, na Polônia ou na Hungria depois da reação senhorial do Leste. Para explicar a ascensão subsequente do absolutismo é necessário, em primeiro lugar, reinserir todo o processo da segunda servidão no sistema político internacional da Europa feudal na última fase.<sup>70</sup>

O que marcou o desenvolvimento desigual do feudalismo na Europa não foi a balança comercial, mas o equilíbrio militar, pois as bases de sua formação e expansão eram dadas através das conquistas territoriais. Dessa forma, o equilíbrio entre o leste e o Ocidente era militar, pois haveria grande possibilidade de invasões a partir do Ocidente e este fator foi decisivo para que o leste europeu se configurasse de tal modo a resguardar sua integridade territorial, sobre tudo sua formação política.

---

<sup>70</sup> ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 169.

Segundo Anderson, foi a pressão internacional do absolutismo do Ocidente que forçou a nobreza do leste a adotar uma máquina de Estado para sobreviver. Visto que ao contrário, a superioridade militar dos exércitos absolutistas, “cobraria seu tributo” através da guerra, que era tradição no modo de expansão de seus territórios. “[...] a forma concreta inicialmente assumida pela ameaça militar do absolutismo ocidental foi, para a sorte das nobrezas orientais, historicamente indireta e transitória.”<sup>71</sup> Portanto os estados absolutistas do leste europeu serão caracterizados pela intervenção de uma nobreza militar, que criará instrumentos que lhes possibilite organizar esses estados em aparelhos institucionais fortes militar e politicamente.

A fortificação do Estado absolutista no leste nos leva a refletir sobre a Rússia que foi uma nação estável da Europa, que persistiu até o século XX. “O czarismo russo sobreviveu a todos os seus precursores, e contemporâneos para se tornar o único Estado absolutista no continente a permanecer intacto até o século XX”.<sup>72</sup> Palco de intermitentes sucessões, o czar russo se caracterizava por diversas práticas políticas, que organizavam a estrutura socioeconômica do estado. A nobreza de caráter extremamente militar, foi de tamanha importância na ascensão política e militar da Rússia, recebiam concessões em forma de títulos e terras, práticas voltadas principalmente para àqueles que se dedicavam ao serviço do Estado.

Todos os que ocupassem determinadas posições no serviço militar do estado russo recebiam o grau de nobreza correspondente, o qual, acima de certos graus, tornava-se hereditário. Títulos e privilégios aristocráticos continuaram, portanto, até 1917, a ser relacionados pelo sistema político com as diferentes funções administrativas<sup>73</sup>.

Segundo a análise do leste europeu e seus países, destacamos um caso a parte, onde nota-se que não há uma separação entre a religião e o Estado. Como o campesinato não fica ausente do seu credo, torna-se fácil acompanhar o Estado. Com forte religiosidade no leste a Polônia, a Áustria e a Rússia, nos tornam claro que a Ucrânia encravada entre estas nações também mantinha a política da religiosidade e da disputa pelas terras entre nobres e camponeses, assim como recebia invasões por terras férteis de seus vizinhos, os quais sempre procuravam usufruir do solo ucraniano.

---

<sup>71</sup> ANDERSON, Idem, p. 196

<sup>72</sup> ANDERSON, Idem, p. 328

<sup>73</sup> ANDERSON, Perry. Op., cit., p. 346



A história do campesinato europeu dividiu o continente em duas vertentes, enquanto no ocidente o agir da aristocracia rural visava uma mentalidade capitalista, e comutará suas atividades adaptando-se a essa sociedade de transição, sobre a massa proletária. No Leste, a aristocracia rural criara uma máquina de repressão, este mecanismo mantém as formas de reprimir o desenvolvimento urbano, consolidando a servidão camponesa.

Precisamente, a construção do edifício absolutista “moderno” no Leste, requeria a criação da “arcaica” relação de serviço, outrora caracterizado do sistema feudal do Ocidente. Tal relação nunca criara raízes profundas no Leste; todavia à medida que ia desaparecendo no ocidente, com o advento do absolutismo, ela aparecia no leste, por exigência do absolutismo, sob uma violência introjetada das relações sociais inigualavelmente superior à do Ocidente.<sup>74</sup>

As etnias oriundas da Europa tiveram como base razões diversificadas para a emigração em direção a América, especialmente quando tratamos de Brasil. Obviamente que a emigração começa com grande força pelo lado ocidental e posteriormente chega ao Leste. Situações típicas das causas podem ser enquadradas como o esgotamento das terras para os camponeses, as péssimas relações entre trabalhadores e grandes proprietários, as crises agrícolas, a queda na produção acompanhado da fome, a opressão fiscal feita pelo Estado, sobre as terras produtivas, gerando uma miséria social. Nessas condições os camponeses sonhavam com outro tipo de vida num lugar bem distante, onde podiam trabalhar e viver com seus filhos.

Com a chegada de propagandas de terras no Brasil, os camponeses sentiram que podiam transformar seus sonhos em realidades, porém isto tinha um preço. As primeiras levas de emigrados para o Brasil, fizeram outro tipo de propaganda.

Dizia-se que o maior propagandista das oportunidades no Brasil para a emigração camponesa da Europa era o selo do correio. As etnias vinculadas ao cultivo do solo queriam saber das terras, permaneciam em silêncio imaginando como conseguir dinheiro para emigrar. Alguns vendiam o que tinham e financiavam sua própria partida.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> ANDERSON, Perry. Idem, p.225

<sup>75</sup> IANNI, Constantino. *Homens sem Paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 85.

Os conflitos no continente europeu sempre levaram à obrigatoriedade do serviço militar, provocando em muitos casos êxodo rural em algumas regiões, prejudicando a produção agrícola. Mas havia também outra razão pela qual o serviço militar contribuiu para impulsionar a emigração: a impopularidade do Estado e da guerra, entre outras causas, levava muitos a tentar emigrar antes de ser chamado às armas. Com o tempo, a emigração tornou-se um meio relativamente fácil para resolver problemas de conflitos sociais, pessoais e até familiares. Finalmente devemos lembrar os que sempre emigraram por motivos religiosos, raciais, e políticos, embora muitas vezes, tais motivos sejam apenas um véu tentando encobrir causas econômicas e sociais de uma outra natureza.<sup>76</sup>

Notamos que os processos imigratórios no Brasil são recentes em termos históricos, e podem ser inseridos na emergência do capitalismo. Em se tratando dos camponeses ucranianos ainda é bem próximo a nós cronologicamente. Ao findar o regime escravista no Brasil, etnias européias começam a substituir essa força de trabalho, deixando para trás os problemas da Europa e participando de outros no Brasil.

De um modo geral, a imigração é um investimento compensador; de um lado, o imigrante que significa força de trabalho; de outro é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. Além disso, sua mão-de-obra significou a oficialização do trabalho livre no Brasil, propiciou uma transformação na estrutura agrária brasileira e democratizou para a época o uso da terra, possibilitando o surgimento de uma classe média rural. Com o regime de pequenas propriedades, desenvolveram-se atividades agrícolas diversificadas, que contribuíram para dar maior equilíbrio às estruturas econômicas do país, sobretudo nas regiões beneficiadas pela localização de núcleos de colonização.

Após anos de emigração para o Brasil de etnias da Europa Ocidental, é que chegou, ao Leste do continente, a notícia de terras para camponeses no Sul do Brasil. Talvez, por tal motivo, a etnia ucraniana fosse a última leva de agricultores, que são chamados para criar uma agricultura de abastecimento. Baseado nesta análise, dentro das razões pela qual eles

---

<sup>76</sup> IANNI, C. op. Cit. p. 87.

emigraram, o professor Osyp Martenetz nos relata algumas situações da vinda para a América destes imigrantes.

O desenvolvimento histórico da imigração ucraniana no Brasil muitas vezes foi (e continua sendo) para o imigrante, condição a que não fica imune o pesquisador desta imigração: a falta de dados estatísticos comparativos que levem às cifras exatas relativas a essa corrente migratória, já que são muito escassos os documentos nos arquivos portuários ou similares. Essa escassez é agravada por contingências históricas, como, por exemplo, as divisões geográficas da Europa, quando diferentes formações étnico-culturais passaram por domínios políticos diversos e perversos, resultando isso em que muitos imigrantes da etnia entravam no país com passaporte do governo ao qual estavam submetidos.<sup>77</sup>

Não obstante, a maioria dos autores fixa o ano de 1896, como ponto de partida, pois data desse ano a saída da Galícia a primeira grande leva de camponeses ucranianos para o sul do Brasil. Consta ainda que um grupo de camponeses deixam a Bukovina região próxima a Galícia, em 1881 em direção ao Brasil, informações que não podem ser tomadas como referência em virtude da falta de documentação convergente. Estes camponeses pelo que se deduz, mesclaram-se com os habitantes locais, de modo que hoje constam apenas seus nomes na lista de migrantes eslavos.<sup>78</sup>

O Convencimento das propagandas por parte do governo brasileiro com as companhias transoceânicas chegou ao mundo eslavo muito depois de outras etnias. “Agentes” espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos tais agentes encontraram campo dos mais propícios para a sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> MARTENETZ, Osyp. Relatório do 1º. Seminário Ucraniano no Brasil, Prudentópolis, 1996.

<sup>78</sup> Lista 76. Ordem 664. Cx. 09 *Emigração*. Arquivo Histórico Estatal da Ucrânia. Lviv. 1896. In BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS, v. 22 n. 108. 1995, p. 07.

<sup>79</sup> AMARAL, Luiz. *História Geral da Agricultura Brasileira*, São Paulo: Nacional, 1978, p. 226.

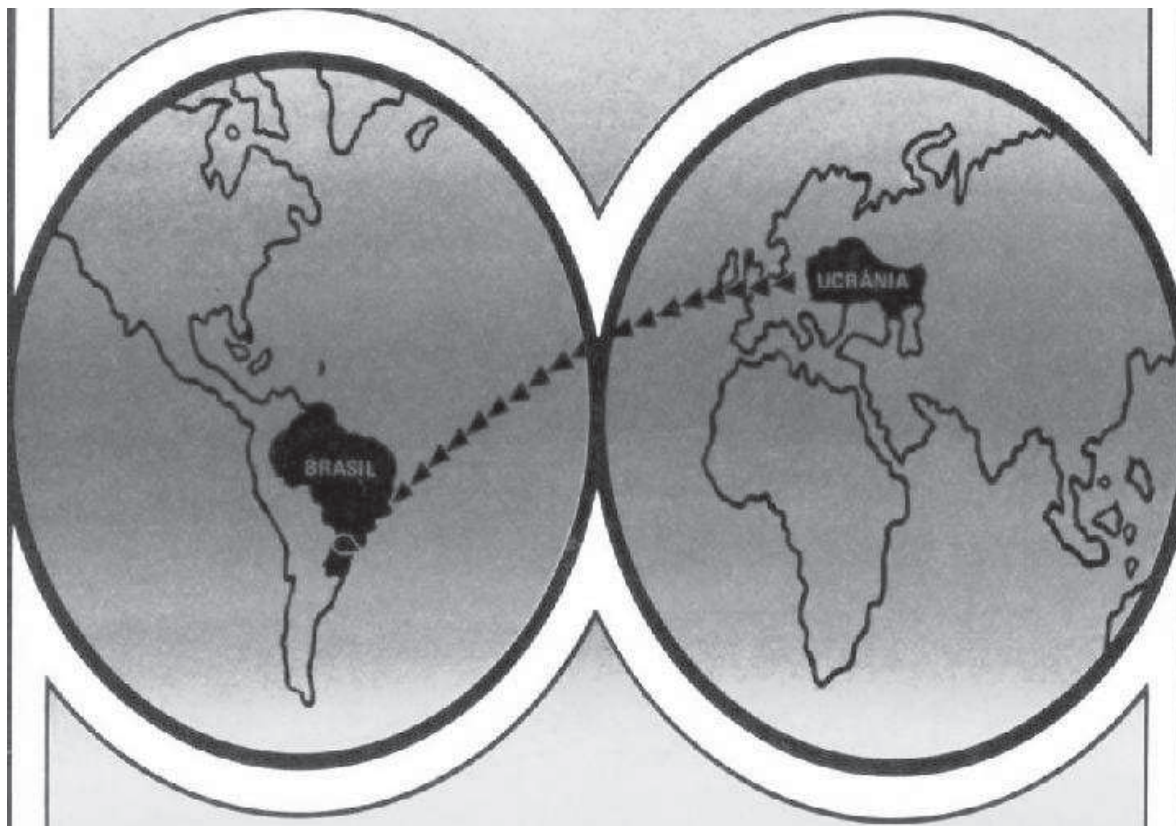


Figura 02 – Mapa da imigração ucraniana para Brasil.

Acervo: Associação dos Amigos da Cultura Ucraniana.

Durante a década de 1900 teve início uma grande debandada de camponeses da Ucrânia para o Brasil. A professora Oksana Boruszenko analisa este período refletindo algumas razões da emigração:

Eram muitos os agentes que adentraram às aldeias ucranianas, entre os quais encontrava-se o famigerado Gergoletto, de procedência italiana, que em 1893, disfarçado de simples camponês, visitou centenas de aldeias e povoados ucranianos. Apresentava-se como Rodolfo de Habsburgo, herdeiro do trono austríaco, que cometera suicídio em 1889 (Tragédia de Mayerling), mas cuja morte os camponeses ucranianos não acreditavam, convencidos de que o único filho do imperador Francisco José vivia oculto por razões diversas. O impostor promoveu a propaganda de emigração para o Brasil, não se limitando a motivos de ordem econômica. Aliou-se a certos movimentos de caráter sócio-político da população. Esse agente inescrupuloso prometia ilimitadas terras férteis e florestas com caças de graça, gado, cavalos e

dinheiro para as despesas iniciais, chegando ao absurdo de prometer fundar no Brasil o “reino ruteno” de Rodolfo, livre da exploração da nobreza.<sup>80</sup>

No decurso de 1905 a 1907, cinco mil famílias abandonaram suas aldeias e fixaram-se no sul do Paraná mais precisamente no vale do rio Iguaçu, cerca de mil emigram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito por parte do governo brasileiro, novas levas de camponeses ucranianos dirigiram-se para a mesma região, afinal o sonho das terras férteis estava muito próximo da realidade.<sup>81</sup>

## 2.2 - Leste europeu no século XIX: permanência da servidão.

A história vivida pelas pessoas da região do Leste europeu, fez com que até meados do século XIX, elas mantivessem relações feudais, que só foram legalmente evoluídas na esteira das revoluções de 1848. Mesmo assim, em função das dificuldades que vivenciaram como homens livres, no final do oitocentos a servidão era uma memória poderosa, especialmente na população em estudo. Talvez tão forte que tenha impulsionado o *locus* tradicional, para em terras absolutamente desconhecidas em prenderem a tentativa de serem *senhores de si mesmo*.<sup>82</sup>

Parte dos ucranianos, durante o século XIX, era formada por habitantes da Galícia, a época a maior província do Império austro-húngaro<sup>83</sup>, portanto desde 1772, integrava o Império dos Habsburgos. Em sua maioria eram camponeses socioeconomicamente submissos à Nobreza Polonesa. Esta Polônia dos séculos XVII e XVIII apresentava características antagônicas às dos seus grandes vizinhos, - Prússia e Rússia -, os quais centralizavam o poder, ao passo que a naca polonesa conhecia o enfraquecimento do poder central. O exército polonês constituía-se, sobretudo, de milícias camponesas mantidas e controladas pela nobreza, as quais eram utilizadas pelo governo central em guerras defensivas. A situação geral era propícia à mudança, entretanto a nobreza não permitia a diminuição de seu poder, anulando as

<sup>80</sup> BORUSZENKO, O. *Nossos Imigrantes no Brasil*. In: Centenário da Sociedade Científica Chevtchenko. Toronto, 1972. Separata em ucraniano – Tradução Consulado Ucraniano de Curitiba, 2002.

<sup>81</sup> ROKUSKI, Bronislau Ostoja. *Fundação de Novas Colônias*. In: Boletim do IHGEP n. 28. Edipar, 1976, p. 08.

<sup>82</sup> ROKUSKI, Bronislau Ostoja. Op., cit., p. 3

<sup>83</sup> A Galícia era a província situada mais a noroeste do Império austro-húngaro, perfazendo 10% da sua área total e concentrando aproximadamente 15% da sua população total. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>.

tentativas de mudança na Dieta (Câmara). A Dieta – *Sejm* – era regida por leis anacrônicas, que encaminharam a nação polonesa à desorganização política.

Conforme um recenseamento da década de 1860 <sup>84</sup>, da população total 5.959.907 habitantes, os poloneses representavam 40% e os ucranianos também 40%. O restante da população dividia-se majoritariamente em judeus e alemães. <sup>85</sup>

Considerando o contexto econômico do Leste europeu durante o século XIX, a concentração de ucranianos em zonas rurais é bastante reveladora de sua situação, C. MORAZÉ traz à tona um quadro sombrio deste estrato social, referindo-se às primeiras décadas dos oitocentos:

Desde que nos afastamos do Reno vemos a velha divisão de terras em folhas trienais bordadas com terras comunais e floresta, a velha rotação das culturas que manteve os camponeses da Idade Média. [...] No leste [...] apesar dos esforços tumultuosos de José II, os constrangimentos que pesava sob o servo continuavam a ser de um extremo rigor. Citam-se camponeses que têm que trabalhar de noite em suas terras, por ter estado do nascer ao pôr do sol, ocupados pelo trabalho em benefício do senhor. E ao falarmos em terras camponesas não podemos esquecer que nelas não existe o regime de propriedade de regime individual: as terras [...] pertencem à aldeia que as administra comunalmente, a partir de Elba, à medida que penetramos na Polônia e na imensa Rússia, este sistema comunitário camponês afirmasse, adquirindo a fixidez geográfica. <sup>86</sup>

Ao longo do século, houve modificações nesse estado de coisas, nuançando a imobilidade social descrita por C. MORAZÉ. Muitas delas tiveram caráter mais formal do que efetivamente transformadoras do cotidiano das camadas populares. Na dinâmica das mudanças merece especial destaque a emancipação de gleba, em 13 de abril de 1842.

Até então, a permanência legal de relação feudais fizeram com que os camponeses se mantivessem presos à terra, na alternância de cumprimento de direitos e de obrigações servis.

---

<sup>84</sup> Este recenseamento não privilegiou a categoria nacionalmente, mas sim religião e língua coloquial. A respeito ver: HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 111-153.

<sup>85</sup> HIMKA, J. P. *Galician villagers and the Ukrainian national movement in the nineteenth century*. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1988, p. XXIII.

<sup>86</sup> MORAZÉ, C. *Os burgueses e a conquista do mundo: 1780-1895*. Lisboa: Edições Cosmos, 1965. p. 40.

As obrigações eram devidas tanto aos nobres que tinham o *dominium* dos servos, quanto ao Estado e à igreja. De acordo com o cadastro de 1819-20, os camponeses gastavam 84% de sua renda líquida anual em impostos; a maior parte deles era destinada aos senhorios, 80% sendo o restante ao Estado (16,1) e a igreja (2,8%). No entanto, à forma pela qual a economia se desenvolvia nesse período, as obrigações dos servos eram basicamente quitadas com trabalhos. Em 1845, a maior parte deles continuava a ser pagas pela corvéia (83,2%).<sup>87</sup>

Pela corvéia, o camponês trabalhava alguns dias da semana nas terras dos nobres, nas obras do Estado ou pela “glória de Deus”: uma obrigação servil que chegava consumir vários dias da semana.<sup>88</sup>

Para coibir tais excessos, praticados pela nobreza latifundiária, desde o final do século XVIII, a coroa Austríaca ocupava-se com reformas, passando a legislar sobre esse assunto. Atingidos pelo iluminismo Maria Tereza<sup>89</sup> e José II<sup>90</sup> passaram desfazer uma série de laços feudais, tornando o campesinato um objeto da lei.<sup>91</sup>

Algumas das medidas dos soberanos austríacos, ainda na década de 1780, foram à limitação da cobrança da corvéia, no máximo três dias por semana, por domicílio; a proibição estrita por qualquer cobrança adicional à corvéia estatutária; a criação de um cadastro que assegurava ao camponês a posse dos lotes que ocupavam e cultivavam; a organização administrativa das aldeias, que passaram a eleger seus oficiais, a garantia de certos direitos individuais básicos, como o casamento sem a prévia permissão do senhor, e o direito de apelar nos órgãos da administração estatal.<sup>92</sup> Com essas reformas, o camponês obteve alguns direitos e com eles uma relativa alteração no estatuto social.

As reformas pró-campesinato formaram as bases da lealdade camponesa da Galícia a José II, lealdade esta que vai se estender até o final da monarquia. A esse respeito, mais de

---

<sup>87</sup> Em relação à coroa austríaca, as obrigações incluíam, além dos impostos, o serviço militar, a abertura e conservação de estradas e trabalho em demais obras públicas. Quanto à Igreja o pagamento se dava geralmente na forma de serviços: dos fiéis era requisitado que se providenciasse mão-de-obra para a concentração e reparos das igrejas e de outros pertences das paróquias. RUDNISTYJ, Op.,cit., p. 316

<sup>88</sup> HIMKA, op. Cit., p. XXVII.

<sup>89</sup> Imperatriz da Áustria entre 1740-1780, casada com Francisco I, de Lorena.

<sup>90</sup> Primogênito de Maria Tereza e Francisco I foi imperador germânico e co-regente dos estados dos Habsburgos (1765-1790). Desde a juventude mostrou-se favorável aos ideais iluministas, empreendendo importantes reformas com o intuito de racionalizar e modernizar o Império.

<sup>91</sup> RUDNYTSKYJ, Op. cit., p. 316.

<sup>92</sup> RUDNYTSKYJ, Op. cit., p. 316.

cem anos depois, I. FRANKÓ<sup>93</sup> assegurava: *Nosso povo não os esqueceu e ainda falam da sua sabedoria e do tratamento humano para com os seus súditos.*<sup>94</sup>

O governo austríaco, porém, não tinha como objetivo dar-lhes condições de igualdade cívica. No império permanecia um ordenamento hierárquico, o camponês da Galícia continuava como um tenente hereditário da propriedade senhorial.<sup>95</sup> Com a permanência do *dominium*, o campesinato, durante a primeira metade do século XIX, não ficou plenamente livre da corvêia e nem de outras obrigações de natureza administrativa e fiscal.

Alarmados com as atitudes “esclarecidas” da coroa austríaca, os nobres, passaram a ensaiar varias estratégias que compensassem as restrições quanto à corvêia. Apareceram os chamados *dias-auxiliares*, mais tarde regulamentado oficialmente como trabalho adicional dos camponeses. Este período estava relacionado à época da colheita e do preparo do feno, deixando os camponeses em constante corvêia.<sup>96</sup>

Outra reação às reformas de José II, consistiu paulatinamente na desapropriação das terras destinadas à subsistência dos camponeses, como das terras comunais, florestas e campos de pasto que as aldeias utilizavam coletivamente. A nobreza da Galícia, nas décadas de 1848, pressentindo a eminência do fim da servidão passou a se preocupar em ter a posse legal daquelas terras. Com isso tentava antecipar uma compensação das perdas que teria quando da emancipação dos servos.<sup>97</sup>

De maneira geral, após 1848 os nobres continuaram a exigir pagamento em trabalho ou em dinheiro dos camponeses que utilizavam as terras que haviam sidas comunitárias. Na realidade, os camponeses continuaram a utilizar ilegalmente as terras rústicas e os pastos. Em função do impasse, a administração provincial passou a instalar comissões de direto servil para examinar as demandas dos camponeses, as quais atendiam a vontade dos senhores das

---

<sup>93</sup> Iwan Frankó (1856-1918), poeta ucraniano, foi um dos líderes do movimento nacionalista da segunda metade do século XIX.

<sup>94</sup> FRANKÓ, I. apud: RUDNYTSKYJ, op. cit., p. 316.

<sup>95</sup> Em outras regiões do Império, como a Boêmia, a servidão de gleba foi oficialmente abolida no bojo dessas reformas. Aí “todos os súditos viram assegurado o direito de livre escolha em matéria de casamento, migração, trabalho, ocupação e propriedade. Nos locais onde ela não existe [e é este o caso da Galícia], foi assegurado aos camponeses a garantia da posse de terra e aos nobres proibiu-se a compra de parcelas.” ANDERSON, P. *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. p. 319.

<sup>96</sup> HIMKA, Op., Cit., p. 316-7

<sup>97</sup> HIMKA, Op., Cit., p. 48



terras. Para se ter uma noção da dimensão dessa questão, entre 1850 e 1900, as apelações relativas sobre os direitos “servis” apareceram em 984 aldeias galicianas: destas 90% localizavam-se na Galícia Oriental.<sup>98</sup>

Esse jogo de forças aparece bem no leste europeu, nas regiões de terras férteis, no qual as tentativas de afrouxamento dos laços servis eram rebatidas com estratégias que garantissem sua permanência, fato que gerou um clima de tensão social bastante agudo durante todo o século XIX.

A respeito dessa tensão é esclarecedora a análise de Himka quando diz que os conflitos sociais entre os proprietários de terras e os camponeses mantiveram-se intensos mesmo após a abolição da servidão, em função da manutenção da prática daquilo que caracterizara como “direito servil”. Ainda em 1900, 1902 e 1906 aconteceram revoltas camponesas que só evidenciam o clima de tensão existente na década de 1890. O autor considera, também, que a dominação econômica dos proprietários de terras não cessou em 1848, já que mais de 40% das terras agricultáveis e florestas era ainda propriedade dos nobres no início de 1900. Neste sentido, em 1902 cerca de metade das famílias camponesas da Galícia obtinha parte de seus ganhos com o trabalho agrícola nessas terras.<sup>99</sup>

Apesar de muitas vitórias das forças sociais conservadoras, o período foi pautado naquilo que muitos estudiosos do assunto chamam de conflito entre *serfdom and servitudes*.<sup>100</sup> Essa tensão se traduzia inicialmente, como já foi exposto, nas estratégias desenvolvidas pela nobreza polonesa, no sentido de continuar recebendo o tributo da corvéia dos camponeses ucranianos, mantendo a exploração familiar e comunal da terra.

Outra faceta desse conflito esteve articulada à exigência de que se indenizassem os nobres pelos prejuízos causados com sua emancipação. Obviamente, os camponeses se rebelaram contra tal ressarcimento. As palavras de um deputado-camponês, no Parlamento austríaco, expressam tal oposição: *Eles [os senhores de terras] terão que nos indenizar pelo que nós fizemos: nós trabalhamos para eles, dia e noite, por centenas de anos, muitas vezes*

<sup>98</sup> HIMKA, Op., cit., p. 49-50.

<sup>99</sup> HIMKA, Op., cit., p. 146-150.

<sup>100</sup> HIMKA, Op., cit., p. 11. A palavra “*serfdom*” pode ser traduzida como “obrigações servis” e “direitos servis” respectivamente.

*passamos fome e destruimos nossa saúde e nossas propriedades em função deles. Assim não têm direito a qualquer compensação.*<sup>101</sup>

A despeito dessa posição em contrário, o Parlamento e o Imperador decidiram ressarcir a nobreza. Os camponeses deveriam pagar tal compensação até 1898<sup>102</sup>, com impostos adicionais para permitir que o governo da Galícia indenizasse os nobres.

Por isso mesmo, a tensão social ampliou-se após 1848, pois a dominação econômica e a propriedade quase que exclusiva à terra mantinham-se nas mãos da nobreza latifundiária. Um levantamento em 1900 mostra que 40% das terras agricultáveis e das florestas da Galícia ainda eram propriedades exclusivas dos nobres. Sem direito às terras comuns, depois de 1848, cerca da metade das famílias camponesas passaram a obter seus ganhos com o trabalho nessas terras. Evidentemente, o fundamento desse conflito entre nobres e camponeses, foi à ausência da garantia do direito à propriedade, acompanhando a abolição da servidão.<sup>103</sup>

Entre os sustentáculos para a manutenção do sistema de servidão, estavam a opressão, a violência e a ignorância.<sup>104</sup> A forma tradicional das relações de trabalho na Galícia era marcada pelas opressivas cobranças servis, o que não gerava incentivo ao trabalho, tudo o que podia mover o camponês para o serviço era a coerção. A este respeito um crítico na década de 1840 dizia que o único motivo da manutenção da servidão na Galícia era a ameaça de um lado e o medo do outro.<sup>105</sup>

Apesar do servilismo inculcado pelos freqüentes açoitamentos e a despeito da ignorância, os historiadores em geral como Kula, Anderson e Hobsbawm, realçam que os camponeses tinham uma resistência muito grande contra a servidão. Ela assumia diversas

<sup>101</sup> HIMKA, Op., Cit., p. 29. No original: “They [the landlords] have compensated us for what we did: we worked for them for centuries day and night, more than once while we are hungry, and we destroyed our health and property on account of them. Therefore they are not entitled to any compensation”.

<sup>102</sup> HIMKA, Op., Cit., p. 29. Até 1898 os camponeses da Galícia Oriental pagaram, a título dessa indenização, mais de 50 milhões de florins (gulden) e cerca de 62 milhões em juros. Pode ser lembrado que os imigrantes em estudos chegaram ao Brasil em 1895. (ibid., p. 29).

<sup>103</sup> ANDREAZZA, M.L. Tese de Doutorado, *Paraíso das Delícias*. UFPR, 1996, p. 21.

<sup>104</sup> ANDERSON, Perry, indica que, ainda no século XVI, o Estado Absolutista do Leste foi uma “máquina” repressiva de uma classe feudal que acabara de suprimir as tradicionais liberdades comunais da população pobre. Foi um mecanismo para a consolidação da servidão num ambiente em que não existiam cidades autônomas ou uma resistência urbana. A reação senhorial no Leste significou que um novo mundo tinha que ser implantado de cima para baixo, à viva força. A dose de violência injetada nas relações sociais foi proporcionalmente muito maior [que no Ocidental]. O Estado “absolutista do Leste nunca perdeu os sinais desta experiência originária”. ANDERSON, Op., cit., p. 196.

<sup>105</sup> WASILEWESKI, apud HIMKA, op. cit., p. 10.

formas; o envio de reclamações para as autoridades do Império, relatando os abusos cometidos pelos oficiais do exército e pelos senhores das terras, o trabalho na medida suficiente para escapar do chicote, o uso de mais tempo que o necessário para a execução das tarefas, ou ainda a utilização dos piores animais e ferramentas em dias de corvéia.<sup>106</sup>

Além da violência, outro componente básico do sistema servil era a concepção de “brutos” que as elites locais tinham deste segmento social. Numa carta datada em setembro de 1846, um oficial austríaco da região de Stanyslaviv, comentava que um grupo de *camponeses locais, os traços que diferenciam os seres humanos dos animais, estava muito pouco desenvolvido*<sup>107</sup>. Tal representação era associada a outra; de um campesinato analfabeto e preso a uma visão de um mundo tradicional.

Com o efeito, havia na primeira metade do século XIX, por conta da coroa Austro-Húngaro uma clara política de desestimulação do ensino para as camadas populares nas regiões da Galícia. É significativo que, em 1848, somente 15% das crianças galicianas freqüentavam a escola, enquanto em outras regiões do Império, como a Boemia, a freqüência era de 94%; em toda a Áustria esse índice chegava em 75% (com exceção da Galícia).<sup>108</sup>

A situação daqueles ucranianos inspirava os lamentos de poetas nacionalistas, tais como FRANKÓ:

Meu povo sofredor e mutilado,  
 Igual a um lazarento no monturo,  
 Pelo desdém dos homens ultrajado!  
 Que angústia vivo em teu destino duro!  
 Foge-me o sono em queimações de pejo  
 Que marcará teus filhos no futuro.  
 Acaso está fixado teu ensejo:  
 Servir de adubo para o mau visinho,  
 Puxar sua carruagem sobre o brechó?  
 Será a sua sina cultivar sozinho  
 Este ódio surdo e falsa humildade  
 A todos os traidores no caminho  
 Que te forçaram, preso, à lealdade?  
 Será que nunca chegarás ao gozo

<sup>106</sup> É apontado por Himka, que dada a ignorância do campesinato, para formular, por escrito, as denúncias, eram utilizados os serviços de indivíduos que, mesmo possuindo educação formal, eram marginais à sociedade. Eram oficiais subalternos que perderam seus postos, professores, proprietários de tavernas, os que ganhavam suas vidas escrevendo as denúncias e petições dos camponeses. HIMKA, Op., cit., p. 17.

<sup>107</sup> Idem, p. 19-20.

<sup>108</sup> ANDREAZZA, M.L. Tese de Doutorado, *Paraíso das Delícias*. UFPR, 1996, p. 24

No revelar da força imensidade?<sup>109</sup>

Demonstrando consciência e a submissão histórica do seu povo, seus versos são exemplares no que tange na movimentação da intelectualidade ucraniana. Desde o alvorecer do século XIX, ela articulava-se no sentido de conseguir a unificação dos territórios considerados seus e mais do que isto, almejava a autonomia política<sup>110</sup>. Assim uma minoria substancial da população nas condições de vida estrato básico daquela sociedade, era indispensável, o empenho da caminhada da servidão de gleba situava-se no plano, a medida a que ela consistia numa pré-condição para a participação do campesinato na política nacional.

Como em muitos outros movimentos protonacionais, o campesinato desempenhou um papel importante no despertar da consciência nacional ucraniana.<sup>111</sup> Tendo sido o guardião dos sagrados legados, das canções, das histórias e dos costumes populares, bem como da língua vernácula, era, o campesinato mantenedor de tudo aquilo que a *intelligenzzia* resgatou e mitificou no sentido de canalizar como *ethos* nacional. Forneciam assim elementos básicos para que a camada erudita desenvolvesse as idéias nacionalistas, não esquecendo da célebre frase: *reergue-te rush' de Kiev*, conforme referido no primeiro capítulo.<sup>112</sup>

Essa pretensão esbarrava, entretanto no terceiro fator que sustentava o sistema de servidão; a ignorância do campesinato. Não é por acaso que um dos principais movimentos nacionalistas chamou-se Sociedade *Prosvita*<sup>113</sup>. Neste sentido, a idéia de que a redenção

<sup>109</sup> Esses são os versos iniciais de *Moisés*, de Iwan Frankó, em que o poeta “se identifica com o vate judeu, vendo na história bíblica uma parábola da história de seu próprio povo”. (KOLODY, H; SELANSKI, W. *Moisés*. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981, p. 14).

<sup>110</sup> Pode-se atribuir certa defasagem no despertar da moderna consciência nacional ucraniana, à própria dispersão territorial desta etnia. Parte do território como herança de Rush' de Kiev pertenceu, durante mais de 120 anos, à Rússia e a outra à Áustria. Para KOZIK, que se ocupou em estudar detalhadamente o nacionalismo no período que vai de 1815 a 1849 “the division contributed in large measure to retarding national revival and the formation of a modern national consciousness among Ukrainians”. (KOZIK, J. *The ukrainian national movement in Galícia. : 1815-1849*. Edmonton: Printing Services, University of Alberta, 1986, p. 16).

<sup>111</sup> Em relação ao movimento protonacional vale lembrar a associação feita por HOBSBAWM de que, sendo a nação moderna “uma comunidade imaginada”, a disseminação do “patriotismo nacional” tornou-se rapidamente uma força política poderosa em função de os Estados e os movimentos nacionais terem mobilizado certas variantes de sentimentos de vínculo coletivo já existente. Ele chama tais laços de protonacionais. HOBSBAWM, *Op. cit.*, p. 63.

<sup>112</sup> Refere-se ao nascimento do Estado Ucraniano.

<sup>113</sup> Em português, *Prosvita* significa Iluminação.

social dos camponeses dar-se-ia pela educação, colaborou para que ainda em 1848, os deputados galicianos se ocupassem com a expansão da educação elementar.<sup>114</sup>

Por seu lado, o governo austríaco, desde os finais da década de 1860, passou efetivamente a incentivar a educação obrigatória em todas as regiões do Império, bem como a favorecer uma relativa liberdade de imprensa. Contudo, nas condições da Galícia, sob a hegemonia da nobreza polonesa, essa iniciativa não foi integralmente implementada. A situação refletiu-se no quadro desolador para a região. Em 1880 somente 17% dos homens e 10% das mulheres conseguiram ler e escrever. Isso destoava do total do Império, onde as percentagens eram 61% e 55%, respectivamente, de homens e mulheres alfabetizados.

Uma das razões do analfabetismo de adultos, e da baixa frequência escolar das crianças, pode ser atribuída em partes às condições econômicas do campesinato. Sabendo-se que, em economias camponesas, o valor primordial é o trabalho físico, é compreensível a relutância do campesinato tradicionalista em escolarizar seus filhos. Contudo, o impasse gerado pelas disputas em torno dos direitos servis, ensinou uma lição aos ucranianos, que passaram afrouxar um pouco sua resistência quanto à escolarização.<sup>115</sup>

A despeito desse quadro de analfabetismo, a coroa austríaca, desde meados do século XIX, permitiu a proliferação de escolas, jornais,<sup>116</sup> e de associações de caráter diverso, engendrando a possibilidade do início do que um autor como Himka pudesse definir como verdadeira “revolução cultural” na região.<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup> RUDNYTSKYJ, Op., cit., p. 385. De maneira geral a bancada de deputados eleitos pelo campesinato da Galícia, para representá-los no Parlamento em Viena, a partir de 1848, é considerada reacionária tanto pela grande lealdade que tinha à coroa austríaca em memória das reformas empreendidas por José II, quanto pela influência do clero greco-católico nas indicações destes deputados. A igreja ucraniana de rito grego, ou unita ocupou um espaço crucial na história dos ucranianos nos séculos XIX e XX. O governo austríaco garantiu à igreja unita, e ao seu clero, um *status* igual aos dos seus correspondentes na igreja de rito latino, que haviam sido negados pelo regime polonês anteriores. Em 1774 oficializou o termo “católico-gregos” com o objetivo de infantizar a paridade dos ritos grego e romano. Este princípio de paridade, valorizado tanto por Maria Tereza, José II e Leopoldo II, foi acompanhado por uma série de medidas práticas, como o melhoramento das condições econômicas e legais do clero greco-católico e a criação de seminários.

<sup>115</sup> ANDREAZZA, M. L. Tese de Doutorado. *Paraíso das Delícias*, UFPR 1996, p. 26.

<sup>116</sup> Outro aspecto dessa “revolução cultural” se deu com a veiculação de diversos jornais em língua ucraniana a partir dos anos de 1848/49 então impressos em Viena. Contudo, mesmo que a partir da década de 1860 passassem a ser editados na Galícia, esses jornais só viriam a atingir uma “massa considerável” de leitores após a década de 1880.

<sup>117</sup> HIMKA, Op., cit., p. 59

Em relação à penetração de uma cultura escrita no campo da Galícia, deve-se dar um papel de destaque à fundação, em 1868, da Sociedade *Prosvita*, sob a iniciativa do reverendo Stephen Kachala e dos populistas Anatoly Vachnhanyn e Omelian Partytzky<sup>118</sup>. Obrigatoriamente um movimento cultural e educacional, a *Prosvita* ganhou força política com o apoio da juventude, principalmente por incluir estudantes de teologia.

Sendo um movimento nacional-populista,<sup>119</sup> preocupava-se em editar jornais e pequenos livretos, da mesma maneira promovia a criação dos clubes de leitura sempre destinados às camadas populares. A orientação do movimento *Prosvita* opunha-se à geração de conservadores, que eram mais ligados às tendências russófilas.<sup>120</sup>

Gradativamente essa organização foi se tornando o ponto central da consciência nacional *ruteno/ucraniana*. O objetivo inicial, que tinha uma característica mais acadêmica e literária, a partir de 1870, passou a ser assumido pela Sociedade Chevtchenko. A *Prosvita* dirigiu suas atividades fundamentalmente para a promoção da educação entre as massas camponesas, e acabou por ramificar-se na forma de clubes de leitura.

Os clubes de leituras eram instituições que proviam educação popular para adultos com uma orientação nacional. A *Prosvita*, com as *tchetálhnia*<sup>121</sup>, criava um ambiente no qual se prestigiava a leitura, complementando a educação recebida nas escolas, trazendo educação, senão a própria alfabetização aos camponeses.<sup>122</sup>

<sup>118</sup> Anatoly era maestro e Omelian, advogado.

<sup>119</sup> O conceito de populismo é polissêmico, e neste sentido Alavi distingue quatro contextos mais importantes entre os muitos em que a palavra tem sido usada. Pela forma de ação dos populistas *ucranianos* os movimentos nacional-populista da Galícia, entre os quais a *Prosvita*, aproximam-se ao sentido dado por Lênin quando interpretou a ideologia deste tipo de populismo com um protesto contra o capitalismo a partir de um ponto de vista dos pequenos produtores, particularmente dos camponeses, cuja posição estava sendo enfraquecida pelo desenvolvimento capitalista, mas que, não obstante, queriam uma dissolução do sistema feudal (ALAVI, H. Populismo. In: BOOTMORE, T. (org). *DICIONARIO DO PENSAMENTO MARXISTA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 290)

<sup>120</sup> O primeiro jornal veiculado pela *Prosvita* chamava-se *Pyzmo z Prosvity*. Contudo, como o estatuto da Sociedade *Prosvita* não permitia um engajamento em ações políticas diretas, os nacional-populistas fecharam esse jornal e passaram a expressar-se através do *Batkivshchyna* que, formalmente, era independente do movimento *Prosvita*. HIMKA, Op., cit., p. 70.

<sup>121</sup> Salas de Leitura.

<sup>122</sup> O número de membros dos clubes de leituras espalhados pelas diversas aldeias da Galícia era variado, apresentando grupos em torno de cinquenta a até mais de cem sócios; a média mais freqüente era de quarenta a sessenta membros. Em meados da década de 1880, havia quatrocentos clubes de leitura e em 1914 já eram mais de três mil espalhados pela Galícia. HIMKA, op. cit, p. 90.

Destaca-se neste movimento, a participação ativa do clero greco-católico; uma identificação generalizada entre rito-grego e a população camponesa de etnia ucraniana, o que favorecia essa relação.

Partiu do clero a formulação de uma ideologia, concebendo o movimento nacional como uma luta dicotômica: da virtude contra o vício, da iluminação contra a ignorância, da sociedade contra a embriaguez, da diligência contra a indolência e da frugalidade contra a prodigalidade. Estava dada, assim a base de uma nova ética social. E o projeto de um Estado nacional para os ucranianos passava necessariamente pela emancipação concreta dos camponeses.<sup>123</sup>

Após 1848, a criação legal de um campesinato independente possibilitou a emergência de suas orientações nas relações de trabalho daquela sociedade: uma aprisionada pelo passado e outra receptiva às influências do Ocidente. O passado representado pela efetiva ascendência dos nobres latifundiários poloneses e austríacos, que com suas grandes propriedades, faziam de conta que a abolição da corvéia tinha sido meramente formal, como já foi visto acima. É nessa orientação que pode ser situado o significado da expropriação das florestas e terras comunais durante o processo da emancipação do campesinato. É também nela que se explica a manutenção de revoltas camponesas ucranianas até o início do século XX.<sup>124</sup>

A segunda orientação situava-se no incipiente desenvolvimento do capitalismo na Galícia oitocentista. A economia da região, até meados do século XIX, havia sido fundamental em relações feudais. O camponês, então necessitava de muito pouco dinheiro; a bebida e o sal consistiam nas maiores despesas, já que as obrigações feudais eram pagas basicamente em trabalho.<sup>125</sup>

A partir da década de 1870, contudo, tal estrutura iniciou sua efetiva desagregação com o incremento de uma economia de mercado que vai ser implementada, porém, muito lentamente. Considerando a íntima relação entre a economia monetária e urbanização, a

---

<sup>123</sup> BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1979, p. 28

<sup>124</sup> HOBBSAWM indica como causas da manutenção de movimentos sociais pré-políticos havidos em vários países, entre os quais, na Ucrânia até os finais das décadas de 1910, o fato de que seus participantes “não cresceram junto com ou dentro de uma sociedade moderna: foram jogados nela [...] seu problema é como adaptar-se à vida e as lutas desse mundo”. HOBBSAWM, E. *Rebeldes Primitivos*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 13.

<sup>125</sup> BORUSZENKO, Op., cit., p. 43

lentidão deste processo é perceptível na parca urbanização da região. Um estudo relativo às cidades na Galícia no século XIX, revela que em finais da década de 1890, menos de 16% da população ucraniana poderia ser descrita como urbana.<sup>126</sup>

De qualquer forma, a expansão da economia monetarizada ia, cada vez mais, minando a economia tradicional da região. Mesmo assim, as duas “orientações” daquela sociedade levaram à coexistência, por um largo período, de interesses divergentes que eram fontes das ambigüidades nas relações econômicas da época.

Enfatiza-se assim a idéia de que as relações de produção na Galícia do século XIX, viviam num período de transição. Não comportavam mais a denominação de economia feudal, contudo não eram plenamente capitalistas, estavam sim, sendo incorporadas nos mecanismos produtivos do capitalismo ocidental. Caberia melhor caracterizar tal fase como de economia monetária. Ao menos de 1848 até a virada do século, o capitalismo como tal não existiu na Galícia. Em seu lugar, a economia era baseada na pequena produção, e consequentemente a precondição fundamental do capitalismo, a separação do trabalhador e dos meios de produção restavam ausentes.

Para os latifundiários, vitoriosos na maioria dos conflitos a respeito da posse das terras, a monetarização da economia, passou a ser um excelente mecanismo para frear as pretensões de auto-suficiência dos camponeses, e induzi-los a retornarem ao trabalho, por salários bem reduzidos. Aos que tinham a garantia da pequena propriedade, a necessidade do dinheiro colocava-se, inclusive, para o pagamento dos impostos e das taxas de indenização que deviam aos seus antigos senhores.<sup>127</sup>

A gradativa desagregação da economia feudal pela penetração de uma economia monetarizada, teve outro desdobramento: a ramificação das atividades da *Prosvita*, a partir de 1891, no campo econômico. Foram organizados armazéns comunitários, cooperativas agrícolas e comerciais, bem como bancos de poupança e empréstimos. Também foram criados granários coletivos, pois em função da escassez de grãos nos períodos que antecederiam o plantio, os camponeses necessitavam recorrer aos empréstimos dos usuários para a compra das sementes. Só nas últimas décadas do século XIX é que se desenvolveram instituições

---

<sup>126</sup> ANDREAZZA, M. L. Op., cit., p. 24

<sup>127</sup> ANDREAZZA, M. L. Op., cit., p. 30



bancárias modernas, que acabaram com o empréstimo particular, especialmente difundido nas vilas da Galícia.

Periféricos à industrialização que se processavam na Europa Ocidental, as regiões do Leste europeu, ao ingressarem na economia de mercado especializavam-se cada vez mais, em suprir o mercado europeu de grãos. Neste sentido, as crises do capitalismo das últimas décadas do século XIX, afetaram diretamente a região. O aumento na produção de grãos, que crescera enormemente no decorrer dos oitocentos, gerava uma superabundância de oferta:

A agricultura foi à vítima mais espetacular desse declínio dos lucros. [...] sua produção, que havia aumentado muito no decorrer das décadas precedentes [...] agora inundava o mercado mundial. [...] As conseqüências para os preços agrícolas, tanto na agricultura europeia como nas economias exportadoras ultramarinas, foram dramáticas. Em 1894 o preço de trigo era apenas um pouco mais de um terço do que fora em 1867, um prêmio esplêndido para os compradores, mas um desastre para os agricultores e trabalhadores agrícolas, que ainda representavam entre 40 a 50% dos trabalhadores do sexo masculino nos países industrializados [à exceção apenas da Inglaterra] e até 90% nos outros países.<sup>128</sup>

Tal situação econômica gerava as mais distintas reações locais<sup>129</sup>, sendo que a de muitos ucranianos galicianos foi à imigração. Isto aconteceu a partir do século XIX, devido às más condições sócias econômicas. Muitos ucranianos abandonaram suas terras negras e transferiram-se para a América especialmente para o Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina.

### **2.3 - A chegada como imigrante no Brasil**

---

<sup>128</sup> HOBBSAWM, E. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 59-60.

<sup>129</sup> Conforme HOBBSAWM, p.60-61. As reações da população europeia às crises do capitalismo se davam, principalmente, em função das condições gerais da economia em questão. Oscilavam, assim, entre a rebelião camponesa (Irlanda e Sicília), a modernização da agricultura (Dinamarca) e ainda na opção pelo protecionismo com o aumento das tarifas alfandegárias (Alemanha, França). Ele aponta que, nas regiões periféricas da Europa, as reações não-governamentais mais comuns foram emigração e formação de cooperativas. Esse contexto levou, a partir de 1880, a um incremento das taxas de imigração ultramarina nos países com imigração antiga e o início da emigração em massa de países, como Itália, Espanha e Áustria-Hungria, seguidos pela Rússia e pelos Bálcãs. Para o autor, a imigração resolvia as tensões internas dos países exportadores de população à medida que mantinha a pressão social abaixo do ponto de rebelião ou revolução.

A Galícia (ou Haletchená, para os ucranianos) foi um dos maiores centros culturais do século XIII, sendo a sede do governo da Ucrânia depois da queda de Kiev. Sua capital era a cidade de Lviv, hoje uma das maiores cidades ucranianas.

Conforme artigos e notas elucidativas do Prof. Nikolas Hec, contido no livro de poesias de Ivan Frankó, *Para o Brasil*, editado e traduzido pela Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana em 1981, a *Haletchená*, como província autônoma de 1772 a 1918, abrangia uma área de 55.377 km<sup>2</sup>, em que 3/5 da área eram utilizados na agricultura e pastagens e o restante eram florestas.<sup>130</sup>

Em 1890, a população atingia a 4,3 milhões de habitantes, dos quais 65% eram ucranianos, 15% poloneses, 12% judeus, 7% austro-alemães e 1% outros povos. O Brasil contava, naquela época, com 14,5 milhões de habitantes e o estado do Paraná com apenas 250 mil.<sup>131</sup>

De toda a Europa, a *Haletchená* era a região agrícola mais densamente povoada. Em cada 100 hectares de terra explorável na agricultura, viviam mais de 100 agricultores (na Alemanha 51 e na Holanda 70). Essa “superpopulação” para época atingia principalmente os ucranianos, pois 92% deles se dedicavam exclusivamente ao cultivo da terra. Em melhores situações encontravam-se as nacionalidades não ucranianas, pois na agricultura viviam: 45% dos poloneses e 7% dos alemães. Os judeus mantinham em suas mãos quase todo o comércio e parte da indústria. Além disso, havia uma grande desproporção étnico-social quanto à ocupação das terras. A maioria ucraniana detinha apenas 48% de todo o território. Mais de 30% de todas as terras pertenciam a aproximadamente duas mil famílias de latifundiários da nobreza polonesa.<sup>132</sup>

As restantes 22% cabiam à população agrícola polonesa, às colônias alemães e a proprietários urbanos (poloneses e judeus).

Em média, uma família ucraniana de agricultores vivia em um hectare de terra, e o governo austríaco não tomava nenhuma providência para alterar ou melhorar o quadro

---

<sup>130</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins “Os Ucranianos” BORUSZENKO. Fundação Cultural de Curitiba. V. 20, p. 02. 1995.

<sup>131</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, DOC 73. (*Senso 1990*) Setor Imigração e História.

<sup>132</sup> ANDREAZZA. Maria. Luiza. *Paraíso das Delícias*. Curitiba: Quatro Ventos, 1996, p. 25

econômico, nem favorecer a industrialização do país, a fim de desviar parte da população agrícola para as fábricas, construções, etc.

E devido a este quadro econômico-social gerar em uma região pobre e carente de terras, iniciou-se um processo de emigração da região, partindo primeiramente para os Estados Unidos e mais tarde para o Canadá e Brasil.

Em 1890, o governo brasileiro iniciou uma grande propaganda imigratória, cobrindo os custos das passagens e alimentação dos interessados, desde os portos europeus até as localidades da colonização. A arregimentação brasileira de imigrantes foi confiada às companhias de navegação marítima responsáveis pelo transporte dos imigrantes, pagando um preço elevado na época, por cada pessoa que desembarcasse no Rio de Janeiro.

E, em 1894, cerca de 30 famílias ucranianas deixaram a Galícia e se dirigiam ao Brasil, estabelecendo-se no Paraná. Num afã de lucro fácil e elevado, as companhias de transporte marítimo desenvolveram uma intensa propaganda imigratória na imprensa, em folhetos e por intermédio de seus agentes espalhados pela Europa. Os agentes, valendo-se da total ignorância do povo a respeito do Brasil, pintavam-no como “verdadeiro paraíso na Terra e aos desejosos de deixar a Europa, faziam as mais incríveis e absurdas promessas”.<sup>133</sup>

Devido a toda propaganda, influenciando o povo, iniciou-se a partir de janeiro de 1895, não uma imigração, mas uma verdadeira debandada de camponeses ucranianos da Galícia para o Brasil. No decorrer de dois anos - época em que o governo brasileiro cobria os custos das passagens -, abandonaram a sua terra natal mais de cinco mil famílias de ucranianos e, com a renovação do transporte gratuito em 1907, emigraram até a Primeira Guerra Mundial, outras cinco mil famílias, que, na maioria (90%), fixaram-se no Paraná.<sup>134</sup>

Quanto às minorias étnicas da Galícia, estas emigraram relativamente menos, já que se encontravam em situações econômicas melhores.

---

<sup>133</sup> *LIVRO TOMBO T. 1.* Paróquia N. S. AUXILIADORA DE CURITIBA, p. 03.

<sup>134</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins “*Os Ucranianos*” BORUSZENKO. Fundação Cultural de Curitiba. V. 20, p. 09. 1995.

A partir de 1895, o recrutamento de imigrantes para o Brasil era realizado de forma particular, para evitar as possíveis barreiras por parte dos poderosos latifundiários que, com a emigração, ficariam privados da mão-de-obra barata de que dispunham. Desse processo ocupavam-se também os comerciantes das aldeias, em parceria com algum agente ou subagente.<sup>135</sup>

De cada candidato à emigração, usurpavam taxas as mais diversas e desiguais, tais como: taxa de inscrição, despesas de correspondência, comissões próprias e dos agentes e, muitas vezes, até propinas para aliciar latifundiários ou subornar funcionários do governo.

Esses comerciantes-intermediários compravam, pela metade do preço, e revendiam com enormes lucros as casas e pequenas propriedades rurais dos candidatos à imigração. Estes, a par dessas práticas, sem controle qualquer, eram expostos a grandes despesas e prejuízos e, além disso, levados a pagar antecipadamente os bilhetes de viagem, por ferrovia até os portos da Itália ou Alemanha.<sup>136</sup>

O ponto de confluência para embarque de imigrantes ficava em Lviv, capital da Galícia, onde as autoridades policiais procediam ao controle dos passaportes e registros, além da prevista provisão monetária por família, no valor de 600 coroas. Muitas vezes, a família não dispunha da importância e, na hora da fiscalização, uns pediam emprestado dinheiro dos outros.<sup>137</sup>

Normalmente todos os emigrantes se registravam em listas dos que se destinavam ao povoamento do Paraná, já que tinham notícias das primeiras 30 famílias que se fixaram em 1894, de que o governo oferecia maiores garantias para a aquisição de terras e o clima se assemelhava ao europeu. Essa vontade geral de se dirigir ao Paraná era motivo de verdadeiros motins e lamentáveis incidentes na própria Itália, quando os agentes se empenhavam em dirigir os emigrantes para outros estados, como Espírito Santo e Minas Gerais.

---

<sup>135</sup> Idem p. 13

<sup>136</sup> Idem p. 15

<sup>137</sup> *LIVRO TOMBO T. 1. PARÓQUIA N. S. AUXILIADORA de CURITIBA*, p. 08

O roteiro da saída da Galícia era normalmente de Lviv, até os portos da Itália, onde já havia o consulado brasileiro, que ajustava as últimas formalidades e distribuía gratuitamente as passagens por via marítima.

Uma viagem normal de Lviv a Gênova, durava naqueles tempos de três a quatro dias, mas isso ocorria raramente com um embarque numeroso, pois as autoridades militares austríacas detinham de três ou até quatro vezes os comboios em busca de recrutas militares, passageiros ilegais, ou de diversos especuladores que se imiscuíam os emigrantes. Uma vistoria dessas durava pelos menos um dia inteiro, o que gerava altos custos aos bolsos dos emigrantes.<sup>138</sup>

As primeiras grandes levas de ucranianos que vieram ao Brasil, deixaram sua terra natal, a Província da Galícia, no extremo leste do Império Austro-Húngaro, nos últimos anos do século XIX. A idéia de que era possível migrar foi gestada entre eles de um modo específico, tributário de sua inserção social e política nesse Império na época, já que grande parte dos camponeses não acreditava em *terras sem senhores*.

Um depoimento de Ivã Pelepiv, registrado em 1932, é um dos raros escritos que tematizam o primeiro contato que uma comunidade de ucranianos teve com a idéia da imigração. Pelepiv é considerado pelos historiadores e memorialistas da imigração ucraniana para o Canadá como o primeiro ruteno a chegar ao país. Sua história é atípica porque veio à América por conta própria, antes do início das grandes ondas migratórias da década de 1890, e acabou sendo um dos principais atores do início desse movimento. Por este motivo ele foi capaz de registrar essa informação rara<sup>139</sup>: a existência de *terra sem senhores* surge no depoimento de Pelepiv como algo impensável para seus conterrâneos. Em seu relato, assim, encontramos um primeiro dado que nenhuma estatística é capaz de revelar: um dos pressupostos básicos que estruturavam as percepções e os discursos dos ucranianos da Galícia era a idéia de que toda e qualquer terra deveria ser possuída por um senhor.<sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> ANDREAZZA, M. L. *Paraíso das Delícias*, Curitiba: Quatro Ventos, 1996, p. 58.

<sup>139</sup> GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2007. O depoimento de Pelepiv foi registrado em uma entrevista feita por Ivan Boberski, um colono de origem ucraniana.

<sup>140</sup> GUÉRIOS, P. R. *Memória, Identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Tese de Doutorado. UFRJ/Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2007, p. 29.

Os ucranianos que vieram ao Brasil no final do século XIX, eram uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local, com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com idéias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia.

Com esses dados históricos compreende-se melhor que os ucranianos não pudessem conceber a existência de um mundo sem senhores no final do século XIX. Seus ancestrais ocupavam posições servis há inúmeras gerações, e a concepção de um mundo dividido entre servos e senhores era endógena entre eles.

Como a idéia de que em algum lugar poderia haver terras livres parecia impensável para os camponeses ucranianos, suas primeiras percepções acerca da possibilidade de migrar foram marcadas pela dúvida, pela angústia e pela incerteza. O medo seria ingrediente do momento de sua decisão de partir.<sup>141</sup>

As diferentes versões que circulavam nas aldeias acerca da idéia de migrar tornavam as incertezas dos camponeses ainda maiores. Seus primeiros contatos com essa idéia ocorriam em geral pelas conversas com as pessoas que os rodeavam<sup>142</sup>. Em seu relato escrito, quando da comemoração dos quarentas anos da migração ucraniana para o Brasil, Mehailo Cheutchuk, partiu nas primeiras grandes levas de migrantes que deixaram a Galícia Oriental a partir de 1895. Nessa época a novidade era de que em algum lugar no mundo parecia haver terras de sobra isto circulava por sua aldeia:

Na aldeia corria o boato sobre o tal de Brasil; e que vinham esses senhores (isto é, os agentes) e escreviam para as pessoas que quisessem ir para o Brasil. As pessoas se aconselhavam umas com as outras e não sabiam o que fazer.<sup>143</sup>

De fato, os camponeses estavam sujeitos nesse momento à pressão divergente. Na medida em que essa novidade circulava entre as pessoas, surgiam inúmeras versões

---

<sup>141</sup> Idem, p. 24

<sup>142</sup> Idem, p. 34.

<sup>143</sup> CHEUTCHUK, 1936. *Apud*, GUÉRIOS 2007 p. 34

contraditórias acerca da idéia de partir. Essas diferentes versões eram defendidas por pessoas que desejavam frear o movimento de partida dos camponeses, ou ao contrário, por pessoas que desejavam esse movimento.

Os indivíduos que trabalhavam para estimular a migração eram principalmente os “agentes” a que Cheutchuk se refere; trata-se dos agentes das companhias de navegação que transportavam os camponeses para a América. A ação desses indivíduos foi extremamente importante para o aumento do número de camponeses, que finalmente decidiram migrar. Sua tarefa era aliciar o maior número possível de clientes para o transporte, visto que o ganho das companhias estava atrelado ao número de pessoas conduzidas até o Brasil<sup>144</sup>. Para tanto, eles difundiam idéias favoráveis à vida na América, tentando criar entre os camponeses a visão das terras além-mar como um lugar ideal e, em alguns casos, levando esse recurso ao limite. Luca Morski, um dos camponeses ucranianos da Galícia que vieram ao Brasil em 1896, conta em um texto autobiográfico escrito em 1914 que:

Os agentes das companhias de navegação (...) fizeram várias visitas e fizeram um bom trabalho para promover a migração através do mar. Eles falavam de todos os tipos de riquezas, terra livre para todos e até estradas feitas de esmeraldas.<sup>145</sup>

Já quem tinha interesse em contrapor-se à saída dos camponeses eram os senhores locais e, dependendo da época e da região, alguns padres. Os padres preocupavam-se com a perda de almas; os senhores, que exerciam ainda amplo domínio sobre essas massas de camponeses, tinham interesse de mantê-los sob sua influência, e preocupavam-se com a diminuição da mão-de-obra agrária e com seu conseqüente encarecimento.

De qualquer modo, as diferentes versões sobre a possibilidade de migrar que corriam de aldeia em aldeia distribuía-se entre dois pólos opostos, o pólo positivo, do ideal

---

<sup>144</sup> AMARAL, Luiz. *História geral da Agricultura Brasileira*. V. II. São Paulo: Nacional, 1958, p. 70 - O transporte era pago ora pelo Governo Federal, ora pelos próprios migrantes. As leis brasileiras em relação ao pagamento de transporte variavam e acordo com as políticas estabelecidas para a migração. Assim, em alguns momentos os migrantes tinham suas passagens subsidiadas pelo Governo Federal para vir ao Brasil; a quantia subsidiada era ressarcida por eles nos anos seguintes através do pagamento da chamada “Dívida Colonial”.

<sup>145</sup> MORSKI, 1914. *Apud* GUÉRIOS. Op., cit.; p. 37

imaginado de uma vida camponesa perfeita, e o pólo negativo, da ameaça de fome, violência ou exploração por novos senhores.

Dos relatos contemporâneos, a migração nos dá informações sobre o clima, nas diferentes aldeias camponesas da região em que viviam os ucranianos nessa época. O primeiro é um editorial do periódico *Missionar*, editado pelos padres basilianos da cidade de Jovku (Galícia Oriental) em 1897. Ao fazer uma introdução sobre a migração ao Brasil, os editores afirmaram:

Nosso povo foi aliciado para lá por especuladores espertos, que os ricos do Brasil contrataram para que lhes vendessem o trabalho duro e barato de nossa terra, e a outros atraiu a notícia de que o Brasil distribuiu terra para as pessoas por pouco dinheiro, e ainda outros a miséria e a pobreza daqui tangeram ao mundo além-mar. Mas como dizem, “para o pobre sempre há vento nos olhos”, e assim também acontece com os nossos imigrantes. Alguns deles foram para o fundo do mar, não chegando ao Brasil; outros os índios selvagens da floresta assassinaram; milhares chegaram à verdadeira escravidão nas sedes das fazendas dos ricos sem Deus, outros milhares morreram de fome e de doenças nas florestas brasileiras, alguns fugiram de volta para a velha terra, apenas parte conseguiu pedaços de mato sob os arbustos e os beneficiam devagar para um melhor destino.<sup>146</sup>

O segundo depoimento foi escrito por Antonio Hempel, viajante convidado pela Sociedade Comercial e Geográfica de Lviv, principal cidade da Galícia, para acompanhar a saída dos primeiros migrantes para o Brasil em 1891. Antes de viajar, Hempel visitou aldeias de uma região vizinha à Galícia em que os migrantes se preparavam para partir.

Defendendo as informações recebidas por agentes de migração, ou por esses intelectuais, alguns camponeses partiram rumo ao Brasil, ou ao Canadá, convencidos que uma ou outra dessas opções, poderia mesmo significar a diferença entre uma vida e a morte. Iosef Oleskiv, que era um dos poucos intelectuais de origem ucraniana que vivia em Lviv, veio ao Brasil em 1895 para conhecer as condições de instalação de seus conterrâneos. No final desse mesmo ano, ele publicou um livreto chamado *Pro vilni zemli* (“Sobre as Terras Livres”) no qual afirmava enfaticamente que o Canadá era uma opção melhor para a emigração dos ucranianos que o Brasil:

---

<sup>146</sup> JOVKIUSKEI *Missionar*, 1897. *Apud*. GUÉRIOS, p. 36



Se alguém me pedisse para descrever em uma palavra o que o Brasil significa para os nossos emigrantes, essa palavra seria sepultura. Não apenas uma sepultura para suas esperanças de um futuro melhor, mas também uma sepultura no sentido literal. Estou certo de que todos os que seguiram e pesarem cuidadosamente os fatos conforme eu os descrevo aqui, palavra por palavra vai chegar a mesma conclusão.<sup>147</sup>

Interessa-nos aqui falar dos ucranianos que vieram ao Brasil, explorar mais especificamente as fontes e fatos que alguns deles se dispuseram a registrar acerca de sua vinda, de sua chegada ao país, e de seu transporte até às colônias em que se estabeleciam. Mais do que isso, nosso objetivo aqui, será fazer um estudo das condições históricas da etnia diante de seu deslocamento do leste europeu para o Brasil dentro do espaço camponês.

Além de terem em comum uma longa história, partilhavam também pressupostos acerca do mundo que os rodeava e, conseqüentemente, um olhar específico sobre as novas informações, com as quais tinham contato. Assim, ao perceber os eventos que ocorriam na época da migração, e ao reconstituí-los em um texto escrito, anos mais tarde os camponeses ucranianos tiveram seu olhar refletido de acordo com parâmetros que foram apreendidos e estabelecidos por eles, mesmos ao longo do tempo, em inúmeras interações cotidianas, como, em exemplo, suas dúvidas acerca da existência de terras sem senhores.

Ao modo que Luca Morski dedica poucas frases à viagem de navio em seu relato escrito em 1914, ele enfatiza as grandes dificuldades que testemunhou. Vejamos sua expressão:

Foi uma difícil travessia que durou mais ou menos três semanas. O bilhete gratuito para o Brasil tinha acabado em 1891. O preço das passagens eram 75 mil réis para adultos e crianças de mais de 12 anos, metade desse valor para crianças de 8 a 12 e um quarto para os menores. Eu tinha economizado dinheiro suficiente para nós quatro e ainda tinha algumas centenas para nos ajudar na chegada. Muitas pessoas morreram a bordo, especialmente crianças. As preces eram feitas sobre seus pequenos corpos e eles eram

---

<sup>147</sup> MORSKI, 1914. *Apud*. GUÉRIOS. Op., cit., p. 51.

jogados no mar. De desespero, uma mulher tentou pular no mar atrás de sua criança e foi salva apenas por causa da rápida ação de um marinheiro.<sup>148</sup>

Relatos tão díspares acerca da viagem de navio, rumo ao Brasil, poderiam suscitar a hipótese de que essa diferença deve-se ao fato de que, não tendo vindo no mesmo transporte. Alguns migrantes passaram por experiências difíceis e outros não. Kobren e Cheutchuk tiveram a sorte de ter uma viagem tranqüila e sem incidentes graves, enquanto Hotsailiuk e Morski, ao contrario, teriam sofrido ao testemunhar várias mortes ao longo de sua vinda ao Brasil.<sup>149</sup>

Essa hipótese, no entanto, é enganadora. De fato, em determinado ponto de seu relato, Kobren afirma:

Houve [no navio] mulheres que deram à luz (...) essas tiveram ali sua alegria, mas outros tiveram tristeza e choro. (...) Houve alguns que morreram. E esse evento enchia de tristeza não apenas os familiares, mas todos que viam tais funerais. O funeral se passava sem igreja, sem sacerdote, sem nenhum canto, o que não se vê em nossas aldeias. E o morto não era trazido para a sepultura, para a terra. Onde levavam o falecido? Jogavam-no na água! Agora ele iria fazer na água! O navio nem parou sua marcha! Navegou, como navegava. Como se fugisse da morte! Todos os que viam miraram longamente esse ponto, mas não viram nada além de água. Após o funeral, tristes e pensativos ainda amanheceram com a visão dessa cena nunca vista.<sup>150</sup>

Assim, Kobren também experienciou a tragédia da perda de vidas em sua viagem de navio, um evento que não era de modo algum incomum nessas viagens longas, em navios superlotados, e com más condições de higiene. Contudo, seu relato da viagem não é estruturado ao redor dessa tragédia, como ocorre nos testemunhos de Hotsailiuk e Morski. As mortes surgem apenas em um pequeno trecho de seu depoimento, enquanto muito mais espaço e energia são dedicados ao registro das descobertas e da curiosidade sugeridas no

<sup>148</sup> MORSKI, 1914, *apud*, GUÉRIOS. Op., cit., p. 40

<sup>149</sup> Essa hipótese é usual em estudos sobre a migração. Thales de Azevedo (1982: 137 a 140), por exemplo, quando contrapõe entre si os depoimentos dos migrantes italianos que vieram ao Rio Grande do Sul na mesma época em que os ucranianos, afirma: “Os regulamentos oficiais em vigor [sobre o transporte] previam os requisitos de relativo bem-estar, de alimentação suficiente e sadia, de bastante espaço para cada viajante da 3ª classe e do número total de emigrantes a bordo”.(...)

<sup>150</sup> KOBREN, 1936. *Apud* GUÉRIOS. Op., cit., p. 43

conforto com um mundo novo. É claro que possivelmente ocorriam variações nas condições de viagem entre um transporte e outro, mas não devemos deixar de levantar aqui a hipótese de que as diferenças das viagens entre si, ao fato de algumas levas de viajantes terem sofrido reveses maiores do que outras, mas também a diferença do *olhar* lançado sobre a experiência migratória, tanto no momento de sua ocorrência, quanto no momento em que ela era relatada.<sup>151</sup>

Essa hipótese parece se confirmar quando comparamos os relatos de Morski; por outro lado quando eles tratam de um outro assunto: a chegada ao Brasil e a estada nas barracas de migrantes da Ilha das Flores e de Pinheiros. Essas barracas haviam sido construídas como alojamento provisório para os imigrantes de diferentes nacionalidades, antes que eles chegassem às localidades onde seriam estabelecidos. Isso é necessário, porque com o aumento expressivo do número de pessoas que vinham ao país, o governo viu-se em dificuldades para organizar o estabelecimento dessas levas sucessivas nas novas colônias. Muitas vezes as terras com as quais elas seriam destinadas, não estavam sequer demarcadas quando de sua chegada.<sup>152</sup>

Em primeiro lugar vamos tratar do depoimento de Kobren, onde ele relata que seu navio chegou ao Brasil. Seu relato segue no mesmo registro já empregado ao descrever sua viagem, ele fala de suas descobertas e da curiosidade frente um mundo novo. Em certo trecho, ele lembra dos marinheiros que colocavam as pessoas nas barcas, pegando-as no colo como se fossem leves. “Pela primeira vez na minha vida eu via pessoas tão fortes”. Na ida do navio até a terra, registra que:

“Em nossa barca começou uma conversa: Nova Terra, a cidade para a qual vamos, os navios ao nosso redor, pessoas diferentes e várias vozes, povos diferentes, fala que nunca

---

<sup>151</sup> GUÉRIOS. Op., cit., p. 44

<sup>152</sup> No início, os imigrantes eram alojados apenas na Ilha das Flores, na baía de Guanabara. Em poucos anos, porém, esse alojamento estava superlotado e era o foco de epidemias de tifo e febre amarela, além de sofrer com a falta de verbas e mantimentos, desviados por funcionários corruptos. Confrontado a esses problemas pelas queixas de embaixadas estrangeiras e da imprensa, o governo de Prudente de Moraes demitiu os funcionários responsáveis pela administração, reformou as instalações da Ilha das Flores e criou um outro abrigo para imigrantes no vilarejo de Pinheiros, a 4 horas de trem do Rio de Janeiro. *ANAIS*, vol. I, 1970: 42-43.

escutamos, o próprio mar na qual deslizávamos tudo nos deixava curiosos e era típico de nossas conversas”.<sup>153</sup>

Percebe-se um contraste entre a fala de Kobren e o relato de Morski:

Ficamos um longo tempo na Ilha das Flores. Essa época foi terrível. As condições eram miseráveis, havia pouca comida e as pessoas morriam ao nosso redor. Havia um garoto que tocava sanfona para nos entreter. Outros brasileiros nos tentavam com comida e roupas.<sup>154</sup>

O mesmo evento, a venda de comida pelos brasileiros, é registrada por Morski como um problema, como uma “tentação” para os migrantes, que não deviam gastar ali seus recursos, e por Kobren como o contato com a novidade: novas frutas, novas pessoas, uma nova língua. Além disso, Morski cita em seu depoimento que a estada nas barracas da Ilha das Flores, foi uma “época terrível”. De modo similar, Hotsailiuk, que ficou alojado em Pinheiros, conta:

Por volta das 12 horas o nosso trem chegou à estação de Pinheiro, onde nós ficamos nas barracas, (...) ali nós permanecemos três meses inteiros. Quem pode descrever ou contar pelo que passamos nesse lugar! Quantas pessoas dos nossos morreram (...) de febre amarela! Não foi uma vez em que houve 8 a 10 mortes diárias. Quanto choro, quantos gritos das mães atingidas pelo sofrimento. O desespero nos cobriu. Eu mesmo perdi dois filhos, Mehailo e Petró. Lembro de meu desespero e tristeza: vinha, porque ia conseguir uma terrinha para eles, e enquanto isso tinha que os estabelecer em uma sepultura cinza, tão inocentes e tão jovens.<sup>155</sup>

Já Kobren registra sua estadia na mesma localidade de Pinheiros da seguinte forma:

Alguns jogavam cartas, alguns contavam histórias e outros escutavam muitos já estavam deitados, mas poucos dormiam. (...) Em Pinheiro os

<sup>153</sup> Explicaram-nos que tinham que ir para outros países, procurar um melhor destino e a alegria, porque ali não estava bem, havia miséria e não havia para quem trabalhar. “Nós, de alegria, até pulamos!” Kobren, 1936, *Apud. Guérios*, 2007, p. 44.

<sup>154</sup> MORSKI, 1914, *apud*, GUÉRIOS. Op., cit., p. 40

<sup>155</sup> HOTSAILIUK, 1924. *Apud*. GUÉRIOS, Op., cit., p. 45

nossos emigrantes estavam bem. Essas pessoas, que por toda a sua vida nunca havia se conhecido bem, lá nesses dias comiam, bebiam, descansavam, em uma palavra, sem ansiedade celebravam. Sabiam que lhes dariam terras.<sup>156</sup>

Do mesmo modo, Cheutchuk afirma sobre o período que passou em Pinheiros:

Nós observávamos com curiosidade as plantas brasileiras; alguns faziam flautas com bambus e as tocavam, para se divertir um pouco. Quando chegava o domingo, as pessoas iam sob uma árvore e cantavam canções sacras, porque já havia um longo tempo que não ouviam uma missa. De Gênova para cá, viajamos três semanas; ali, ficamos quase um mês todo, e pouco nos acostumamos a tudo ali.<sup>157</sup>

Excitado com as novidades, não se preocupava com as incertezas envolvidas em uma mudança tão radical, largar sua terra e suas famílias para partir rumo a um lugar desconhecido, sob condições incertas.

Partindo desta descoberta, percebemos que Chutchuk também veio com seus pais, já Morski, assim como Hotsailiuk, veio com sua esposa e com dois filhos, contrariando mesmo a opinião do resto de sua família acerca de decisão de partir.

Esses dados indicam que há uma variação nos relatos acerca da vinda ao Brasil, e, mais que isso, que essa variação segue um padrão. No momento da experiência migratória, os elementos que são registrados por cada pessoa parecem variar de acordo com o seu momento no ciclo de vida e sua posição na configuração familiar. Esse é um dos assuntos bem explorados por HALBWACHS, em seu livro, *A Memória Coletiva*, o autor reflete sobre as variações das lembranças de um grupo registrado por cada indivíduo no momento em que um dado evento se passa.

Algo similar ocorre nos depoimentos dos migrantes ucranianos sobre sua vinda ao Brasil, de fato, podemos afirmar que ela era registrada de formas múltiplas por diferentes

<sup>156</sup> KOBREN, 1936. *Apud*, GUÉRIOS. Op., cit., p. 45.

<sup>157</sup> CHEUTCHUK, 1936. *Apud*, GUÉRIOS. Op., cit., p. 46

participantes já no momento em que ocorria. Cada pessoa lançava um olhar específico sobre os eventos que a rodeavam.

Em sua obra *Homens Sem Paz*, C. IANNI vem confirmar historicamente expressões típicas das quais não é preciso, acrescentar nada às palavras claras dos próprios emigrantes, quando se referiam as autoridades de sua nação diante à vida que levam: Somos verdadeiramente uma massa de infelizes... Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos pão branco... Criamos os animais, mas não comemos carne... Vivemos vestidos de farrapos... E as autoridades nada fazem por nós. Portanto nos resta agora acreditar em outras terras que nos ajude a criar os nossos filhos.

Não existem, tampouco, depoimentos de pessoas mais ricas, as condições de vida dos ucranianos eram relativamente homogêneas. Nenhum dos migrantes, cujos relatos tivemos acesso tinha grandes recursos, alguma posição de maior destaque ou uma formação de nível mais alto.<sup>158</sup>

O relato de frei Horochtchuk, permite confirmar a hipótese de que as posições diferentes na configuração social, correspondem olhares diferentes sobre eventos. Neste caso, como ocorreu com os filhos dos migrantes, suas lembranças diferem, porque a própria experiência vivida na origem foi diferente; o enquadramento da viagem dos missionários foi muito diverso daqueles dos camponeses. Em primeiro lugar, seu caminho não parecia um caminho sem volta; ele e o padre Marteniuk não tiveram que vender tudo o que possuíam para lançar-se frente ao desconhecido, enquanto os lavradores se desfaziam mesmo de suas terras, seu único meio de sustento. A Igreja oferecera a ele e ao padre Marteniuk uma estrutura e uma proteção, as quais nenhum dos migrantes teve acesso.

---

<sup>158</sup> A única diferenciação entre eles era a divisão entre os *halupneke*, camponeses que não possuíam terra alguma, e *hospodáriu*, aqueles que possuíam terrenos que, contudo, não era jamais suficiente extenso. Ambos os grupos, no entanto, viajavam em igualdade de condições: tinham vendido tudo o que possuíam o que revertia em pouco dinheiro, e viajavam na terceira classe. Segundo a percepção de Kobren, “aqueles que partiram tinham umas casinhas miseráveis de barro e 2 ou 3 *morgs* de terra [*um morg equivale a pouco mais de meio hectare*], mas como tinham em casa 8, 10 ou 12 almas, e junto com a alma tem o corpo, que quer comer, beber e se vestir e nu lá não se pode ficar, porque se congela, como aqui os mosquitos congelam no inverno. A chácara que os migrantes recebiam ao chegar o Brasil tinham 25 hectares ou 44 *morgs*. Segundo Muzeka, os 14 *morgs* de terra de seu pai foram vendidos por 700 *zoloti rinski*, e cada família deveria comprovar a posse mínima de 300 *zoloti rinski* para viajar (Hotsailiuk, 1924).

De fato, o contraste entre os depoimentos dos camponeses que eram responsáveis por suas famílias, ajuda a colocar em relevo uma característica presente em todos os relatos desses últimos. A sensação de desamparo e angústia experimentada por eles, ao longo de sua experiência de vinda para o Brasil e de instalação nas colônias.

As diferenças entre o olhar de frei Horochtchuk, e o olhar dos migrantes pais de família aparecem, por exemplo, no relato da viagem de navio. Ao contrário do que aconteceram com as massas de migrantes, os dois religiosos tiveram acesso à atenções e cuidados personalizados.

Após o almoço fomos dar uma olhada no navio. Conosco iam os padres [de Hamburgo] Kicelevitch e Meinberg. No navio, fomos apresentados ao capitão. (...) às quatro horas da manhã tocou o apito, e com esse zumbido triste dava o sinal da partida (...) começo a amanhecer, e já tínhamos deixado longe para trás a cidade de Hamburgo. Agora o navio se movimentava tranqüilo, sem balançar. Calmamente pudemos tomar o café, e, sentado na cama, observar a água batendo nas laterais do navio. Nós éramos 16 indivíduos, porque apenas nós íamos na primeira classe. (...) Em Lisboa, um navio da mesma companhia do nosso Amazonas estava parado. Chamava-se Paranaguá, e ia direto de Lisboa a Paranaguá, cidade do Paraná, exatamente para onde nós íamos. (...). O capitão deu a notícia de que seria melhor para nós tomar esse segundo navio, porque chegaríamos com avanço de uma semana e não gastaríamos com a estadia no Rio de Janeiro. Com muita alegria concordamos. Levamos a bagagem de mão conosco, pois não pudemos encontrar os outros pacotes, apesar da maior boa vontade do oficial responsável pela bagagem. O capitão prometeu enviar a nossa bagagem para Paranaguá o mais rápido possível. Esse segundo navio era maior e tão organizado quanto o primeiro. (...) Aqui éramos juntos nove indivíduos. Estava por isso bastante confortável, e então as pessoas não ficavam tão melancólicas, porque havia bastante liberdade. Ficamos completamente satisfeitos com a troca.<sup>159</sup>

Por esse motivo, o relato que se segue da passagem pelo oceano é uma sucessão de amenidades; descrição das paisagens marítimas, dos peixes voadores, das gaivotas pescando, do ritual de batismo dos novos marinheiros por seus camaradas. A tensão, o medo e a incerteza presentes nos relatos dos camponeses, não aparecem em nenhum momento no relato de frei Horochtchuk.

---

<sup>159</sup> HOROCHTCHUK, 1905. *Apud*. GUÉRIOS. Op., cit., p. 50

Frei Horochtchuk e o padre Marteniuk tinham assim um relativo domínio sobre a situação da mudança para o Brasil. Eles tinham informações claras dos missionários, que já estavam lá sobre o que era necessário e sobre a vida que teriam na nova terra. Além disso, tinham acesso ao suporte, às garantias e aos recursos da instituição eclesiástica por trás deles; e, durante a própria viagem, tiveram em momentos diversos suporte de outras instituições:

Na estação em Hamburgo esperava pela nossa chegada, um membro da Sociedade São Rafael, que estava incumbido de nossa ida à América. Ele deu-nos o endereço do hotel.<sup>160</sup>

A sociedade São Rafael, a que se refere frei Horochtchuk, fora fundada em Turim, Itália, em 1892. Iosef Oleskiv, o intelectual ucraniano que quis desviar o fluxo migratório dos ucranianos para o Canadá, afirma em seu livro *Pro vilni zemli* que o objetivo da Sociedade era:

Proteger o bem-estar dos emigrantes (...) Isso consiste em transportar os emigrantes de Lviv até a Itália de modo que eles não gastem mais nessa viagem do que o necessário (...). É nessas cidades que as pessoas são mais vulneráveis, perdendo todo o seu dinheiro através da ignorância ou nas mãos de agentes desonestos.<sup>161</sup>

No entanto, se Frei Horochtchuk foi recebido por um membro da sociedade em Hamburgo, os camponeses ucranianos que partiam para o Brasil não eram tratados de forma diferenciada, e as ações da Sociedade São Rafael não eram suficientes para protegê-los, embora eles se sentissem amparados.<sup>162</sup>

Do lado dos camponeses ucranianos, efetivamente, o desconhecimento e a incerteza acerca do que se passava tornou a experiência da vinda para o Brasil muito mais angustiante. Alguns dos episódios a que temos acesso, nas fontes disponíveis nos transmitem um pouco dessa angústia experienciada por eles. Klobukowski conta que já no Brasil, ao visitar as colônias para conhecer as condições de assentamento dos colonos, passou por acaso pelas

<sup>160</sup> HOROCHTCHUK, 1905. *Apud*. GUÉRIOS. Op., cit., p. 51

<sup>161</sup> MORSKI, *op. Cit* p.3 in GUÉRIOS. Op. cit., p. 51).

<sup>162</sup> Apesar de não ter sido suficientemente informado pela Sociedade São Rafael, o próprio Kobren reconhece que alguns membros dela tinham insistido para que ele evitasse os recrutadores que tentavam aliciar camponeses para trabalhar nas fazendas do Brasil.



barracas onde estavam instalados os camponeses, que tinham vindo no mesmo navio que ele. Ele descreveu esse encontro do seguinte modo:

A hospedaria era uma espécie de paiol (...). Dezenas de pessoas estavam deitadas umas ao lado das outras. Entramos munidos de lampiões. Cercaram-me, beijando as mãos e as orlas do casaco. Perguntavam e expressavam sua alegria em me rever. “O senhor é um anjo!” “Veio ao nosso meio!” esta atitude partia de homens, mulheres e crianças. “Encontravam-se em trajes lamentáveis.”<sup>163</sup>



Figura 03: Casa de Pouso do Imigrante, norte de Santa Catarina.

Fonte: Museu do Imigrante de Porto União SC.

A simples presença de uma “autoridade” vinda do seu país natal, fazia os migrantes se sentirem mais amparados. Mesmo assim, compreendemos nitidamente que os imigrantes estavam frente a um mundo completamente novo, e não tinham noção do que seria relevante e do que seria secundário nesse novo espaço.

Por outro lado, se percebe alguns detalhes de fatos, relatos e depoimentos vinculados diretamente na memória de alguns ucranianos que só relataram certas informações muitas décadas depois, os quais provavelmente relatariam tais fatos bem diferentes se fosse num

<sup>163</sup> Klobukowski, 1898 in GUÉRIOS, Op., cit., p. 57

período próximo do acontecido. Percebe-se claramente, que este grupo deixava o interior do continente europeu dirigindo-se para os portos, especialmente italianos, alemães e poloneses, fazendo a mesma rota até o Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá e muitos até sentindo-se privilegiados por se passarem por poloneses, já que as autoridades não conseguiam identificar a etnia.

Percebemos que o tratamento histórico desta imigração ainda está numa fase embrionária, pois as dificuldades são muitas, coleta de documentos, a língua falada e escrita, a timidez da própria memória do sujeito histórico como elemento, mesmo que estejam concentrados no espaço regional do sul do Paraná e norte de Santa Catarina. Emprestando aqui o levantamento feito por P. R. Guérios, no qual ele aponta que os depoimentos de camponeses *rutenos / ucranianos* acerca de sua migração para o Brasil e que estão hoje disponíveis para análise ou tradução, distribuem-se entre as datas de 1914 e 1951. Existe, contudo algumas cartas, sendo a mais completa uma que foi escrita por Teodor Pototskei em 1897, um ano após sua chegada ao Brasil. Nessa carta ele contava para seus compatriotas que estava na Colônia Rio Claro, e que tinha se dirigido aos Estados Unidos. O que aparece com clareza é o detalhamento de certas experiências na instalação e ambiente da colônia que se encontra no Vale do Rio Iguaçu hoje, e o rio Claro é afluente do Rio Iguaçu pelo lado do Paraná, enquanto que rio Negro é afluente pelo lado de Santa Catarina, porém nessa época era tudo Província do Paraná.

A descrição que Pototskei faz é sobre uma nova fruta que ele descobriu no Brasil, a banana:

[Nossos ucranianos] plantam aqui no Paraná as bananas. Isso parece igual uma vagem da Galícia, tem uma concha igual sobre ela. No meio, quando separa essa concha, é tão macia e muito doce, e dá para esmagar em cima do pão já que é macia, é muito saboroso comer pão com essas bananas.<sup>164</sup>

Esse tipo de detalhe se torna ausente com o passar do tempo. Obviamente que tanto se apaga na memória como nos escritos, coisa que eram bem transparentes na chegada ao novo mundo visto por eles. O mesmo vem ocorrer no deslocamento até esse novo.

---

<sup>164</sup> POTOTSKEI, 1897. *Apud.* GUÉRIOS. *Op. Cit.* p. 58.

As lembranças escritas no processo migratório até a chegada na tão sonhada terra, nos leva a refletir uma imagem de ostracismo em não registrar na lembrança os fatos vividos até ali e sim começar uma escrita de tributos aos migrantes, que com suor, lágrimas e sangue, construíram as colônias a partir do nada. Esse processo migratório começava a se transformar em epopéia, e é nesse novo registro que ele seria apropriado pelos descendentes dos primeiros migrantes.

#### 2.4 - O Destino e as terras no Paraná

**No fim de tal destino já acampamos.  
Vivemos na floresta em cabanas,  
E imensamente estamos trabalhando.  
Cortamos troncos grossos de braçadas,  
Com dois-tres dias de espeçada.  
Num ano vamos ter um descampado. Pra semear.  
Vivemos do fiado. Pois o governo por enquanto fia.  
Até obtermos sal, batata e milho.**

**I. FRANKÓ**

Os camponeses da Galícia, que vieram em busca de terras para cultivar e ganhar seu sustento defrontaram-se com uma realidade menos paradisíaca do que a relatada em boletins, veiculados na Europa no final do século XIX, que informavam sobre as condições dadas aos imigrantes que viessem ao Paraná. A *Carta Folheto*<sup>165</sup>, editada pela Sociedade de Imigração de Curityba e Associação de Acclimação Paranaense para a Exposição Sul Americana de Berlim em 1887 e que foi publicado no livro *Notícia sobre o Estado do Paraná em 1892*<sup>166</sup>. Ocupados na explanação das vantagens da emigração, possivelmente não informaram o relativo despreparo do governo paranaense para o assentamento de grandes

<sup>165</sup> FRANKÓ, I. *Carta do Brasil*. In. *Ivan Frankó*. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1988, p. 32.

<sup>166</sup> A publicação deste livro não deveria mais ter “forma banal do livro ou da brochura, mas sim organizada como uma carteira-folheto, portátil comoda que tenha informações succintas, rápidas à maneira do que praticarão sempre os americanos do Norte”. O objetivo era desenvolver uma intensa propaganda do Paraná, medida de que o Paraná era uma das Províncias menos conhecida na Europa especialmente na Alemanha. “Alli se fala muito no Rio Grande do Sul, Santa Catharina, São Paulo, até Espírito Santa e nunca no Paraná”. A tradução desta Carteira-Folheto para o idioma alemão ficou ao cargo de Otto Finkensieper, para o Italiano ao cargo do Dr. J. Lazzarini, e para o polonês sob a responsabilidade do senhor. Bendazewski. “Todos os membros ativos da directoria da Sociedade de Imigração de Curityba”. Typographia da Gazeta Paranaense em 03 de Maio de 1896, p.16.

levas de imigrantes. Os anos avançaram e a propaganda atingiu o continente europeu e as grandes levas chegaram ao Paraná.

Desta maneira, os imigrantes ucranianos que chegaram ao Paraná dos contingentes significativos na década de 1900 ainda sofriam muito para chegarem às terras com processo de colonização, por parte do governo provinciano. A maior parte destes contingentes galicianos ao desembarcarem no Porto de Paranaguá subia até aos arredores de Curitiba, onde permaneciam por muito tempo por uma série de motivos entre os quais; fatores climáticos, excesso de chuva, invernos rigorosos, falta de transportes, falta de estradas até o local das terras e situações de ordem burocrática do próprio governo.

A enorme tarefa de ocupar as áreas em colonização no Paraná, a partir de 1892 estava atribuída à Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, recém criada para atender também o imigrante que estava relacionado à construção de um novo Paraná.<sup>167</sup>

No Início do século XX algumas mudanças de ordem política ocorreram no governo paranaense, especialmente a criação e união de novas secretarias. Ao mesmo tempo as áreas de florestas continuavam desocupadas em vários pontos do território paranaense especialmente no sul do estado que contava com 84% de sua cobertura vegetal original, composta por uma densa floresta de araucária. A partir de então foi para esta região que o esforço de colonização foi direcionado. Dessa forma seriam fundados as colônias no vale do rio Iguaçu, rio Negro e rio Claro.<sup>168</sup>

Referindo-se aos primeiros tempos das demarcações de terras para imigrantes, um pároco local escreveu: *chegados a Brasil, instalou-os um governo hospitaleiro nas diversas localidades dos seus vastos sertões. Repartiu-se então essas extensas regiões em lote de 10 alqueires cada um. Colocou neles os colonos que podiam apropriar-se desses lotes, pelo preço módico de 300 a 400 mil réis, a pagar-se num tempo ilimitado*<sup>169</sup>. Este relato não faz jus às experiências dos pioneiros: quem viveu aquela fase provavelmente não entendia o governo como sendo “hospitaleiro”. Relatórios do próprio governo paranaense apontam sofrimento sobre sofrimento da etnia em estudo aqui. É claro que, as condições da época eram

---

<sup>167</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Setor *Imigração*, 2000, *caderno 12*, p. 15.

<sup>168</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Setor *Política Interna*, 1999, *caderno 07*, p. 33.

<sup>169</sup> Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. *LIVRO TOMBO DO CURATO*. Curitiba, p. 21.

muito difíceis, os transportes em carroções para as colônias, o acolhimento em barracões e choças ajudou a edificar o espaço ocupado, mas, só isso não foi o suficiente para a sobrevivência dos imigrantes.

O importante também, é entender que quando o funcionário do governo responsável pela medição e organização de determinadas áreas era fiel, e competente os objetivos eram planejados e avançavam. O ucraniano enquanto aí permanecia, recebia víveres até a tomada de posse do lotes, além de ganhar subsídios para iniciar sua nova vida. O chefe da Comissão do Rio Negro, Joaquim dos Santos Gama, e seu auxiliar, Laudelino Ferreira de Miranda, fixaram-se na localidade, para orientar as tarefas de instalação do núcleo colonial.<sup>170</sup>



Figura 04: Imagem de medição de terras no sul do Paraná.

Fonte: Arquivo Público do Paraná.

A demarcação dos lotes sempre estava nas mãos de engenheiros. Conflitos e demoras quase sempre levavam à demissão do engenheiro. O engenheiro Francis Chartier desenvolveu inúmeros trabalhos em colônias ucranianas e polonesas no Vale do rio Iguaçu. Já o Engenheiro Francisco Gonçalves de Figueiredo, *não sendo regular em seu trabalho foi*

<sup>170</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, Governo do. Decreto n. 15 de 21 de janeiro de 1895. Leis, decretos e Regulamentos do Estado do Paraná, p. 18. *Estudos Bandeirantes Regional*. Este decreto criou a Inspeção Geral de Colonização do Estado, à qual estavam subordinadas as hospedarias de Paranaguá e Curitiba, bem como as Comissões de Localizações de imigrantes do Rio Negro e Iguaçu. Cada Comissão tinha dois funcionários, o chefe e seu auxiliar. Neste decreto encontram-se o nominados os responsáveis pela organização da colônia às margens do rio Negro: Joaquim dos Santos Gama e Laudelino F. de Miranda.

*dispensado pelo engenheiro fiscal*. Mesmo tendo duas Linhas atribuídas ao seu nome, a sua dispensa foi constatada em meados de 1896.<sup>171</sup>

Os imigrantes participavam, portanto da instalação da colônia. Abriam picadas na mata, traçavam estradas, partiam madeira, levantavam casebres e auxiliavam as equipes que mediam os lotes e lentamente iam tomando posse das novas terras. Desses trabalhos, dirigidos basicamente pelo engenheiro Chartier, foram nascendo diversas linhas coloniais. Em Julho de 1896, uma grande leva de ucranianos se instalou em 239 lotes coloniais, todos galicianos chegando ao fim a angustia dos barracões, e as tensões entre migrantes e nativos<sup>172</sup>.

Insatisfeitos em muitas ocasiões com a morosidade do governo paranaense, largados a própria sorte e não tendo a quem recorrer, estes imigrantes ucranianos começaram a agir por conta própria. Com espírito de guerreiros cossacos, mesmo com dificuldades na comunicação, eles passaram a pressionar as autoridades locais e até o vice-consulado austro-húngaro no Rio de Janeiro. Os motivos eram diversos, a demora na demarcação dos lotes, a falta de víveres, ataque dos nativos e até a falta de ajuda na comunicação, pois ainda não dominavam a língua local. O que os relatórios nos dão a entender, é que o medo de ataques nativos nas Linhas (vilas/aldeias) era o que mais temiam os imigrantes. Haja visto que Joaquim dos Santos Gama havia sido chefe da colônia Lucena e estavam às linhas Moema e Iracema (hoje Município de Itaiópolis no norte de Santa Catarina), onde no final de 1896, índios botocudos atacaram e mataram inúmeras famílias de galicianos.<sup>173</sup>

A professora Maria Luiza Andrezza, em sua Tese de Doutorado a qual deu origem a obra *Paraíso das Delícias*, faz um estudo de caso em relação a um grupo que veio para a colônia de Antonio Olyntho, uma das primeiras a ser fundada no vale do rio Iguaçu.

<sup>171</sup> PARANÁ, Governo do. Relatório apresentado pelo Inspetor Geral de Colonização do Estado Aristides P. Liberto ao Dr. Candido Ferreira de Abreu, Secretário de Obras Pública e Colonização. 26 de setembro de 1896, p.16-18.

<sup>172</sup> A respeito das tensões entre imigrantes e nativos consultar: LAMB, R. E. *Uma Jornada Civilizadora: Imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná*. Curitiba, 1994. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

<sup>173</sup> Na colônia Lucena estava as Linhas Moema e Iracema as quais, em 1896 sofreram ataques de índios. O que está sendo mencionado consta no Relatório apresentado ao Dr. José Pereira Santos de Andrade, pelo Bacharel Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Secretário de Negócios, Justiça e Instrução Pública. 1897 (DEAP). Neste relatório se observa que o secretário narra uma “um ataque de índios” nas linhas Moema e Iracema, onde foram mortos 19 imigrantes “polacos galicianos” Relatório 57, p. 26. O questionamento do relatório é que não havia polacos e sim ucranianos da Galícia, onde sempre eram confundidos, afinal deveriam ser dos primeiros grupos que vieram misturados e passaram por poloneses. Igualmente, muitos escritos em inglês de publicações ucranianas nos EUA e Canadá também narram tais fatos e dizem mais dando uma estatística de um ataque a cada ano a cada Colônia. ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ.

Realmente é encontrado em alguns documentos do Arquivo Histórico Paranaense relatando um motim e seus líderes. Os imigrantes se revoltaram nesta colônia em novembro de 1896 e uma das causas seria a morosidade da medição das terras. Os líderes desse motim foram Gregório Prokopiw, Theodoro Dzurelo, Josep Okunski, Wasílio Komar, Stanislaw Szymanski e Casimiro Ozuch<sup>174</sup>. Foi necessário o deslocamento de um pelotão de policiais da Lapa para acalmar a situação na sede da colônia. O relato do oficial de polícia foi que:

(...) os imigrantes, acostumados, como estavam, a receber alimentação, não querião sujeitar-se nas novas ordens do Governo e revoltão-se contra o Chefe, ni intuito de continuarem a receber o fornecimento de alimentação negando-se ao trabalho e dizendo que os salários a receberem diariamente não eram suficientes para a manutenção de suas famílias.<sup>175</sup>

Neste texto oficial, nota-se o despreparo das autoridades paranaenses para instalar os imigrantes. A aceitação das levas de galicianos, que entraram em 1896, não implicou na prévia preparação dos lotes coloniais, nos quais os imigrantes, tão logo chegassem ao Paraná, pudessem ativar uma plantação para sua sobrevivência. Acresce-se a isso os problemas enfrentados no acerto das medições dos lotes coloniais. Especialmente dois são marcantes, um é a incompetência dos engenheiros contratados pela Inspectoria de Colonização, o outro é questão decorrente da querela em torno da posse das terras devolutas onde o Estado estava instalando o núcleo colonial.<sup>176</sup>

Alguns casos de desembarques no Paraná de imigrantes, não só da etnia em estudo, chegavam a ficar até sete meses em barracões e choças, em convivência com estranhos, na espera de seus lotes e alimentação gratuita cedidas pelo Estado. Porém, o que eles queriam era fazer uma lavoura para a sua subsistência, já que uma colheita levava em média de seis a oito

<sup>174</sup> Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. *LIVRO TOMBO DO CURATO*. Curitiba.

Pág. 42

<sup>175</sup> PARANÁ. *Relatório* apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade Governador do Estado do Paraná pelo bacharel Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Secretário de Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública em 1 de dezembro de 1896. Curitiba: Typ. Modello a Vapor, 1896, p.15 (DEAP). Todos os indivíduos citados como líderes da rebelião são ucranianos.

<sup>176</sup> Na Colônia de Antonio Olyntho, houve impasse entre ucranianos e fazendeiros locais. Foi uma constante em outras colônias nesta região. Pelo que se entende era sempre motivado por questões de divisas e medições de lotes, isto veio acarretar inúmeras “reorganizações” das linhas coloniais, que se arrastaram até finais da década de 1920. Um artigo intitulado “A volúpia de sangue” onde relata o assassinato do Coletor Francisco Pinto em colônia ucraniana no Vale do rio Iguassú próxima a fronteira com Santa Catarina. (*JORNAL GAZETA DO POVO*. Curitiba: 18.02.1928, n. 2774, p.03).

meses. O essencial a respeito de tais episódios é o fato de que os líderes, pais de famílias compostos de cinco a sete pessoas, moravam no barracão que construíam junto com o governo hospitaleiro.<sup>177</sup>

Os líderes, certamente, não se insurgiram apenas pelo fato de não mais receberem alimentação fornecida via governo, mas sim, por não terem obtido a oportunidade de ser morigerados e laboriosos, em função de ainda permanecerem alocados nos barracões comunitários.<sup>178</sup>

Lento e gradativo, o governo do Paraná foi colocando em prática, a política de colonização. Matas foram desaparecendo, e imigrantes foram criando raízes nas novas terras. Ao receberem seus lotes a grande maioria mantivera-se na localidade habitada até morrer. Este foi o caso de Josep Okunski, elogiado no obituário de um correspondente do Jornal Gazeta do Povo, o qual enviou para Curitiba, em 1928:

Com idade avançada de 73 anos, faleceu neste 04 de julho, o imigrante e prestante colono ucraniano Josep Okunski, homem probo e trabalhador.<sup>179</sup>

Mesmo instalados, se mantinha a obrigação para com o Estado. O subsídio recebido para a viagem, alimentação, correspondia à chamada Dívida Colonial. A maior quantia desta, estava relacionada à compra da colônia de terra (o Lote), propriamente dita. Conforme a relação nominal na expedição dos Títulos definitivos, do Domínio Pleno de Terras, das linhas de demarcação dos Núcleos, as quitações destes lotes deram-se entre 1901 até 1931.<sup>180</sup>

O pagamento de tal Dívida Colonial, poderia ser saldada em moeda corrente, ou mediante a prestação de serviços em obras públicas para o benefício da colônia. A quitação da dívida para os colonos era um problema, já que envolvia moeda corrente. A localização em

---

<sup>177</sup> PARANÁ. *Relatório*. Apresentado pelo Inspector Geral de Colonização do Estado Aristides P. Liberato ao Dr. Candido Ferreira de Abreu, Secretário de Obras Publicas e Colonização em 26 de novembro de 1896, p.15.

<sup>178</sup> Tudo vem indicar que a questão primordial não era uma revolta no sentido da perpetuação do auxílio governamental para a sua subsistência: A queixa era justamente pela impossibilidade de proverem a própria subsistência. Considerando apenas o fato da demora para a grande parte do grupo e às condições da vegetação local, ter um intervalo de seis meses para produzir uma colheita que garantisse o sustento da família.

<sup>179</sup> *JORNAL GAZETA DO POVO*. Notícias do Interior – Colônia Antonio Olyntho. Curitiba: 15.07 1928. n. 2984, p.08.

<sup>180</sup> . ANDREAZZA, M. L. *Paraíso das Delicias*, Tese de Doutorado, Curitiba: Quatro Ventos, 1996, p. 60.



mata virgem, o trabalho na lavoura de subsistência e a distância de centros urbanos, isolavam a colônia, gerando a necessidade de estratégias para o pagamento. Conforme já falamos anteriormente dos trabalhos destes imigrantes, na medição dos lotes, inserimos também a construção de estradas e pontilhões, também como forma de pagamento. No início da década de 1900, com a construção da Ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul, para alguns homens a situação até melhorou, pois faziam suas lavouras de subsistência, e se deslocavam para outras regiões trabalhando na Companhia, tanto na construção como na extração da madeira. Para outros que nada conseguiram dirigiram-se para um outro tipo de extrativismo, recentemente descoberto por muitas etnias européias, que foi o extrativismo da erva-mate.



Figura 05: Extração da erva mate por imigrantes eslavos no norte de Santa Catarina.

Fonte: Família Odebrecht.

A partir da década de 1920, quando a atividade econômica da região passou a concentrar-se na extração da madeira, eles obtiveram lucros, com a venda dos pinheiros existente em suas propriedades, o mesmo já vinha ocorrendo com a erva-mate coletada também em suas propriedades. Varias Companhias se destacavam neste tipo de comércio, entre elas podemos destacar a *Lumber Company*, que extraía a madeira de propriedade da

*American Raylway Company*, a construtora da Estrada de Ferro São – Paulo Rio Grande do Sul.<sup>181</sup>

A falta de moeda em circulação inseriu os colonos numa prática de captação financeira, tornando comum em outros núcleos de imigrantes. Além da dívida, tinha a compra de alguns produtos essenciais. A estratégia comum consistia na entrega de parte da sua produção de grãos: feijão, milho, trigo, bata e cevada, ou a extração da erva mate para os comerciantes locais, em troca de dinheiro. Esta transição não envolvia dinheiro simultaneamente, a não ser algumas pequenas mercadorias. Quando envolvesse dinheiro só entregaria ao coletor, da sua passagem pelo núcleo para receber parcelas da dívida colonial, conforme combinado com o governo.

Os comerciantes então na prática faziam o papel de “banco”, um deles foi Francisco Bach, cujos livros de registro, documentam este tipo de negócio. Tal procedimento de transação criava toda uma expectativa, envolvendo ambas as partes: o comerciante para receber o dinheiro no prazo certo e o colono ver quanto lhes sobrava de crédito após a entrega do dinheiro. Segundo Oversenko:

*A minha avó contava que quando o coletor e o guarda-livro vinham recolher dinheiro do governo, as esposas dos comerciantes faziam pequenos saquinhos de linho branco barato, para pôr as moedas, o equivalente a quantia de cada colono.*<sup>182</sup>

As diretrizes governamentais, no que tange a instalação de núcleos coloniais preconizavam uma pluralidade étnica, envolvendo em alguns núcleos uma mescla de estrangeiros como nacionais. O objetivo era evitar aquilo que mais tarde passou ser chamado de quisto étnico. Assim, em algumas colônias ucranianas, estavam também alguns italianos, alemães, poloneses e nacionais. O importante é qual fosse a etnia, todos recebiam os lotes nas mesmas condições, ou seja, comprados do governo do estado, e na mesma quantia de dez alqueires.

---

<sup>181</sup> PARANÁ. Secretaria do Estado do Meio Ambiente Pasta Imigração. *Divisão de Regularização Fundiária*. Coordenadoria de Terras, Cartografia e Cadastro.

<sup>182</sup> Entrevista 06, senhora Oversenko, 72 anos, junho de 2006.

Num trabalho investigado pela professora Maria Luiza Andreaza *De Polacos a Rutenos*, ela expõe o relacionamento entre poloneses e ucranianos nas colônias, onde podemos notar as diferenças e semelhanças, especialmente relacionadas ao físico e cultural. Cabe lembrar, que a etnia em estudo sempre foi confundida, e até se deixou passar por poloneses, com medo de não ser bem aceita pelas autoridades brasileiras.

Na produção da vida material dos colonos verificou-se a grosso modo, a mesma paridade. Inicialmente derrubava-se a mata virgem, para nascer posteriormente a lavoura de subsistência. Os ucranianos, da mesma maneira que os demais se ocuparam da coleta de ervamate nativa e foram os últimos já na década de 1930, a buscarem a extração da madeira. Essas atividades, contudo não significaram uma fonte de renda expressiva para eles, mas de maneira geral, a produção agrícola do grupo avançou muito, fazendo entre alguns colonos a diferença sócio-econômica significativa entre os moradores, em seus núcleos. Já os cargos administrativos e políticos, foram assumidos, inicialmente por fazendeiros luso-brasileiros, que residiam na região, ou nas proximidades, ou por comerciantes que acompanhavam o desenvolvimento da colônia. Bem mais tarde e com poucas exceções alguns netos dos emigrantes, começaram a ter um desempenho melhor neste sistema de política local.

Não há até o momento, distinções sociais e econômicas entre os colonos, principalmente até o início da década de 1930. Todavia, eram minoritários os participantes de outras etnias, podendo-se afirmar que a respeito do projeto multi-étnico para sul do Paraná, como pretendia o governo e as companhias colonizadoras<sup>183</sup>. É claro que na maioria das vezes as colônias se tornaram ucranianos e poloneses, entre essas etnias é que foram construídas fronteiras culturais expressivas. Expõe-se aqui, um questionamento sentido em campo, e nítido na literatura: o que tornou os imigrantes ucranianos um grupo à parte entre o grupo eslavo?

É importante não desconsiderar a história pregressa dos eslavos que se instalaram na região sul do Paraná e norte de Santa Catarina, para lembrar que ucranianos e poloneses, não possuíam uma única tradição, abrigavam sim, diferenças histórico-culturais agudas. Por isso mesmo, pode-se pensar que na reestruturação dos respectivos códigos sociais, a rivalidade

---

<sup>183</sup> RIESENBERG, Alvir. *Instalação Humana no Vale do Iguaçu*. Apostila de Apontamentos – 1973. (Arquivo da Biblioteca Pública do Paraná)

étnica já veio pronta. As diferenças entre as duas etnias tiveram seu molde na Galícia e Bukovina, aqui elas foram apenas retomadas.<sup>184</sup>

E mais, parece duvidoso que entre os próprios ucranianos, houvesse uma harmonia étnica, já que seriam também de aldeias de regiões diferentes. Do confronto das linguagens sociais específicas entre os grupos que estavam abrigados sob a rubrica dos ucranianos, um padre local quando visitava algumas famílias, deu seu testemunho escrevendo:

Chegando ao Brasil, trouxe o povo ucraniano os seus costumes e suas danças a que esta instintivamente agarrado. Em certas ocasiões, p.e. num casamento, e não raras vezes surtiram questões, discordieas, discrepâncias so pelo rasão que as ceremonias pela ocasião do casamento eram diferentes numa povoação dos da outra. Custou duro e porfiado trabalho o introduzir de uniforme para ritual do cazamento, as famílias se gritavam. Fallei tudo de veste e cor e não quis contra fala da cerimonia: mas desse tempo encontro na colônia certa paz e socego.<sup>185</sup>

No entanto, é relativo considerar aqui, que apesar das variações dialetais entre os ucranianos, o idioma comum facilitava a comunicação entre eles, ao menos em maior intensidade dos que lhes cercavam na localidade. A semelhança lingüística entre os ucranianos, a qual não faz parte deste estudo, traduzia-se em condições propícias para uma recriação cultural, pelo próprio fato imigratório, mesclando diversos códigos sociais, correspondentes às varias culturas que imigraram. Em outras palavras, estas populações imigrantes usaram seus respectivos acervos culturais, para montarem os significados de pertencimento étnico, em qualquer tipo de cerimônia.

Ao emigrarem para o Paraná, esses ucranianos sabiam apenas da rota dita por pessoas nunca vistas, e quase sempre todos vinham parar na Ilha das Flores, Porto do Rio de Janeiro e Porto de Paranaguá, e bem posterior Curitiba e mais longe ainda, a tão sonhada terra.

---

<sup>184</sup> Estou me referindo na recriação cultural dos imigrantes nos termos propostos por CARDOSO DE OLIVEIRA, ele não reduz o grupo étnico a uma unidade portadora de cultura, que independentemente das condições em que se encontre, reproduz comportamentos semelhantes em função de uma matriz cultural. Esse autor prioriza o entendimento do tipo organizacional assumido pelos grupos, valendo-se da identidade étnica para classificar-se entre si próprio e entre os outros. (CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia, e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976).

<sup>185</sup> Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. *LIVRO TOMBO DO CURATO*. Curitiba: p.51

O primeiro elemento familiar, que deixou de existir para eles, foi o contato com as pessoas que lhes eram conhecidas em suas aldeias de origem. O rompimento imediato, de vínculos que ligavam a seus vizinhos, aos senhores local e aos padres, fragmentou a ordem moral e social dos grupos. Depoimentos e relatórios utilizados aqui indicam que cada transporte era pouco para as famílias que saíam juntas de cada aldeia galiciana, ou bukovina. Pacevitch (1951), que se estabeleceu em Rio Claro, afirma que deixou sua aldeia com um grupo de cinco famílias. Ao chegar em Paranaguá, segundo seu relato, “separamo-nos deles e nunca mais nos encontramos”. Este também foi o caso de Kobren (1935), que se instalou em Iracema (Rio Negro), vieram com ele apenas duas famílias de sua aldeia. Assim boa parte dos ucranianos, não se conhecia antes de se tornarem vizinhos no Paraná, e sua convivência dependiam do estabelecimento de novos laços sociais.<sup>186</sup>

Como ocorreu em todo o sul do Brasil, as colônias paranaenses foram organizadas em “linhas”: abria-se uma estrada em meio à floresta, e os lotes eram demarcados lado a lado, ao longo dessa estrada. Essa distribuição de colonos no espaço das linhas, era muito diversa daquela das vilas galicianas, onde as casas eram próximas umas às outras, e os lotes eram nos arredores das vilas.

Por fim, o universo social das colônias paranaenses era muito diverso daquela da Galícia, nelas não havia senhores, e mesmo a presença do Estado era reduzida. A diferença que marcou muito a vida dos ucranianos, contudo dizia respeito à falta das igrejas do rito greco-católico. Nas igrejas construídas pelo governo nas colônias, era distante, rito latino e não possuía a linguagem dos imigrantes tornando-se muito estranho para os mesmos.

---

<sup>186</sup> Quando as famílias extensas vinham juntas ao Brasil, contudo elas esforçavam-se para se estabelecerem juntas na mesma linha. Andreazza. Op., cit., p. 69, dá o exemplo da família Grabasz, que se instalou na linha Dr. Gonçalves no núcleo Antonio Olyntho. Nos lotes 20, 27, 28, 29, e 51, dessa linha o marido ou a esposa tinham que possuir esse sobrenome. Nesse estudo de caso a professora ANDREAZZA descobriu que os lotes 27, 28 e 29 eram apenas da mesma aldeia e jamais da mesma família, mesmo possuindo sobrenome igual.

### III - AS COLÔNIAS UCRANIANAS EM TERRITÓRIO CONTESTADO.

As fontes históricas até aqui utilizadas na pesquisa, foram produzidas por historiadores, técnicos governamentais, igrejas, congregações cristãs e colonos, que se estabeleceram em diferentes colônias do Paraná, e que mais tarde algumas acabaram ficando para Santa Catarina.

A disputa pela região contestada, em seus desdobramentos posteriores e a reordenação dos limites entre Santa Catarina e Paraná, cada colônia seguiu um caminho particular, independente do espaço territorial. O exemplo disso, tem Lucena que se tornou a cidade de Itaiópolis, que antes de 1916 era do Paraná e posteriormente ficam para Santa Catarina. O mesmo ocorreu com Porto União, só com uma diferença, (...) o rio, [Iguaçu] a Estrada de Ferro e uma rua serviram para dividir a cidade de Porto União e União da Vitória (...) o Porto União ficou no lado catarinense e União da Vitória no lado paranaense (...) assim nasceram as “gêmeas” do Iguaçu (...).<sup>187</sup>

A forte presença polonesa na região de Itaiópolis, levou a especificação de algumas “linhas” ucranianas, as quais se encontram em municípios vizinhos: Bley Pombas (Papanduva), Craveiro (Santa Terezinha), Lucena, Iracema e Paraguaçu (Itaiópolis). Tais linhas seriam colônias menores, e próxima uma da outra, e nunca deixaram de ser colônias. Em alguns documentos são apontadas como colônias, em outros como linhas.

A nítida visão regional nos mostra o domínio polonês na economia urbana, onde se destacam no comércio, e politicamente na administração das cidades. Enquanto isso na agricultura e pecuária, os ucranianos têm o domínio. É provável, por se tratar de uma etnia “fechada” e com fundamentação de quietude, eles preferem viver para o cultivo do solo e a organização dos animais.

---

<sup>187</sup> RIESENBERG, Alvir. *Instalação Humana no Vale do Iguaçu*. Apostila de Apontamentos – 1973. (Arquivo da Biblioteca Pública do Paraná)

As cidades da região estudadas são pequenas e possuem em média de 20 a 30 mil habitantes. Na área rural, a agricultura é trabalhada em pequenas propriedades, onde todos da família executam tarefas.

Aqui não podemos deixar de lado a colônia de Rio Claro, a qual deu origem ao município de Marechal Mallet na margem direita do rio Iguaçu, (território paranaense) entrada para o vale vindo do norte; aí, a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul pelo empreendedor norte-americano Percival Farquhar e a instalação da companhia madeireira Lumber, que ganhou a concessão para a exploração da área dos 15 quilômetros de cada lado da linha férrea, e que foram determinantes para o desenvolvimento da região. Por este local passaram os grupos que adentraram para a colonização do vale, alimentando assim a colonização de toda a região.

Essas colônias foram alvos privilegiados dos novos contingentes migratórios, chegados nos anos de 1907, 1912 e 1920, grande parte desses colonos, deixou a lavoura de lado, ou para mulheres e crianças, partindo para a construção da ferrovia, extração da madeira e mais tarde funcionário da Rede Ferroviária Federal, que se tornou proprietária das linhas construídas.<sup>188</sup>

Seria importante focar o dever histórico para cada grupo de migrantes e, a partir da comparação de materiais empíricos provenientes de cidades como Itaiópolis, Prudentópolis, Marechal Mallet, Rio Negro, Porto União, União da Vitória etc., observar o mecanismo de diferenciação social envolvidos em cada caso. No entanto, para realizar tal trabalho, seria necessário que houvessem pesquisas consistentes, acerca de desenvolvimento próprio de cada uma das localidades. Notamos que no atual estágio de desenvolvimento do campo de estudo dos ucranianos no Brasil, essa tarefa é ainda inviável. Um projeto que envolvesse todas as colônias seria impossível e até subumano de ser vencido por um pesquisador. A etnia é pouco pesquisada, a língua é um obstáculo, e por isso, documentos e fontes tornam-se escassos para a complementação de leituras, dentro de uma ótica investigativa. Portanto, acredita-se que os estudos de caso, que é o que mais aparece em pesquisas, é um meio de se conseguir mostrar melhor a história e a cultura ucraniana no Brasil.

---

<sup>188</sup> RIESENBERG, Alvir. Op. cit. p. 12.

A missão do nosso trabalho é focar os ucranianos, e suas colônias em terras contestadas, expor também sua história e sua cultura. Notamos que em Itaiópolis, está a principal concentração ucraniana que é a colônia Iracema. Ela se encontra na rota do turismo religioso e recebe ucranianos do mundo todo para falar a língua, rezar no rito ortodoxo (Bizantino), praticarem a culinária e apresentarem suas danças folclóricas, que nasceram em solo negro e fértil do leste europeu.

A história de Itaiópolis reúne muitas etnias e tem origem na fundação da cidade paranaense de Rio Negro. Os primeiros colonos chegaram em 1890, oriundos da Inglaterra. Imigrantes russos, alemães, poloneses e ucranianos, vieram nos dez anos seguintes. Juntamente com algumas famílias de tropeiros que acampavam na região, já que a mesma se encontrava na rota dos tropeiros, deu-se início a formação do povoado. Itaiópolis pertenceu ao Paraná até receber sua emancipação política em 1909, mas um acordo realizado em 1917, após a Guerra do Contestado, converteu a comunidade mais uma vez em distrito, desta vez pertencente a Mafra. Um ano depois, Itaiópolis conquistou definitivamente sua emancipação política.<sup>189</sup>

A base da economia de Itaiópolis é a agricultura. Porém no início da colonização, a madeira abundante e a erva-mate, estimularam o extrativismo vegetal, que sustentou a população por muito tempo. Na década de 1960, produziu-se muito trigo e centeio, o cultivo foi paralisado, devido às exportações argentinas, que atingiram o mercado brasileiro com seu baixo custo. Hoje, os destaques são: o milho, o feijão, o fumo e a fruticultura, onde Itaiópolis se destaca como o maior produtor de pêra de Santa Catarina.<sup>190</sup>

Itaiópolis está localizada na região norte catarinense. Seus municípios limítrofes: Mafra, Papanduva, Santa Terezinha, José Boiteux e Vitor Meireles, este último possui a Reserva indígena “Duque de Caxias”. Sob administração da Funai, nesta reserva encontram-se os últimos nativos da região norte de Santa Catarina. Estes nativos são aqueles, onde seus ancestrais foram expulsos pela colonização e hoje estão confinados numa pequena reserva.

---

<sup>189</sup> Arquivo Público e Histórico do Município de Itaiópolis (Pasta história local).

<sup>190</sup> IBGE – 2006 – (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Mafra – SC.



Com uma área de 1.295,3 km<sup>2</sup> Itaiópolis ainda possui uma população de 20.181 habitantes, população esta que é tipicamente do leste Europeu.<sup>191</sup>

Por duas vezes Itaiópolis tornou-se município, em 18 de março de 1909, pela Lei estadual do Paraná n. 850, sendo desmembrado de Rio Negro, que então se estendia também para o lado catarinense. Esta lei foi suspensa por decreto paranaense em 26 de maio de 1917, por ser a região transferida para Santa Catarina, onde inicialmente ficou como Distrito do novo município de Mafra. O acordo de limites entre Paraná e Santa Catarina foi assinado pelos governadores no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1916, retificado pelo legislativo de Santa Catarina em 03 de março de 1917 e pelo legislativo do Paraná em 23 de março de 1917.<sup>192</sup>

É importante lembrar que Itaiópolis restaura-se município por desmembramento de Mafra, pela lei estadual de Santa Catarina n.1220, de 28 de outubro de 1918, oficializando-se em 01 de janeiro de 1919.

O povoamento de Itaiópolis ocorre no começo da república. Ali encontravam-se as famílias Reichardet, Wergonowiski, e Becher. Criava então o governo federal, a Colônia Lucena (hoje Itaiópolis) na região. Composta por algumas montanhas, nascente dos rios Negrinho, São João, São Lourenço e Preto, floresta densa e solo fértil. Esta realidade de ambiente fez com que os colonos criassem uma situação típica de colonização européia na América.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> IBGE – 2006 – (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Mafra – SC.

<sup>192</sup> Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico de Santa Catarina – Pasta FECAM 003/1988.

<sup>193</sup> Arquivo Público e Histórico do Município de Itaiópolis (Pasta história local).

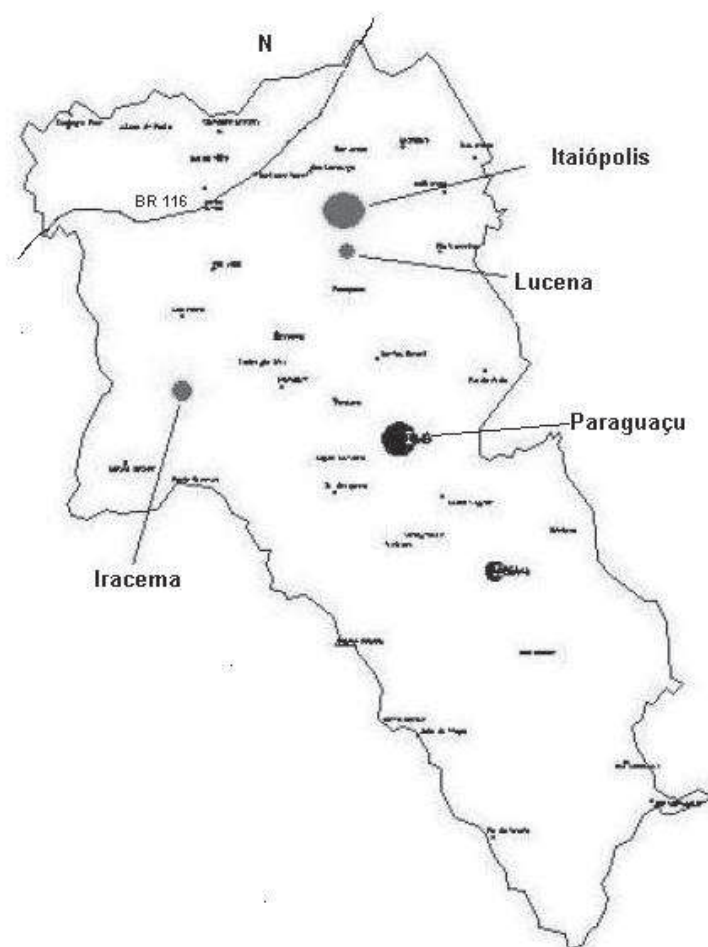


Figura 06 – Mapa do município de Itaiópolis.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itaiópolis.

Com a demarcação dos lotes, o governo federal cedeu ao Paraná, o encargo da ocupação das terras em 1895. Neste período foram introduzidas as primeiras famílias polonesas, seguidas por rutenos (ucranianos) do rito católico de Bizâncio (ortodoxo); dali nasceu a colônia Iracema situada mais ao sul de Itaiópolis. Por volta de 1898, famílias alemãs aderiram à região e fizeram uma reemigração, vindo de São Bento do Sul e Joinville, provavelmente pelo motivo dos lotes serem maiores e a fertilidade do solo ser melhor.<sup>194</sup>

As dificuldades encontradas pelas famílias, fizeram com que as mesmas se apegassem em seus credos. Ainda hoje podemos notar a quantidade de igrejas e a prática do cristianismo

<sup>194</sup> Arquivo Público e Histórico do Município de Itaiópolis (Pasta história local).

na região. Registros das congregações nos revelam o apoio concedido pela igreja e religiosos, tanto europeus como brasileiros, auxiliando os colonos no cotidiano. O exemplo disso nos certifica que em 1901, criou-se uma paróquia no interior de Itaiópolis com apenas um padre e muitos leigos e o distrito só foi criado em 1903, por pressão desta paróquia, tanto a paróquia como o distrito estavam vinculados a Rio Negro, então Paraná. Ocorrida emancipação da colônia, deu-se a como consequência a criação do município, conforme já mencionamos. Com a criação da paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, por desmembramento da Igreja de São Estanislau, do núcleo de Paraguaçu (linha polonesa e ucraniana) também nasce nesta comunidade outra paróquia, a qual se encontra em atividade até hoje, ficando a sete quilômetros do centro urbano de Itaiópolis, em pleno campo agrícola. A administração ainda é pela congregação polonesa dos padres Lazaristas, os quais atendem como de costume todas as etnias da região. O mesmo ocorre com a Paróquia e a Congregação Sagrada Família (Colônia Iracema) que além de atender os ucranianos e seus descendentes, também recebe as demais etnias da região.<sup>195</sup>

---

<sup>195</sup> Eparquia Ucraniana do Rito Ortodoxo de Curitiba – relatório circular tomo n.07 p.22.



Figura 07: Igreja de São Miguel Arcanjo.

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Prudentópolis.

Em 1917, ao ser entregue pelo bispo de Curitiba, ao bispo de Florianópolis, (ambos da igreja católica) os relatórios informavam que havia dois mil ucranianos que freqüentavam a igreja da colônia Iracema (hoje Paróquia Sagrada Família) e cinco outras igrejas do rito ucraniano em núcleos de colonização (hoje doze). Na época o Curato foi posto sob a direção dos padres da Ordem de São Basílio Magno, do rito Ortodoxo. No início, a formação dos padres e a Sede da Congregação estavam em Prudentópolis. A Ordem continua a mesma, o Seminário de formação continua em Prudentópolis, somente a Sede da administração

transferiu-se para Curitiba, gerando a Eparquia Ucraniana, a qual serve todas as igrejas ucranianas da América Latina.

Nesta etapa da pesquisa, nos convencemos que é difícil deixar a religião, e a cultura da etnia em estudo no campo do ostracismo. Acreditamos que os colonos ucranianos fazem com que sua religiosidade se torne uma magia e não conseguem viver sem sua prática. Em cada núcleo, ou linha que visitamos para a pesquisa, há sempre uma igreja no estilo bizantino. É claro que a região que envolve a pesquisa é tipicamente agrícola e de cidades pequenas, facilitando as etnias, à prática da religiosidade e da cultura.

### 3.1 - O território Contestado

**O Contestado é um filho infeliz de dois pais adotantes, ambos ávidos de sua maravilhosa riqueza e ambos manifestamente impotentes para debelar os males terríveis que o assoberbam: a ignorância dos habitantes e a falta de um policiamento extraordinário e duradouro.**

**Demerval Peixoto<sup>196</sup>**

A denominação, Região do Contestado refere-se ao local que foi durante muitos anos, alvo de disputa e contendas entre os estados de Santa Catarina e Paraná, chegando inclusive expandindo-se em 1893, suscitando uma disputa diplomática internacional, entre Brasil e Argentina. A disputa acirrou-se, principalmente, a partir de 1853, quando o estado do Paraná desmembrou-se de São Paulo, indo até 1916, quando houve um acordo entre os dois estados litigantes.<sup>197</sup>

Entre os anos de 1912 e 1916 na região contestada, ocorreu a rebelião sertaneja que ficou sendo denominada *Guerra do Contestado*. Os descendentes de sertanejos que participaram no Conflito do Contestado, relembram fatos que dominaram este episódio: *A*

---

<sup>196</sup> Militar da Campanha do Contestado em 1915.

<sup>197</sup> VALENTINI, Delmir José. Da Cidade Santa à Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado. Caçador, Universidade do Contestado, 2003, p.17.

*Construção da Ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul, O Tempo dos Redutos*<sup>198</sup>, *O Tempo dos Jagunços, A extração da madeira, A colonização das terras e a chegada dos imigrantes.*

Thomé escreve que a expressão *Região do Contestado*<sup>199</sup> foi usada pela primeira vez em 1974, quando da criação do *Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado*.

Trata-se de uma ampla região localizada no Centro-Oeste do território catarinense em direção ao sul do Paraná. O conjunto todo soma cerca de 32.000 Km<sup>2</sup>. Atualmente abrange 60 municípios, alcançando o número de 900 mil habitantes.<sup>200</sup>

A Geografia Física nos mostra a região bem diversificada, onde contém espaços de campos, matas e congregando características intermediárias, ou de transição tanto relacionado com a flora e a fauna. Posicionada entre a bacia do Uruguai e a bacia do Iguazu tornou a região propícia às atividades pastoris, agrícolas e extrativas, dando ênfase à economia primária. A região é assim descrita por Ávila de Luz.

“Plainos admiráveis, apenas perturbada a lhanura do chão, pelo ondular das “cochilhas”, colinas pouco elevadas e pelas depressões das “canhadas”, de longo declive, toda a superfície coberta de excelentes gramíneas nativas. São os belíssimos campos de criar vastos rebanhos, e de pastagens natural é ótima, que fixaram aí, nos primórdios do povoamento, com fazendas e currais de gado, os seus primeiros moradores. Ao norte, já está a densa mata de araucária e a existência do solo fértil.”<sup>201</sup>

Para os povos primitivos, habitantes da região<sup>202</sup> e também para os sertanejos, que posteriormente habitavam essas terras, a floresta representava a sobrevivência. Já para os colonizadores vindo mais tarde, era necessário eliminá-la para cultivar o solo com outras

<sup>198</sup> Espécie de aldeamento fechado: recinto em forma de fortaleza, espaço de resistência, abrigo, trincheira.

<sup>199</sup> THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lágrimas no chão do Contestado*. Caçador: INCON Edições/ UNC, 1996. p. 57.

<sup>200</sup> RELATÓRIO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Regionalização*, 2000, p.17.

<sup>201</sup> LUZ, Aujor Ávila. *Os Fanáticos – crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis, EDUFSC, 1952, p.9

<sup>202</sup> Antes da chegada dos colonizadores a região era habitada por grupos indígenas que percorriam as zonas de campos e de matas em todo o planalto norte de Santa Catarina e sul do Paraná. Livres vagavam no mesmo espaço, onde as dádivas da natureza garantiam à sobrevivência a fartura. “Segundo Thomé, os grupos que aqui existiam eram de quatro tradições: Tradição “UMBU”, tradição “HUMAITÁ”, tradição “TAQUARA” e tradição “TUPI-GUARANI”, sendo que a região foi habitada há cerca de 10.000 anos atrás. THOMÉ, Nilson. *O Ciclo da Madeira*. Caçador – SC. Imprensa Universal, 1995. p. 48.

variedades. Para as empresas estrangeiras, as florestas nativas não passaram despercebidas como objetos de cobiça e, em poucos anos, ou seja, no início deste século, áreas enormes com suas madeiras de lei foram devastadas.

Warren Dean, em obra publicada, descreveu sobre a devastação das matas no sul do Brasil. O autor registra que “(...) <sup>203</sup>as madeiras começaram, na virada para o século XX, a retirar araucária, cedro e imbuia da floresta (...). Descreveu a importância das araucárias, enquanto produto de exportação, e também sobre as madeiras que eram escoadas rio abaixo chegando até Buenos Aires”.

Um dos componentes mais importantes da flora da região contestada encontra-se na araucária, conhecida como pinheiro brasileiro, que assim é descrito por Ávila da Luz:

O que melhor define a paisagem, caracterizando-a é o pinheiro do Paraná, a araucária brasiliensis, erguendo-se a uma altura de mais de 30 metros e diâmetro de até 2 metros. Árvore secular que se eleva vertical e retilínea para cima, coroando seu topo com uma larga copa, formada de ramos simétricos, cujas extremidades se inserem tufos de pequenas folhas aciculadas. Ao longe, o longo porte atenuado e grossura de tronco, desenha-se esbelta a árvore, dando a impressão de uma taça de comprido pé.<sup>204</sup>

Importante observar, que o desenvolvimento do pinheiro, não é homogêneo nos diversos locais desta região. Na zona dos Campos, ele apresenta-se pequeno, baixo e disperso, enquanto que na zona das matas, geralmente ele é homogêneo, desenvolve-se muito bem, chegando alcançar a altura de 30 metros e diâmetro de um metro. Historicamente este vegetal marcou a região, serviu como ponto referencial para as conflitantes disputas pelo espaço territorial.

De grande utilidade, o pinheiro apresenta sua madeira com nobreza, sendo muita utilizada nacional e internacionalmente. Serviu muito aos nativos, caboclos, mais tarde aos

---

<sup>203</sup> DEAN, Warren. *História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 266-68.

<sup>204</sup> LUZ., Op., cit., p. 16-17.

imigrantes, e hoje espécie proibida de corte por legislação federal como consta nos Anais do IBAMA.<sup>205</sup>

Também de elevada importância econômica, encontramos a erva-mate (*Ilex paraguayensis*) nesta região, uma verdadeira dádiva da natureza, árvore de forma arredondada e não muito alta, que cresce nativa das sementes caídas no chão, depois de passarem pelo estomago dos pássaros, principalmente do sabiá e do tucano. Em geral encontra-se isolada no meio das matas. Foram com as *missões* dos padres jesuítas que o hábito de tomar o mate tornou-se conhecido e evoluiu. A erva-mate, então, passou a ser uma importante fonte de renda para a região produtora.<sup>206</sup>

Escrevendo sobre as riquezas naturais nas margens do rio Iguaçu, Linhares destaca-se além de pinheiros e mate, encontram-se *essências preciosas como o cedro, imbuia e outras espécies consideradas nobres*. A flora pode assim ser descrita, aproximando o relato a um tempo remoto, muito antes do tempo dos redutos. Muito embora ainda sejam encontradas áreas intocadas, a maior parte foi modificada totalmente, revelando as transformações exercidas pelo homem sobre a natureza.

No presente, o que melhor define a paisagem, é a característica do pinheiro americano do chamado floresta cultivada, gerando o que se chama de floresta homogênea. O crescimento deste tipo de vegetação é rápido, tornando efêmeras florestas lucrativas.

Com a derrubada das florestas e a substituição da vegetação nativa a fauna primitiva desapareceu. É importante lembrar, que a história da utilização de pequenos animais silvestres na alimentação humana, a qual se constituiu um hábito arraigado entre os sertanejos. Mesmo durante os redutos, quando a fome apertava, era comum os homens embrenharem-se na mata para caçar.

Um militar que esteve na região, no tempo dos redutos, relata a existência de muitas espécies da fauna, abelhas, répteis e outros animais:

---

<sup>205</sup> Arquivo de Relatórios n. 16. Sede Adm. Floresta Nacional de Caçador – SC, 2002.

<sup>206</sup> VALENTINI. Op., cit., p. 62



(...) Muita perdiz, jacutinga, macuco, codorna, saracura. Entre os inúmeros canoros, são dignos de nota a graúna, o sabiá da mata e o canário. Os rios produzem o surubim, o pirarucu, o bagre, o dourado, o pirara, mandigussú.<sup>207</sup>

A região do Contestado é marcada pelas bacias do Iguaçu, ao norte e bacia do Uruguai a oeste, tendo no espaço hidrográfico uma das riquezas da região. Os afluentes do Uruguai sangram o sul do território o mesmo ocorre com os afluentes do Iguaçu no setor norte. Enquanto a bacia do Uruguai é acidentada, a do Iguaçu chega ao ponto de ser possível de navegação em pequenos barcos. “... É navegável por vaporzinhos que vão de Porto União até rio Negro e Porto Amazonas do médio vale no interior do Paraná, onde em 1915 era início do Ramal da Ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul ao Porto de São Francisco”.<sup>208</sup>

Como a pesquisa se detém nas colônias ucranianas no vale do Iguaçu ou próxima dele trabalharemos mais ao norte do território e do rio Iguaçu, compreendendo a colonização das chamadas terras férteis por eslavos. O rio Iguaçu possui diversos afluentes, sendo o principal deles em sua margem esquerda, o rio Negro. Suas águas correm em direção a Oeste, até atingirem o rio Paraná. Seu leito é pedregoso e pouco profundo, e as chuvas ocasionais fazem o curso d’água se avolumar e facilmente transbordarem.

É importante lembrar que o rio Iguaçu compõe boa parte da divisa entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, abrangendo zonas da região contestada. Observa Peluso Junior:

A divisa entre os Estado de Santa Catarina e Paraná, no planalto, é o rio Negro até a foz no rio Iguaçu, seguindo por este rio as cidades de União da Vitória (Paraná) e Porto União (Santa Catarina) onde o limite seguindo estradas e rios, chega ao divisor da águas entre as bacias dos rios Iguaçu e Uruguai.<sup>209</sup>

Na época dos redutos, as fronteiras entre o Estado de Santa Catarina e Paraná, estavam indefinidas e geravam muita polêmica. A questão também se consistiu em agravante

<sup>207</sup> SOARES. J. O P. *O Contestado*. Porto Alegre, Escola de Engenharia, 1920. p.7-8.

<sup>208</sup> LUZ Op. Cit, p.17

<sup>209</sup> PELUSO JUNIOR, V. A. *Aspecto Geografico de Santa Catarina*. Florianópolis, EDUFSC, 1991, p. 33-34

conturbada região, especialmente quando da construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul e durante todo o conflito (1912-1916).

O povoamento desta região foi lento e muito gradativo até o início do século XX, enquanto que no litoral foi ao contrário. Na segunda metade do século XVI, já apareceram povoados no litoral e que serviram de apoio para a expansão e fixação à terra. A vinda de casais açorianos no século XVIII, concretizaria a tentativa de povoamento do litoral catarinense.<sup>210</sup>

Embora próximos o litoral e o planalto eram separados por barreiras naturais, sendo a serra Geral, por muito tempo um obstáculo intransponível entre ambos. Para o povo do litoral, a proximidade do mar garantia caminho aberto e franco. O mar era a via aberta por onde circulava a riqueza, enquanto o sertão era o isolamento que exigia auto-suficiência que não lhe era ainda possível possuir.<sup>211</sup>

Desta forma, enquanto se povoa o litoral, no sertão se construía uma história bem diferente. Tinha outra origem, outra cultura, outra índole, enfim outra história. É claro que o contato dos colonizadores pode ser remoto. É possível que em 1541, Alvar Nuñez tenha atravessado a região, partindo de São Francisco, no litoral de Santa Catarina cruzando a serra Geral, atravessando o rio Negro e descendo pelo rio Iguaçu atingindo assim Assumpção no Paraguai.<sup>212</sup>

Apoiados por nativos da região, os padres jesuítas também por muito tempo percorreram a região, seguidos por bandeirantes, os quais procuram índios aldeados. Mas foi durante o século XVIII, com o ciclo do ouro em Minas Gerais e Goiás, que os caminhos da região contestada, tornaram-se mais conhecidos. No continente de São Pedro do Rio Grande, cavalos, mueres e gado eram conquistados nas vacarias dos padres, e nos rebanhos asselvajados. O trajeto mais curto e cômodo teria que passar pelos sertões catarinenses. Desta

---

<sup>210</sup> PELUSO JUNIOR, V. A. Op., cit., p. 37

<sup>211</sup> CABRAL, O. R. *Interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo, Nacional, 1960, p. 33-34. Cabral descreve os primeiros focos de povoamento no litoral catarinense a partir de 1658 com Manoel Lourenço fundando São Francisco. Mais tarde Dias Velho veio para povoar a Ilha de Santa Catarina, fundando Nossa Senhora do Desterro e posteriormente a fundação de Santo Antonio dos Anjos da Laguna em território catarinense. Enquanto no interior apenas as trilhas avançavam, pois a colonização foi bem mais tarde.

<sup>212</sup> QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. *Messianismo e conflito social: A guerra sertaneja do Contestado*. São Paulo: Ática, 1981, p. 11.

forma, durante muito tempo o planalto foi apenas caminho dos tropeiros, que do Sul rumavam para as feiras de Sorocaba.<sup>213</sup>



Figura 08: Travessia de tropas pela região pesquisada rumo ao interior de São Paulo

Fonte: Acervo do museu do imigrante de Porto União.

O caminho que ligava o extremo Sul ao centro do Brasil, não passava de uma trilha cortada por cascos de burros, bois e cavalos, mas sempre foi útil e só vai perder a importância com a chegada do trem de ferro e dos barcos a vapor. O itinerário do caminho das tropas rompia a região entre o Uruguai e o Iguçu, seguindo pelo Paraná, atingindo Sorocaba no interior paulista.<sup>214</sup>

Para descrever aqui a povoação da região, antes do conflito regional, (Guerra do Contestado 1912 -1916), é necessário expor as frentes de ocupação do território. A trilha dos tropeiros sulinos, mais tarde chamada estrada da mata, propiciou o nascimento de alguns povoados que mais tarde se tornaram vilas e cidades. Aqui podemos destacar Lages e Curitiba (SC), Rio Negro e Lapa (PR). Cabe ressaltar que a frente iria trazer elementos de

---

<sup>213</sup> QUEIROZ. Op., cit., p. 25

<sup>214</sup> VALENTINI. Op., cit., p. 26

origem diferente para a região, que são as imigrações. Destacando a vinda de colonos europeus que passam a povoar áreas de colonização e depois se espalharam pela região.

A descoberta de novos caminhos, e o conhecimento da região, aos poucos, encorajava o povoamento do vasto espaço, anteriormente ocupado pelos nativos. Cabral empenha-se em mostrar as origens do povoamento e ocupação dos espaços recém “descobertos”:

O aventureiro paulista acostumando aos arrojados cometimento contra o sertão, aos perigos da caça ao índio, às incertezas da busca dos tesouros da terra, nem se fixou, nem continuou errante: escolheu o meio termo, estabelecendo-se, levantando uma espécie de pouso duradouro, dividindo suas horas entre eles e as fainas do pastoreio, que o mantinha seminômade, errante, pela extensão dos campos.<sup>215</sup>

Por iniciativa do governo estabeleceram-se na região, várias colônias de imigrantes europeus, especialmente, alemães e poloneses, sobretudo na área que vai da Lapa a Rio Negro. A construção da ferrovia intensificou o fluxo de colonos de origem européia, com a intenção de ocupar as terras nas margens da estrada de ferro, muitos italianos e alemães já oriundos do Rio Grande do Sul ocuparam o vale do Rio do Peixe. Enquanto que poloneses, italianos, alemães e alguns rutenos chegaram para ocupar o vale do Iguaçu.<sup>216</sup>

A questão da colonização, seguida pela construção da ferrovia chocou-se com a questão de limites. É claro que historicamente a região de fronteira no Sul do Brasil causou preocupações para governantes e moradores nas áreas disputadas. Neste caso veremos que os limites interestaduais, também causaram disputas acirradas, e por sua vez a diplomacia não conseguiu sucesso.

Cabral chama atenção para o fato de que em 1776, o Rio Grande determinara a transferência de um destacamento militar para as margens do rio Canoas, em direção a Lages. Esta questão é parte dos limites territoriais, envolvendo Santa Catarina e só findou em 1916.

---

<sup>215</sup> CABRAL. Op., cit., p. 85

<sup>216</sup> HEINSFELD, Adelar. *A Questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da Colonização no Baixo Vale do Rio do Peixe* – SC. Joaçaba: UNOESC, 1996, p. 115

Mesmo com a elevação a categoria de Vila, Lages e seus moradores temiam invasões de conterrâneos gaúchos. O mesmo ocorria em Porto União ou União da Vitória entre paranaenses e catarinenses. Já em Rio Negro, os colonos europeus não sabiam em que território se encontrava. Foi preciso haver o conflito de 1912 para que a situação se resolvesse.<sup>217</sup>

O Alvará de 12 de fevereiro de 1821 criou a Província de Santa Catarina e, desta data em diante, Lages passou a pertencer a esta província. Porém um fato que gerou protesto por parte dos catarinenses, foi a ocupação dos campos de Palmas por paulistas. O presidente da província catarinense alegava que as terras pertenciam aos domínios desta província. O desconhecimento da região gerava ainda mais indefinições.

Segundo Ávila da Luz, Presidente da Província de Santa Catarina:

(...) o território, que fica ao lado esquerdo do Iguaçu, e a oeste de Lages até chegar à linha de demarcação feita pelo rio Santo Antonio, que corre para o Iguaçu e pelo Peperi-guaçú, que corre para o Uruguai, faz parte de Santa Catarina, e nele os Campos denominados Novos, já povoados, à direita do Canoas, e as vastíssimas campinas, denominadas das Palmas, à esquerda do Iguaçu.<sup>218</sup>

Desta forma, o histórico litígio entre os dois estados, criava no território contestado um ambiente de hostilidades. De ambos os lados, os grupos eram incentivados a ocuparem espaços, na tentativa de estabelecerem jurisdição sobre a área. Perseguidos pela justiça de um dos estados, passavam para outro e estavam protegidos. As lutas eram levadas a termo. Escreve Guido Sassi:

Um dia um catarinense apanha, pelo crime de ser catarinense, e logo no dia seguinte, apanha de novo, pelo crime, de não ser mais. Isto porque as fronteiras não são fixas. Um dia muda prá cá e outro pra lá. Esta zona do contestado está virando uma terra sem lei e sem dono.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> CABRAL, O. R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987, p. 36.

<sup>218</sup> LUZ. Op., cit., p. 125

<sup>219</sup> SASSI, Guido V. *Geração do Deserto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.10.

A questão foi levada ao Supremo Tribunal Federal para que desse uma solução. Isto aconteceu em 1904, a qual foi concedida ganho de causa a Santa Catarina. O Paraná recorreu da decisão. Em 1910, pela terceira vez, o Supremo Tribunal Federal confirma em definitivo a sentença em favor de Santa Catarina. Segundo Cabral: a decisão da alta corte judiciária era criticada abertamente pela imprensa paranaense na insinuação de desrespeito às suas determinações.<sup>220</sup>

A hostilidade entre os dois estados estendeu-se pelo território. Surge o primeiro ajuntamento de pessoas em torno do monge José Maria. O grupo parte da região do Taquaruçú para o Irani, que se encontrava na jurisdição do Paraná, o que era considerado uma afronta pelos catarinenses. Ali acontece o primeiro enfrentamento entre os sertanejos e forças oficiais pelo Paraná. Muitos mortos, inclusive líderes de ambos os lados e as tropas oficiais acabam batendo em retirada da região. O conflito só vai findar quatro anos depois.

Antes, durante e após o conflito, a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, foi base geopolítica sobre o território do Contestado. A Construção da ferrovia e a colonização das terras sustentaram disputas, massacres e a “invasão” estrangeira. Na década de 1900, acordos políticos e econômicos trouxeram a *Brazil Railway Company*, que adquiriu o controle acionário da Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande. Esta gigante companhia norte-americana, além de controlar ferrovias, controlava também portos, indústrias, empresas pecuárias, madeiras e de colonização. Após a construção da ferrovia, a empresa investiu pesado em outros setores na região.<sup>221</sup>

Com a conclusão do trecho União da Vitória – Rio Uruguai, permitiu o tráfego normal da ferrovia. Aqui devemos lembrar que neste trecho as obras foram aceleradas, pelo motivo de relações diplomáticas entre Brasil e Argentina. Esta crise não descartava a possibilidade de um confronto armado. Diante de tal fato, foram contratados com rapidez, milhares de funcionários e isto garantiram a conclusão do trecho. Os serviços eram sempre divididos por etapas e tarefas já que os mesmos eram entregues aos **taifeiros**<sup>222</sup>, que recebiam pela tarefas e

---

<sup>220</sup> CABRAL. O. R. *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1960, p. 57.

<sup>221</sup> VALENTINI. Op., Cit., p. 41

<sup>222</sup> Conjunto de homens ou soldados responsáveis por serviços e segurança numa determinada missão ou tarefa. Muito utilizado por militares e em grandes construções num ritmo acelerado.

se responsabilizavam pelo pagamento a seus operários. Thomé relata a exploração a que eram submetidos os trabalhadores:

Como os trabalhadores foram contratados em todo o território brasileiro, sem nenhuma legislação trabalhista a regulamentar o sistema contratual, sem nenhum registro de trabalho que garantisse o vínculo empregatício, a mão-de-obra formada voluntariamente reuniu pessoas estranhas uma às outras, de todas as cores, credos, profissões e classes sociais. Para a região acorreram ao lado de pais de família, de pessoas honestas e boas, outro tanto de maltrapilhos, vagabundos e aventureiros, ex-presidiários, desertores, e até fugitivos da justiça.<sup>223</sup>

Na historiografia do Contestado encontramos alguns autores que relatam a falta de registro de trabalho e vínculo empregatício dos trabalhadores por parte da Companhia construtora da ferrovia. Por se tratar de uma companhia estrangeira, não respeitavam a legislação trabalhista. Porém acreditamos que há um equívoco, já que a legislação trabalhista vai aparecer somente no governo de Vargas com a constituição de 1934 e se firma com o Estado Novo em 1937. Paulo Pinheiro Machado em sua obra *Lideranças do Contestado* procura refletir tal situação e chega até expor que os trabalhadores, grande parte deles na época não possuíam se quer seus próprios documentos.

Para defender os interesses e manter a ordem em prol da Companhia, foi formado um corpo de segurança, que através da violência garantiam a justiça pelas próprias mãos. Romário José Borelli descreve esta situação:

Essa força para-militar era composta de duzentos homens que agiam sem a menor complacência contra o caboclo, incendiando-lhes as casas e roças, e às vezes até massacrando suas famílias.<sup>224</sup>

Com o final da construção, ficaram na região, aproximadamente 8.000 trabalhadores. A Companhia não cumpriu o prometido, que era levar de volta para suas origens, tais trabalhadores como fora prometidos. Alguns se embrenharam na mata, outros construíram seus ranchos às margens dos trilhos. Setembrino de Carvalho, um comandante militar

<sup>223</sup> THOMÉ, N. *Sangue, Suor e Lágrimas no chão do Contestado*. Caçador INCON Edições/UNC, 1992, p.46.

<sup>224</sup> BORELLI, Romário. *O Estado do Paraná*. Em 05.10.1979.

notificou em seus relatórios a seguinte expressão: *por uma deslealdade dos empreiteiros comumente praticados com esses homens desprotegidos nos mesmos sítios*, constituindo então o fermento para os acontecimentos posteriores.<sup>225</sup>

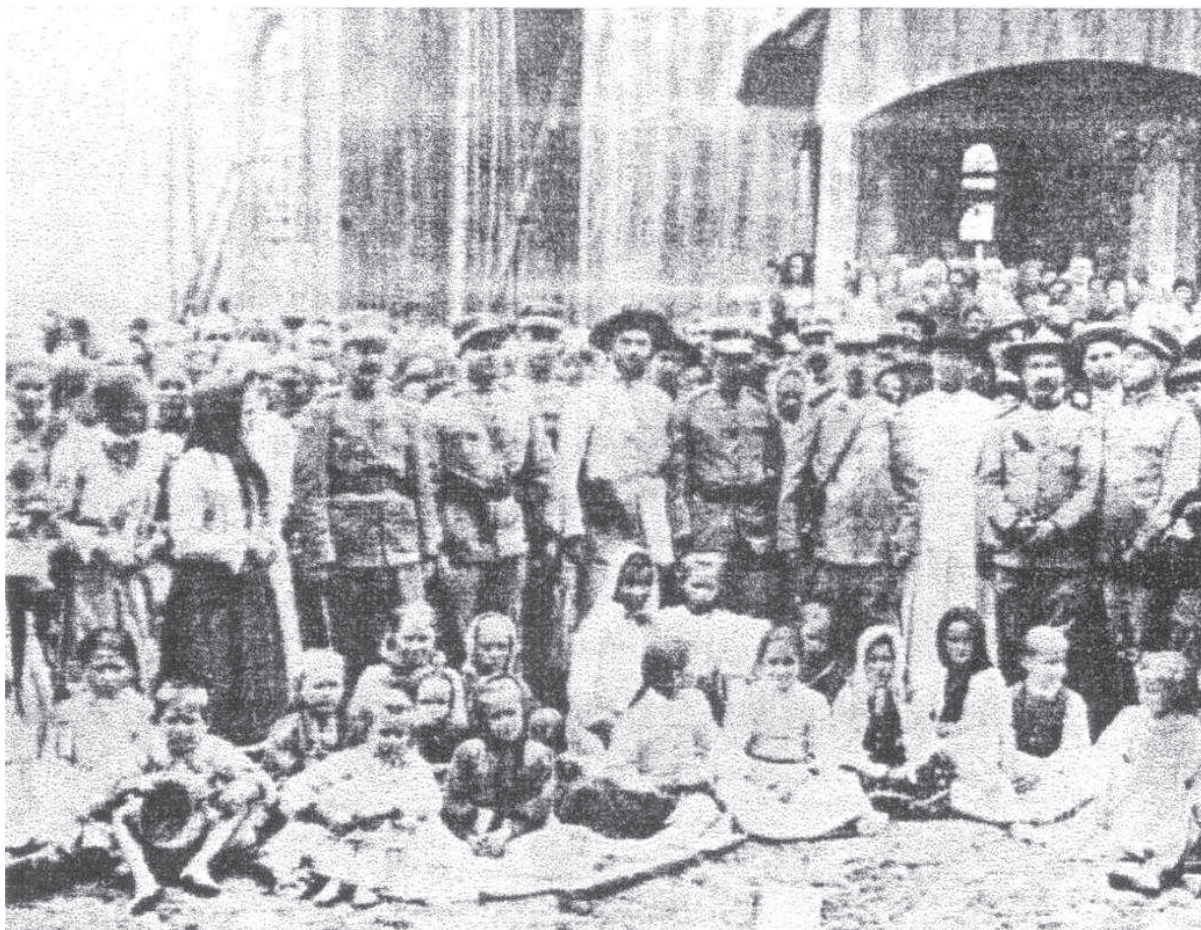


Figura 09: Celebração litúrgica em Iracema, com a presença do general Setembrino (1915)

Fonte: Paróquia Sagrada Família Itaiópolis

A companhia norte-americana “Brazil Railway” também investiu na colonização e na exploração da madeira. Criou-se a “Southern Brazil Lumber and Colonization Company” que tinha como objetivo explorar as terras das margens da ferrovia, além de outras áreas adquiridas para tal fim. Sobre esta situação escreve Vinhas de Queiroz:

Comprou 180 mil hectares ao sul dos rios Negro e Iguaçu, próximo a Canoinhas, ao preço médio de 15 mil-réis ao hectare. Estabeleceu ainda uma série de contatos com diversos fazendeiros, através dos quais estes

---

<sup>225</sup> SETEMBRINO DE CARVALHO, F. *Relatório Entregue ao General de Divisão José Caetano de Faria, ministro da Guerra em 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916, p.03.



cediam à empresas os pinheiros e as madeiras de lei que havia em suas terras.<sup>226</sup>

Para adquirir estas terras, a empresa contava com apoio do governo brasileiro para a concessão das margens da ferrovia implantada no território contestado. Segundo Vinhas de Queiroz:

A estrada obtivera do governo federal uma concessão de terras equivalente a uma superfície de nove quilômetros para cada lado do eixo, ou igual ao produto da extensão quilométrica da estrada multiplicado por 18. A área total assim obtida deveria ser escolhida e demarcada, sem levar em conta sesmarias nem posses, dentro de uma zona de trinta quilômetros, ou seja, quinze para cada lado.<sup>227</sup>

Embora muitas áreas fossem consideradas devolutas, noutras existiam moradores que viviam ali por longa data. Muitas vezes os posseiros não haviam formalizados sua posse, eram desalojados sumariamente, a ignorância do sistema, a burocracia e a simplicidade, fazia destes brasileiros pessoas amedrontadas. Eram expulsos, ou fugiam sobre ameaças e com isso abria espaços para a empresa estrangeira, extrair a madeira e colonizar as terras.<sup>228</sup>

Para extrair as madeiras de lei, abundante na região, a “Lumber” montou duas serrarias, sendo uma delas, a maior da América do Sul. Tinha 800 funcionários, grande parte deles imigrantes e descendentes recém-chegados da Europa. Serravam 300 metros cúbicos de madeira diariamente, tais serrarias estavam ao lado da ferrovia São Paulo-Rio Grande, facilitando sempre a extração e o transporte. Em 40 anos de atividades a “Lumber” desaparecem, aproximadamente, quinze milhões de araucárias gigantes das florestas desta região.<sup>229</sup>

Os lotes de terra de onde se retirava a madeira foram vendidos aos colonos estrangeiros, que vieram para ocupar os locais, onde anteriormente, haviam sido expulsos os

---

<sup>226</sup> QUEIROZ. Op., cit., p.78

<sup>227</sup> Idem p.81

<sup>228</sup> VALENTINI. Op. cit., p.43

<sup>229</sup> THOMÉ. *Ciclo da Madeira*. Op., Cit., p.57

posseiros e antigos proprietários. Podemos entender aqui, que foi desta forma que afluíram para a região, imigrantes europeus e seus descendentes.

As companhias colonizadoras, mesmo em pleno conflito e ainda mais no pós conflito, promoveram intensas campanhas para a ocupação das terras contestadas. Colonos imigrantes, e descendentes europeus, dão início à colonização do território. No Vale do Iguaçu foi lenta a ocupação, porém no Vale do Rio do Peixe, não tardou aparecer os primeiros núcleos de colonizadores alemães e italianos já em 1914.<sup>230</sup>

Heinsfeld descreve o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe, mostrando todo o processo de articulação, para promover a chegada dos primeiros colonos descendentes de europeus, já em 1910, oriundos das antigas colônias de imigração do Rio Grande do Sul. Escreve que “com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, o governo brasileiro pretendia ocupar vastas áreas vazias, no Oeste do estado de Santa Catarina”. Começava assim, a se concretizar as pretensões do governo brasileiro.<sup>231</sup>

Várias foram às origens do conflito armado, uma vez que a tal “civilização moderna” estava distante. Ao mesmo tempo, no mesmo espaço aconteceram desde um movimento messiânico de grandes proporções, a uma acirrada disputa pela posse da terra; de uma competição econômica pela exploração dos recursos naturais, até a discussão pela fixação dos limites interestaduais. Simultânea e coincidentemente, o Contestado reuniu mais de vinte mil habitantes em seu espaço da época. Desde fazendeiros, peões, posseiros e lavradores, uns dispostos a conquistar um pedaço de chão para morar, outros para defender sua já conquistada propriedade, e outros ainda só para explorar seus recursos naturais. De início lutaram isoladamente cada um pelas suas próprias razões, logo foram se agrupando nos redutos e lutando pelos anseios comuns. Com os mesmos ideais e aspirações, os caboclos formaram um bloco de resistência. Aqui podemos entender que nem todos os sertanejos eram rebeldes, nem todos os rebeldes eram fanáticos, e nem todos os fanáticos eram jagunços.<sup>232</sup>

No auge da guerra, o efetivo revoltoso dos caboclos, foi combatido por forças da República, que eram integradas pelos Regimentos de Segurança de Santa Catarina e do

---

<sup>230</sup> PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre. Pallotti, 1982, p. 215 e 218.

<sup>231</sup> HEINSFELD. Op., cit., p.120 – 140.

<sup>232</sup> THOMÉ, N. Op., cit., p. 51.

Paraná. Estes esquadrões eram da antiga Guarda Nacional, formados por civis vaqueanos, e por grande parte do Exército Brasileiro, que empregou durante quatro anos de conflito, tropas de infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia, e até aviação. A inferioridade numérica dos militares, era largamente compensada pelo melhor aparelhamento bélico. Todo esse aparato contra velhas espingardas de caça, revólveres, algumas *winchesters*, facas, canivetes e facões inclusive de paus usado pelos sertanejos.<sup>233</sup>

Ao descrevermos o homem do território Contestado, observamos que sua herança cultural, sua forte personalidade, e o sistema de vida de estratificação social, constituem um dos fatores fundamentais, que se interliga a outros de suma importância. Assim, além deste, consideram-se como causas: a índole guerreira do caboclo, que por sua experiência natural o tornava um ser violento, corajoso, destemido e ousado em suas ações. Não podemos deixar de registrar o ambiente deste sertanejo: a construção da Ferrovia, a colonização estrangeira, a disputa pela terra, as questões políticas entre Paraná e Santa Catarina, a religiosidade, a pregação dos monges contra o imperialismo e os combates constantes. Tudo isso deve ser lavado em conta, quando se trata deste homem e seu ambiente.

Para entender o Contestado, há de se considerar a razão e a memória desta região. Ainda hoje, famílias caboclas enaltecem a sua ascendência, envolvendo pais, avós, bisavós que tiveram e participaram ativamente nas grandes decisões do conflito armado. Aqui não podemos deixar de refletir a identidade e a memória dos ancestrais com relação à história sulina anterior ao Contestado. Nas turmas de bugreiros, na revolução farroupilha, na guerra do Paraguai, na revolução federalista, nos piquetes civis, e orgulhando-se das investidas nos pelotões da Guarda Nacional e nos batalhões dos Voluntários da Pátria.<sup>234</sup>

As rixas e outras contestações sobre o Contestado (conflito e território), levam em conta a **Questão de Palmas**, entre Brasil e Argentina (1891- 1895), a **Questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina** (1853 – 1917), as tentativas de criação do **Estado das Missões** (1910 – 1917), envolvendo uma série de fatores político-administrativos que mais diziam respeito aos governos, aos políticos, aos fazendeiros, e aos interesses econômicos de gananciosos empresários, do que ao humilde caboclo habitante neste sertão. Pois, de uma

---

<sup>233</sup> Jornal “O Estado do Paraná” Suplemento regional – “*O Contestado*”. 05/10/1979. Pág. 08

<sup>234</sup> Jornal A Notícia - “*Contestado, a guerra sertaneja*” – 20/11/1981. Joinville – pág. 14.

forma ou de outra, atingiram sua liberdade e se constituíram em fatos que determinaram sua vida e seu destino.<sup>235</sup>

Pelo que notamos, a guerra do Contestado não aconteceu só por causa das questões de limites entre Paraná e Santa Catarina. Todos os demais fatores foram fundamentais pelo acontecimento. Afinal, a situação vinha já a alguns séculos, trilhando por caminhos obscuros, da política internacional. Com a exploração e ocupação da região a situação tornou-se cada vez mais instigante. Thomé nos relata sobre tal situação:

Os soberanos de Portugal e da Espanha nunca conseguiram estabelecer os limites de suas terras no Brasil Meridional. Depois do Tratado de Tordesilhas, da criação da Colônia Sacramento pelos portugueses, em terras tidas como espanholas, em 1750 firmou-se o Tratado de Madri, substituído pelo Tratado do Pardo em 1761, pelo de Santo Ildefonso em 1777, e pelo Tratado de Badajoz em 1801. A indefinição persistia em 1821, quando da Independência do Brasil. Depois do Final da “Guerra do Paraguai”, os governos do Brasil e da Argentina, retornaram as negociações sobre o domínio das terras, situadas entre os rios Iguaçu e Uruguai, naquele tempo ocupadas pelos brasileiros.<sup>236</sup>

As negociações entre Paraná e Santa Catarina, sob mediação do presidente Wenceslau Braz duraram sete meses. Politicamente, foi um “toma lá dá cá”, no loteamento de cargos públicos para os dois grupos. Trocaram-se quilômetros quadrados por empregos de gabinetes. Santa Catarina ganhou mais cargos por ceder mais seus direitos. Promessas de liberação de verbas federais, também entraram no jogo de bastidores. Paralelamente, os habitantes dos dois Estados, não aceitavam a divisão ao meio do território, cada qual achando-se no direito de tê-lo por inteiro. Novamente voltou à tona, a idéia de se transformar toda a área em questão numa unidade independente, o Estado das Missões, não aceita pelos governantes, pois haviam muitos interesses econômicos envolvidos, desde planos de colonização à exploração das riquezas naturais.<sup>237</sup>

No Palácio do Catete, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1916, sob a chancela do Presidente Wenceslau Braz, os governantes Felipe Schimidt e Afonso Camargo, finalmente

---

<sup>235</sup> THOMÉ, N. Op., cit., p. 60.

<sup>236</sup> THOMÉ, N. Op., cit., p. 61.

<sup>237</sup> CABRAL, Osvaldo R. – Op., cit., p. 307.

assinaram o Acordo de Limites, que foi aprovado pela Assembléia Legislativa do Paraná em 23 de fevereiro de 1917, e pela de Santa Catarina em 03 de março de 1917. Inconformado, o deputado paranaense José Julio Cleto da Silva, voltou a liderar o movimento popular separatista, declarando a independência do Estado das Missões, constituindo o governo provisório em Nova Galícia (sul do Paraná). A 30 de julho, iniciou uma revolta armada em União da Vitória, que não encontrando sucesso dissolveu-se no dia 12 de agosto. Neste mesmo dia, o Presidente da República assinou o Decreto 3.304, sancionando a homologação do acordo pelo Congresso Nacional. A 31 de outubro foi designada uma comissão para a demarcação dos limites pelo rio Negro, até sua foz no rio Iguaçu, seguindo a baixo, atingindo a ponte da estrada de ferro, no Porto União / União da Vitória, e daí em linha imaginária pelo divisor das águas dos rios Iguaçu e Uruguai, atingindo as nascentes dos rios Santo Antonio e Peperi-Guaçu, na divisa com a Argentina.<sup>238</sup>

Com a oficialização dos limites territoriais entre os dois Estados, o território Contestado inicia um novo tempo, novos imigrantes e a colonização teve a incumbência de trazer novos colonos. Nestes termos, a história nos mostra que o processo de aculturação acomodou caboclos e colonos em boa convivência. Originário e derivado de “contestação”, a região é um dos principais marcos caracterizadores da História do Paraná e de Santa Catarina. A reativação desta memória regional, gradativamente gera simpatia de cunho histórico, político, social, geográfico e antropológico, entre pesquisadores do regionalismo que procuram entender tal fato.

### 3.2 - Terra e trabalho

O estudo do povoamento do Brasil através da imigração camponesa, faz remontar ao decreto de 25 de novembro de 1808, decreto revolucionário, que objetiva desencadear alterações no processo econômico, social e político da então colônia portuguesa.<sup>239</sup>

A mudança esperada quanto à instauração de uma agricultura explorada por homens livres, e sob o regime de pequena propriedade, quanto ao aumento da população favorecendo a indústria e comércio; quanto à abolição do tráfico de escravos, e a criação de uma classe

---

<sup>238</sup> WACHOWICZ, Rui Cristovam. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995, p. 114.

<sup>239</sup> SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil*, São Paulo: Nacional, 1978, p. 415.

média formada por homens livres. Não foi fenômeno isolado no tempo, de forma que o pesquisador vê a importância, ainda hoje de focalizar um determinado espaço, momento ou grupo imigratório, em que possa estudar aquelas alterações não programadas, mas efetivas, elucidando a compreensão da realidade brasileira.

Como os camponeses estrangeiros se agruparam no interior do Brasil, longe das vias de comunicação, há possibilidade de um acompanhamento das transformações sócio-econômicas e culturais, obtidas por determinado grupo imigratório, e de se fazer comparações com outros grupos, e até com diferentes grupos da mesma etnia, neste caso aqui os ucranianos.

Os estrangeiros agruparam-se em colônias: russas, alemãs, italianas, polonesas, ucranianas etc. perdidas no interior, longe de todas as vias de comunicação. Isoladas das naturais do país, formaram verdadeiras aldeias, independente da etnia, ali se falava a língua natal, onde reconstruíam no exílio, um bocado da pátria perdida, tinha-se a terra e também o trabalho.<sup>240</sup>

Embora as condições políticas européias favorecessem à imigração, as relações sociais e concepções do imigrante estão referidas a um tipo de sociedade que operou decididamente na elaboração de sua identidade.<sup>241</sup> Assim, embora ele deixe de se relacionar com o grande grupo, reduzindo suas relações sociais ao grupo primário e provisório de imigração propriamente dito, não encontram aqui no Brasil condições sociais que permitam pronta assimilação, ou seja, a reelaboração de sua auto-imagem, a reformulação de sua personalidade.

Desta forma, um século após o início da imigração ucraniana para o Brasil, o relativo conservadorismo observado empiricamente nas colônias do sul do Paraná e norte de Santa Catarina, foi uma das razões para que se fizesse um estudo mais acurado a respeito desta etnia.

O estado do Paraná recebeu imigrantes europeus que trouxeram consigo valores espirituais, culturais e materiais diferentes, conforme sua origem étnica, dando essa

---

<sup>240</sup> BASTIDE Roger. *Brasil Terra de Contrastos*. São Paulo: Difel, 1976, p. 188.

<sup>241</sup> Idem p. 189

diversidade um incentivo aos estudiosos que pesquisam os diversos aspectos da imigração camponesa: lingüístico, religioso, social, cultural, econômico, político e antropológico. Neste caso é preciso procurar a distância, para não prejudicar o objetivo científico das investigações relacionadas aos imigrantes.<sup>242</sup>

No final do século XIX e início do século XX, o porto de Paranaguá recebeu muitas levas de europeus. A notícia de terras férteis no sul do Brasil, havia atingido o outro lado do Atlântico. Os imigrantes, após deixarem o porto e atingirem Curitiba, formavam verdadeiras vilas ao redor da capital paranaense, na espera de adentrarem para o interior. Caracteriza-se este período, pela participação acentuada do grupo étnico ucraniano. O afluxo de imigrantes poloneses e ucranianos para esta região, é elevado e só é interrompido com o início da Primeira Guerra Mundial.<sup>243</sup>

A Inexistência de boas estradas causava prejuízos às colônias, a produção apodrecia nos celeiros, mesmo que carroções de transporte procurassem escoar os produtos muitas vezes à situação se tornava problemática.

A luta destes camponeses pela terra e pelo trabalho levou o presidente Taunay, em viagem pelo interior do Paraná, assim resumir sua impressão:

Quanta soma de dinheiro tem o Brasil perdido, quantas decepções sofridas e quantos males proporcionados a inúmeras pessoas, com o péssimo e anticientífico sistema, atirar grupos de imigrantes em pontos ínvios, longe de todos os recursos e relações sociais. A grande razão há sido a fertilidade do solo, quando, entretanto esta é mais uma causa de desespero e furor para o europeu que vê a terra liberalizar dons totalmente desaproveitados malbaratados.<sup>244</sup>

As vias de comunicação para os centros consumidores mais próximos, a distância dos centros e a natureza das terras são, por ordem, fatores para o sucesso, ou insucesso da colonização. Outro fator é a natureza e a tradição do novo, que passa a procurar regiões climáticas e topográficas, semelhantes às de sua origem. Tal fato se deu, com o povo eslavo e

<sup>242</sup> BORUSZENKO, Oksana. *A Imigração Ucraniana no Paraná*. Separata dos Anais do IX Simpósio Nacional de Imigrantes Camponeses. Curitiba, 1996, p. 03.

<sup>243</sup> BURKO, V. *A Imigração Ucraniana no Brasil*, Curitiba, Vicentina, 1963. p. 49.

<sup>244</sup> TAUNAY. Escragnolo Alfredo. Apud: MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente*, São Paulo: 1973, p. 19.

italiano, localizado no litoral, que subiu a pé as encostas da Serra do Mar, para atingir o primeiro planalto, a conquistar planícies, onde pudessem construir vilas, aldeias, cidades, e viver uma experiência semelhante àquela por eles conhecida.<sup>245</sup>

Essa colocação serviu como um alerta, para tentar se delinear dentro das possibilidades das fontes em questão, de alguns aspectos relacionados à representação social do espaço em conquista e da esperança que os imigrantes trouxeram consigo. Em outras palavras, tentar entender o tripé que neste momento está em análise, que são terra, trabalho e família, ambientando a personalidade deste rude camponês sonhador, e amante da terra que lhes dá o sustento. É justamente na consideração da origem sociocultural dos que empreenderam esta imigração, que se pode tentar desvelar alguns traços de sua representação, no que tange a família camponesa.

Oriundos de uma região, na qual a permanência de um campesinato tradicional permitia um descompasso com todas as alterações que a modernidade trazia em termos de visão de mundo, os galicianos empreenderam sua aventura em sincronia com a maneira pela qual desenvolviam suas vidas. Uma análise da disposição das famílias desde a sua saída da terra natal, até sua colocação na colônia, tudo indica que as famílias pioneiras não vieram sozinhas. Mantendo a afirmação anterior de que a emigração não foi uma aventura solidária, pois envolvia pai, mãe e filhos, podendo acrescentar: também envolvia avós, tios e primos, conforme o quadro das planilhas de envio para o interior, fornecido pelo *Registro de Imigrantes*.<sup>246</sup>

Outro pormenor que ajudaria a entender um pouco mais as relações deste tripé, são as cartas, os livros de reuniões comunitárias, e o livro tombo das paróquias, especialmente das comunidades de São Mateus do Sul, Porto União, União da Vitória, Rio Negro, Mafra e Itaiópolis. Como é o caso do Jovem Wasell Romankiw, que havia conseguido terras na condição de solteiro, é possível que tenha precedido a vinda dos pais e de outro irmão. Poderia ter sido o autor de uma carta que um jovem imigrante ucraniano enviou de São Mateus do Sul em 1901, dizendo:

---

<sup>245</sup> MARTINS. Op., cit., p. 20.

<sup>246</sup> Arquivo Histórico e Geográfico do Paraná; fundos. *Imigração e Colonização*. Curitiba.



[...] Amada e querida Mãe, se vocês têm meios e desejo de vir, venham, porque aqui é muito melhor. Possuo mais de quatro eitos da medida polonesa de terra, é um belo mato, um pedaço, limpamos e plantamos, que beleza.<sup>247</sup>

Ou de outra ainda, na qual um terceiro galiciano, não apenas aguardava a vinda de familiares, como também de uma futura esposa:

[...] nestas terras existe muito mato e a tal erva mate, isto é árvore de chá, que é semelhante ao vime que cresce lá e com ela se pode ganhar um bom dinheiro. A vida é sossegada e boa. [...] Mando os mais profundos cumprimentos aos Korolewski e aproveito para pedir a mão da senhorita Mariana que seja bondosa de chegar com seus pais. Se por ventura os pais dela não vierem, então peço que a Senhorita venha com os meus pais, aqui já tudo feito.<sup>248</sup>

Há num livro paroquial de uma comunidade vizinha, os registros do casamento de Wasell com Mariana (polonesa), e de um irmão seu, e do óbito de sua mãe, que se chamava Catharinne. Este material foi encontrado pela professora Maria Luiza Andreazza em um estudo de caso, onde se confirmou que houve um dia de casamento comunitário, pois isso aconteceu numa igreja vizinha, no ano de 1905.<sup>249</sup>

Na análise, da visão sobre terra e trabalho dos ucranianos, percebe-se que estes camponeses tinham fortes laços familiares. E, ao que tudo indica, no caso deste grupo de galicianos, a imigração não agiu necessariamente como desagregadora dos laços familiares tradicionais. Sabe-se que mesmo na Europa pré-industrial, não era a composição do domicílio que atestava a convivência de uma família extensa, era no trabalho e nas relações do cotidiano que se percebia a configuração de uma sociabilidade, que não albergava a nuclearização familiar. A contigüidade dos camponeses ucranianos no Brasil, criava condições para o desdobramento da forma de viver tradicional.<sup>250</sup>

---

<sup>247</sup> KULA, M. Correspondência dos imigrantes do Brasil. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*. V. 8. Curitiba, Vicentina, 1977, p. 50.

<sup>248</sup> Idem, p. 98.

<sup>249</sup> Arquivo Provincial da Ordem Basiliiana; fundos: *Religião e Imigração*. Prudentópolis.

<sup>250</sup> Arquivo Provincial da Ordem Basiliiana; fundos: *Religião e Imigração*. Prudentópolis.

Nas cartas dos imigrantes, um dos assuntos mais abordados, era a satisfação de receber terras no Sul. Escreviam que as recebiam como propriedade, sem obrigação de trabalho, ou pagamento em troca. Vangloriavam-se de terem adquirido muita terra, mesmo porque anteriormente, tinham possuído muito pouco. A abundância de terra era o principal argumento usado pelos camponeses, para convencer outras pessoas a emigrarem para o Brasil. Relatos nas anotações de viagem do padre Chelmicki, com relação ao vale do rio Iguazu e o povoamento, encontram-se descritos em anais da colonização polonesa no Brasil, o reverendo cita:

Deixamos muito cedo Curitiba em direção ao rio Iguassú, andamos por campos, aonde o fogo ia limpando tudo e deixando um lençol negro de cinzas. As passagens eram despovoadas. Ao longo da estrada existiam casas distantes, em cujo derredor medram ameixas, laranjas e pêssegos, ali residem os proprietários dos parques rebanhos de gado, porcos e cavalos, que vivem livremente pelo campo e matas. A terra dorme sem cultivo, pelo menos por ora [...] Os carroções avançam e tudo vai ficando para traz... Chegamos à barranca do rio, vejo alemães, alguns russos, muitos poloneses e nenhum rutheno, me disseram que está a três dias deles, igreja ainda nada... cada parada do barco muita venda... os alemães e seus carroções agora só cargas o mesmo dos poloneses, a mata ficando densa e o rio mais silencioso, é muita terra.<sup>251</sup>

Aqui buscaremos entender com mais detalhes, algumas situações de outras etnias e repensar algumas repostas, para muitas perguntas e respostas, em relação à terra e trabalho no campo da imigração para o Brasil. Por que os poloneses não se tornaram operários em São Paulo como os italianos? Por que os italianos não se firmaram nas fazendas de café, no interior paulista? Por que os ucranianos se apaixonaram pelas terras do vale do rio Iguazu e mesmo com o conflito do Contestado na região eles permaneceram cultivando o solo? Convencemos-nos que aqueles que lutavam por um espaço mais digno na Europa e conseguem chegar aqui, têm mais oportunidade de terra e trabalho, do que aqueles que permaneciam em solo europeu.

De outro lado, no Sul, os emigrantes tiveram a sorte de adquirir terras de sua propriedade, e este era o principal motivo que os atraía para o Paraná, Santa Catarina e Rio

---

<sup>251</sup> *Anais da comunidade brasileiro-polonesa. V. VII, 1973, p. 50* Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná.

Grande do Sul. O estado de São Paulo, ou melhor, os fazendeiros que governavam, precisavam ao contrário, de trabalhadores rurais, e não de concorrentes. Os estados do Sul precisavam de colonos, e os agricultores de terras para o trabalho.

A agricultura foi o elemento aglutinador e formador do espaço da vida, e de sociabilidade do imigrante que chegou à região colonial no final do século XIX e início do século XX. Viver da terra, com a terra e para a terra, no horizonte do trabalho, e da interação entre dominação/exploração e resultados produtivos, foi sempre a marca da identidade camponesa de colonos de uma referida região.<sup>252</sup>

Este forte vínculo que existia entre produção, consumo, comercialização, trabalho familiar, renda e número de filhos, reorientam-se com as transformações no cotidiano doméstico, aparece ali a mulher, atuando em todos os setores como força de trabalho, gerando direcionamento, e definindo obrigações do chamado núcleo familiar.

Nota-se que os trabalhadores que emigram para o Brasil, especialmente os camponeses e aqui os ucranianos, se viam mais como força física para progredirem, seria o “trabalhar e trabalhar”. Aqui encontramos uma análise reflexiva sobre a força de trabalho de um determinado grupo:

Os integrantes da unidade doméstica e de convivência no meio rural (re) definem uma determinada organização de seus processos de trabalho e de relações, estabelecendo *acordos básicos* relacionados com a composição da família, com necessidade econômica, distribuição da força de trabalho, das variáveis demográfica e etária e do seu grau de dependência com os circuitos comerciais e (agro) industriais. Isso implica esquemas de percepção, de pensamento, de organização de tarefas, de uso do tempo e de recursos referidos à continuidade e à reprodução do grupo familiar.<sup>253</sup>

Apesar de os senso oficiais serem incompletos, já que os ucranianos eram registrados nos portos de entrada como austríacos, poloneses, russos e até como alemães, conforme os passaportes fornecidos pelas autoridades do governo, de ocupação das regiões de procedência da Ucrânia, notamos que os levantamentos em arquivos paroquiais da igreja

---

<sup>252</sup> TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória*. EDUCS/UPF, Caxias do Sul / Passo Fundo 2004, p. 234.

<sup>253</sup> *Idem*, p. 236.

católica ortodoxa ucraniana, e por pesquisas onomásticas em lista de imigrantes, ainda é o que mais se aproxima da soma estatística dos 400 mil no ano 2000. Segundo o senso do IBGE esta estatística coletada foi oficializada em 2001, com o apoio das instituições agrícolas, dos governos estadual (PR – SC) e federal. Desses 400 mil, estão o migrante e seus descendentes, onde 81% vivem exclusivamente da agricultura, na chamada pequena propriedade. Cabe aqui ressaltar, que Prudentópolis é município recordista da estatística, pois cerca 75% da população é da etnia ucraniana e a base da economia é a agricultura familiar.<sup>254</sup>

Comunidades ucranianas são encontradas no vale do rio Iguaçu na dedicação do cultivo da terra, nada menos que 80% das famílias. Isto vem acontecendo desde 1913, foi nesse ano que apareceu um jovem agrônomo ucraniano e se instalou na região do Porto União. O Engenheiro da agricultura se chamava Valentyn Kutz, jovem com profundo conhecimento de solo e clima, orientou seus camponeses a cultivarem de tudo um pouco, fundou a primeira cooperativa agrícola, a primeira indústria moageira e exigiu dos colonos o plantio de trigo, milho e arroz, para serem beneficiados na pequena indústria. Mais tarde após o conflito do contestado a pequena cidade foi dividida ao meio, porém o agrônomo continuou o seu trabalho, auxiliando até outras etnias da região, evitando assim a falta de alimento na mesma. Valentyn Kutz, sempre falava em retornar a Ucrânia, porém nunca mais voltou à Europa, ficou na história como nome de linha camponesa e de rua de ambas as cidades, Porto União e União da Vitória, sua descendência relata sempre com orgulho, seus feitos para com a região.<sup>255</sup>

O mundo da imigração no Brasil, quando se trata do camponato, podemos ver e sentir claramente, que esses camponeses traziam em sua bagagem de vida, uma visão sob sonhos. Junto com a agricultura, encontra-se a pequena pecuária, o artesanato, o fabrico de móveis e a construção de casas, com base na madeira, isto vem acalantar com a necessidade e a criatividade de domínio do espaço. Tal situação, aqui no que tange o grupo ucraniano, tem fundamentação cultural do “mudando com as raízes”. A propriedade ainda hoje é algo muito heterogêneo em todas as situações do pequeno camponês as diversificadas de culturas, grãos e hortifrutigranjeiros. Também já aparece o tabaco, como uma fonte de renda para a propriedade, dentro de uma política, muito capitalista da produtividade, mesmo que este agricultor receba todo o tipo de orientação dos órgãos governamentais, e a formação da atual

<sup>254</sup> IAPAR – Instituto Agrônomo do Paraná. Setor de economia agrícola, Arquivo 2001/ pt. 001, Curitiba.

<sup>255</sup> LIVRO TOMBO. T. 1, Paróquia Ortodoxa, Nossa Senhora Auxiliadora de Curitiba, p. 52.

geração, é boa, devido à preparação de escolas técnicas de agricultura, cursos e outros treinamentos.<sup>256</sup>

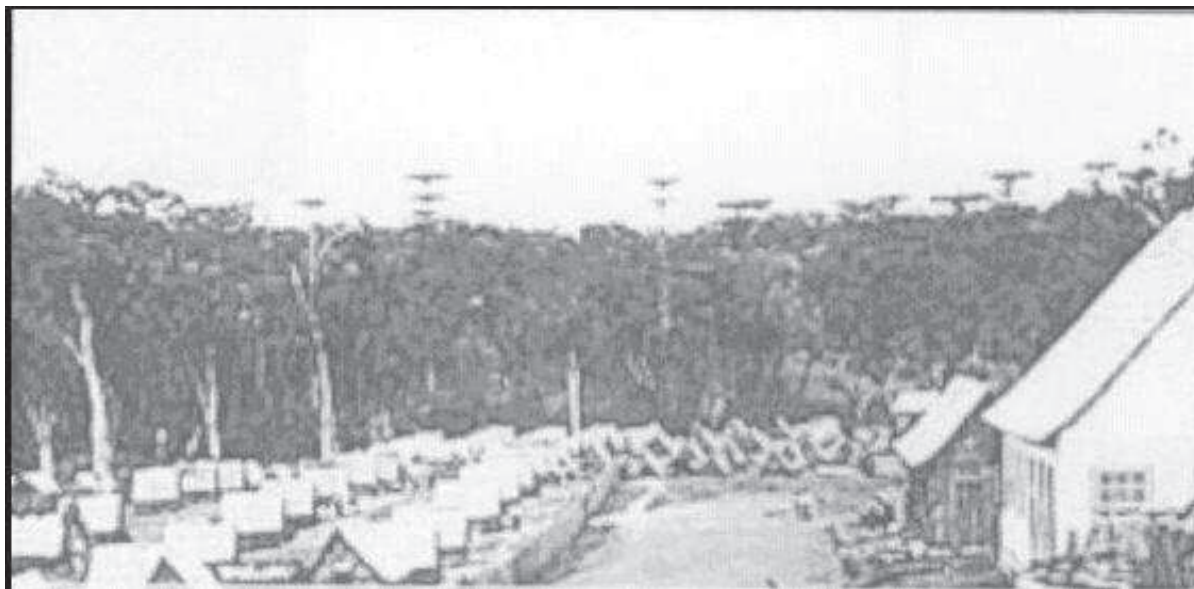


Figura 10: Barracas dos primeiros imigrantes ucranianos no sul do Paraná.

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Prudentópolis.

Acostumado a lutar em defesa de seu espaço e tidos como nacionalistas, estes camponeses nunca deixaram de lado sua ideologia de liberdade e trabalho. Aqui no Brasil, a etnia também sentiu as dificuldades de um estrangeiro em terras distante. Notamos que o último conjunto de ações direcionadas à formação de uma consciência nacional entre esses colonos, partiria novamente, das autoridades brasileiras, e tentaria transformá-los não em ucranianos nacionalistas, mas em cidadãos brasileiros. Guérios analisa este tipo de situação dos imigrantes no Brasil, especialmente quando se trata de grupos étnicos do campesinato:

No final da década de 1930, com o início do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, houve um recrudescimento das preocupações como a segurança nacional no Brasil. As colônias de estrangeiros, que tinham ainda poucos contatos com a sociedade brasileira e grande concentração de elementos étnicos “alienígenas”, deixaram de ser vistas como instrumentos para a ocupação e construção das áreas incultas e passaram a ser tidas como “quistos étnicos” ameaçadores ao projeto de nação brasileira. Vinte anos após

---

<sup>256</sup> CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina. Departamento de Orientação e Pesquisa, Florianópolis, 2007.

a Primeira Guerra Mundial, os potenciais “inimigos internos” voltaram a ser foco de atenção do Governo – mas agora em nível nacional.<sup>257</sup>

A radicalização do projeto nacionalista brasileiro encontrou sua manifestação na “campanha de nacionalização” do Governo Vargas, não deixou de lado nenhuma etnia, como afirma Seyferth:

(...) a retórica militar prevaleceu na própria denominação do processo impositivo de assimilação: campanha tem a ver com conquista, um instrumento do Estado para interferir junto a coletividades pensadas como ilegítimas no corpo da nação. A assimilação, imaginada como um dos processos de construção da nação tornou-se sinônimo de erradicação, extirpação de quistos étnicos ou raciais – terminologia significativa, pois remete a necessidade de cirurgias (...).<sup>258</sup>

A “campanha de nacionalização” constou de mudanças suplementares na legislação, um forte controle da aplicação dessas leis, e da ação direta do Exército nas colônias. Novamente, a campanha ocorreu em diversas frentes e atingiu os camponeses. Os alvos mais visíveis dos ucranianos eram os clubes e sociedades de caráter étnico. A *Naródnii Dim* (Casa Nacional) com sede em Prudentópolis foi confiscada pelo Exército, e todas as sociedades ucranianas do Paraná, sofreram intervenções em seus estatutos, já que não era permitido definir como objetivo de sua existência, o desenvolvimento da nacionalidade ucraniana, ou prever atividades associadas à etnia.<sup>259</sup>

Por outro lado a imprensa e as publicações estrangeiras foram proibidas de circular no país. Em 1938, a venda de livros em língua estrangeira, foi proibida também e a livraria que o migrante Selvester Kalenetz havia aberto em Curitiba para importar livros da Galícia, sete anos antes teve que ser fechada (Kalenetz, 1943: 269)<sup>260</sup>; a partir do mesmo ano o *Pratsia* passou a publicar em sua primeira página textos em língua portuguesa, produzidos

<sup>257</sup> GUÉRIOS. Op., cit., p. 216.

<sup>258</sup> SEYFERTH, G. *A colonização alemã no vale do Itajaí Mirim*, Porto Alegre: Movimento, 1974, p.77.

<sup>259</sup> As pastas do DOPS que consultamos no Arquivo Público do Paraná contêm estatutos de diferentes sociedades e clubes camponeses, os quais foram reformulados por suas direções e entregues ao governo. As sociedades eram oficialmente de atividades culturais e lazer dos colonos. Além de serem poucos estatutos do grupo ucranianos, eles não mencionam se sua finalidade era do desenvolvimento da nacionalidade ucraniana.

<sup>260</sup> Associação dos Amigos da Cultura Ucraniana. Curitiba.

pelo Departamento Nacional de Propaganda, nos quais os termos da “campanha de nacionalização” eram explicitados aos leitores, e os padres da Ordem dos Basilianos, receberam ordens do Exército, acerca do que poderia ser publicado no referido jornal. No final de outubro de 1940, o *Pratsia* finalmente foi proibido de circular.<sup>261</sup>

Com o fim do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, os camponeses da região sentiram-se mais aliviados e o medo de perderem suas terras foi embora. Estes camponeses nunca abandonaram suas terras e seu trabalho, e a região historicamente sempre foi agrícola. Dados demográficos de 2000, nos direcionam não somente para a etnia ucraniana, mas nos mostra outras etnias, que habitam no espaço pesquisado: nativos kaigangs, caboclos, alemães, russos, italianos, poloneses, ucranianos e japoneses, praticamente todos vivem da agricultura e do pequeno comércio.<sup>262</sup>

Nossa agricultura, não tem uma história convincente de política agrícola, que venha satisfazer as necessidades do camponês. São bem recentes os programas de apoio ao agricultor e a formação de cooperativismo. A agricultura considerada de exportação sim, esta produz para o espaço internacional. Já a chamada pequena propriedade, é aquela que coloca o alimento na mesa da população brasileira, e sempre acaba no ostracismo dos planos governamentais. Convencemos-nos do pequeno produtor, quando as estatísticas apontam que 78% das pequenas propriedades são as que mantêm o mercado interno, no que tange a nossa alimentação do cotidiano.<sup>263</sup>

Os dados que alimentam os censos do IBGE e que nos auxiliam nas pesquisas, parte deles é coletada diretamente em campo. Porém, encontramos muitas outras instituições que também auxiliam as pesquisas, desenvolvem-nas, dando apoio aos camponeses com financiamento, preparação para o trabalho de campo e apoio logístico para a propriedade evitando que esse agricultor venha para a área urbana, ou abandone sua vida de camponês. Dentre as quais podemos citar: CIDASC, EMATER, EMBRAPA, EPAGRI, IAPAR,

---

<sup>261</sup> A título de exemplo, segue-se um texto impresso em 1939, intitulado “O Brasil é bom”. “O Brasil é bom porque não faz distinção de raças. Porque não tem preconceito de cor, nem de religião. Todos podem viver no Brasil, se respeitam às leis do Brasil. Mas ninguém pode viver no Brasil se não acatar suas leis. (...) Filho de japonês, se nasceu no Brasil, é brasileiro. Filho de alemão se nasceu no Brasil é brasileiro. Filho de turco se nasceu no Brasil, é brasileiro. Filho de italiano se nasceu no Brasil, é brasileiro. Todos são brasileiros, com os mesmos deveres e direitos. Todos devem respeitar a pátria de seus pais, mas devem querer e amar, acima de tudo, o Brasil. Não são bons brasileiros os que assim não procedem. E o Brasil não quer no seu solo, maus brasileiros”.

<sup>262</sup> Censo Demográfico, IBGE, 2000.

<sup>263</sup> Censo Agropecuário, IBGE, 2000.

IBAMA, INCRA, PRONAF.<sup>264</sup> Tais instituições procuram dar respaldo e condicionar a terra e o trabalho para os camponeses.

No decorrer da pesquisa na região trabalhada, notou-se sempre o agricultor polonês ao lado do ucraniano, porém há grandes diferenças entre eles: a língua, a cultura, a religiosidade, a maneira de cultivar o solo e a convivência social nas comunidades. Um pároco que atende duas comunidades de ambas as etnias relatou numa entrevista:

Meu pai é ucraniano da segunda geração, e minha mãe é polonesa da terceira, eles sempre estão se corrigindo um ao outro; chamam atenção de todos os filhos e netos. Uns são agricultores outros são profissionais liberais, somos oito irmãos, levei muita sorte quando fui para o Seminário e aprendi tanto o polonês como o ucraniano, isto me rendeu muitas missões de viagens, e estas viagens abriram-me a mente para entender muitos povos e suas visões de mundo. Aqui na colônia é muito bom de viver, todos se conhecem, todos se ajudam, todos brigam com todos, todos se perdoam, e todos vão a ambas as igrejas, já que vou a uma a cada domingo. São duas etnias que já brigaram muito e hoje aqui se ajudam muito.<sup>265</sup>

Os ucranianos, em grande parte, conseguiram aquilo que almejavam e até ascensão social, prestando inestimável contribuição para o desenvolvimento regional. Contudo, a mobilidade vertical foi menor nas camadas que buscavam a aristocracia fundiária, e maior na moderna burguesia emergente com a sociedade industrial. O imigrante, sobretudo a partir da metade do século XX, não buscava conquistar um novo mundo, mas apenas segurança econômica e, obviamente, maiores possibilidades de ascensão social, apesar de essas possibilidades serem restritas na época.

No Brasil, um dos problemas específicos foi (e continua sendo) a necessidade de aumentar a espessura de estratificação social média, pois um povo com pequena porcentagem de classe média, está à mercê de convulsões sociais bruscas, devido aos atritos entre as classes extremas da nossa estrutura social. A imigração contribuiu para este processo, pois, naturalmente, não se imigra para permanecer-se proletário. Num país como o Brasil, o imigrante raramente se mantém isolado em sua ascensão; em geral, leva consigo número

---

<sup>264</sup> Ver lista de siglas e abreviaturas p. 09

<sup>265</sup> Entrevista concedida pelo Padre Horatchuk, Vale do rio Iguaçu, em Maio de 2007.



maior ou menor de membros da comunidade, criando novas possibilidades de promoção social. E os ucranianos são claros exemplos disso.

### 3.3 - Cultura, religião e mito.

No mundo contemporâneo, onde as facilidades de comunicação e locomoção puseram em permanente contato com os povos de todas as partes do globo, submetidos as mais diversas situações de vida, a mobilidade sócio-cultural, leva todo indivíduo a enfrentar novas formas de adaptação. E na medida em que muda o seu próprio comportamento, tornando-se mais tolerante, ou menos tolerante, mais cooperador, ou menos cooperador, o indivíduo desenvolve novas condições, às quais reagirão aqueles que com ele convivem.

Refletir sobre a cultura dos povos, na rota de suas migrações é algo muito complexo, especialmente quando procuramos entender os conceitos que retratam a cultura. É claro que se pode utilizar o clássico princípio para entender, ou ter uma expressa noção de cultura. “A causa se conhece por seus efeitos”. Defronte a nós estende-se uma série de criatividade humana, na mudança do espaço, ou ambiente em que vive. Este ponto de vista objetivo da cultura nos leva a acreditar, ainda que sejam “frutos adquiridos pelo homem, mediante o exercício das suas faculdades, sejam espirituais ou orgânicas”.<sup>266</sup>

A divulgação da cultura de cada povo, e o intercâmbio cultural internacional, certamente constituem ação louvável e muito benéfica ao aperfeiçoamento do convívio humano e das nações. Mas é em nome desse mesmo princípio, que não podemos levar a sério as atividades “culturais” dos governos, quando em suas mãos a cultura se torna instrumento de propaganda econômica e política.<sup>267</sup>

Na caracterização das áreas culturais influem a geografia, o passado histórico e os elementos humanos que entraram na formação do tipo social. *A cultura pode ultrapassar os limites de determinada região natural. Dentro de uma região geográfica, ou divisão administrativa, pode existir uma ou várias áreas culturais.*<sup>268</sup>

---

<sup>266</sup> HANEIKO, Valdomiro. *Em Defesa de uma Cultura*, Rio de Janeiro: 1974, p. 33.

<sup>267</sup> LÉVI STRAUSS. *Raças e História*. Lisboa, Presença, 1985, p. 18.

<sup>268</sup> COSTA, Samuel G. *Estudos de áreas culturais do Parará*, Curitiba, Artes Gráfica, 1988, p. 16.

É claro que a cultura de um povo com toda a sua complexidade, não pode ser vista isolada em seu processo. Uma sociedade possui classes sociais profissionais, que cultivam diferentes aspectos e formas de vida. Além disso, nem sempre a cada etnia corresponde uma cultura. Há mais culturas que etnias, isto sem negar que nenhuma cultura possa viver totalmente isolada. *A cultura permite ao homem compreender a si mesmo, compreender seu tempo e o seu mundo.*<sup>269</sup>

A cultura camponesa, de origens seculares, é quase toda conservada de memória sem ensino expresso, salvo língua, religião e técnicas. Pode ser mais ou menos original, dependendo das influências urbanas. Expressam-se em canções, danças, folguedos infantis e de adultos, cantos lendas, anedotas, provérbios, refrões, no artesanato, vestimenta, objetos de adorno, mobiliário, esculturas e outros elementos. Mas não se trata de cultura fechada, isolada, recebe aos poucos as influências das cidades vizinhas, que por sua vez recebe também de centros maiores.<sup>270</sup>

A conceituação ampla de cultura, encontra-se vinculada à língua como fato fundamental de um povo, é ali que encontramos o sistema de símbolos verbais, destinados à comunicação inter-humana. Aqui notamos que a cultura por primitiva que seja, ela tem um arcabouço básico, constituído de conhecimentos para a obtenção e conservação de alimentos, habitações, vestes e transporte.<sup>271</sup>

O relacionamento no grupo social da mesma cultura cria sua atmosfera vital. Em parte há uma integração, que é regulamentada através dos costumes, leis tradições, convenções, usos e ritos. Aqui já pensando na etnia ucraniana, baseando-se em padrões de comportamento. Há ainda forças fora do controle técnico e social, as sobre-humanas, divinas ou demoníacas, podendo provocar desequilíbrios, ou até desintegração em outra esfera cultural.<sup>272</sup>

Ao analisarmos os fatores culturais mais importantes da etnia ucraniana buscamos entender as línguas eslavas.

---

<sup>269</sup> FOLLIET, Joseph. *O Povo e a Cultura*. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p.18.

<sup>270</sup> Idem, p. 21.

<sup>271</sup> Idem, p. 24

<sup>272</sup> MIRCHUK, J. Op., cit., p. 33.

Langacker divide as línguas eslavas: eslavo Oriental e Sul. O eslavo do sul inclui o servo-croata, o esloveno e o búlgaro, no grupo eslavo oriental estão o russo, o ucraniano e o bielorusso, muito semelhante entre si. O tchecoslovaco é dialeto de uma língua, que se identifica culturalmente com o polonês, do grupo eslavo Oriental.

O documento escrito mais antigo do eslavo é uma tradução da Bíblia, do século nove a língua desta tradução é conhecida como antigo eslavo e antigo búlgaro, e sobrevive como língua litúrgica.<sup>273</sup>

A língua dos ucranianos é uma língua intermediária entre as línguas eslavas. Morfológicamente assemelha-se ao russo, foneticamente ao servo croata e quanto ao significado tem muito em comum com o polonês. Podemos notar também que o alfabeto grego deu origem ao alfabeto latino, ao cirílico e ao russo.

A escrita ucraniana pertence ao alfabeto **cirílico**<sup>274</sup> e tem uma notável literatura. A língua que os imigrantes trouxeram para o Brasil, estava distante da língua literária e sofreu algumas transformações no decorrer do tempo, onde eles se estabeleceram. É possível que a diferença fonética e morfológica dessa língua, tenha favorecido à manutenção e distinção da cultura ucraniana das demais. A convivência com seus vizinhos, especialmente poloneses e russos, houve uma preocupação por parte dos ucranianos, em assegurar a língua como base da cultura nacional, cultivando um tipo de nacionalismo que se tornou fundamental para a sua cultura.<sup>275</sup>

A conservação da cultura ucraniana no Brasil entre os camponeses, foi mantida graças aos missionários da igreja ortodoxa. Estes padres de regime severos sabiam que na bagagem os colonos traziam pouco material, mas no coração e na memória, uma carga cultural milenar. Este povo sempre foi firme nas piores adversidades, e juntos em terras distantes, logo que conseguiram arranjar sua sustentabilidade material, começaram a reavivar sua identidade ucraniana. Esta condição de liberdade era um motivo de extrema felicidade para esses imigrantes, pois somente conheciam em sua terra natal, os sofrimentos pelo domínio de outros

---

<sup>273</sup> LANGACKER, Ronald W. *A Linguagem e sua Estrutura*, Petrópolis, Vozes, 1992, p. 230.

<sup>274</sup> Alfabeto composto pelos missionários, Cirilo e Metódio, enviados a Moravia para evangelizar camponeses ucranianos que não entendiam outros idiomas.

<sup>275</sup> BORUSZEKO, O. *A Fala dos ucranianos no Brasil*. IN: *IX Congresso de Estudos Populacionais*, 10/14 de outubro de 1994.

povos, eram sempre rejeitados, trabalhavam arduamente no campo, conheciam o mundo da servidão e a exclusão fazia parte de suas vidas. E aqui, agora, eram livres e podiam falar livremente a língua ucraniana, cantar, rezar, escrever, ler, dançar e aprender coisas de um novo mundo, isto não podia ser feito na Ucrânia. O Envolvimento dos padres missionários foi na língua falada e escrita, dando sustentação à igreja, a qual foi um importante elo no centro de preservação, e difusão da cultura entre os camponeses, começando pela própria arquitetura adotada nas igrejas, sendo idênticas às conhecidas na Ucrânia, de estilo bizantino.<sup>276</sup>

O motivo que leva a construção das igrejas ucranianas, é a própria submissão do povo, que sempre foi muito religioso. Na região pesquisada, podemos notar que entre igrejas e pequenas capelas são em média de 10 a 12 por município, somente em Prudentópolis que chegam a 36. Todos estes municípios e colônias fazem parte hoje de rotas do chamado “Turismo Religioso”. Aqui parafraseando o professor Horbatiuk, quando relata cultura e religiosidade do camponês ucraniano; “doía-lhes no peito não poder manifestar seu amor a Deus, da forma que era habituado na Ucrânia, nas suas igrejas carregadas de símbolos e manifestações místicas”<sup>277</sup>. Isto nos leva a considerar, que a cultura da etnia está direcionada para a religião e vice versa.

Posteriormente as igrejas, começaram a ser fundadas nas sociedades ucranianas, que prezaram a cultura dos seus membros, sendo fundadas bibliotecas, escolas, corais grupos folclóricos, teatros, além de serem lugares de reuniões importantes, onde se definiam os rumos da comunidade ucraniana na região como um todo. Esta cultura não aparece somente nas organizações, como a igreja e as sociedades, ela é muito mais viva e intensa nos lares ucranianos. Temos a representação dela nas diversas formas, como na culinária, na decoração, na forma de educar os filhos, no artesanato, enfim, são vários os motivos que dão um diferencial todo às famílias ucranianas.

A educação dos filhos é feita de forma a se preservar a identidade ucraniana, são, desde cedo, colocados na escola de ensino religioso oriental, onde aprendem o rito ucraniano e também o aspecto da cultura, aprendendo ler e escrever em ucraniano. É comum a

---

<sup>276</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins “Os Ucranianos” ANDREAZZA, Fundação Cultural de Curitiba. V. 23, p. 07. 1996.

<sup>277</sup> HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1989. p. 125.

manifestação da cultura já nascer nesta escola, ou como diz dentro da igreja. Os famosos bordados, as pêsankas, a cerâmica e os trabalhos em madeira que estão sempre presentes na ornamentação das igrejas.<sup>278</sup>

Em relação à culinária, as mulheres ucranianas, preservam até os dias de hoje, todos os pratos típicos trazidos pelos primeiros imigrantes, e como todo o restante da cultura, é passado de geração a geração. Durante a pesquisa, tanto nas leituras como em arquivos, notamos que a alimentação dos camponeses se tornou farta, isto se confirma em campo, na visita as comunidades e na própria convivência com os mesmos. Há uma enorme diversificação de pratos; o varêneke (perohê), holouptshi, borch e kutiá são utilizados em ocasiões especiais, como Natal e Páscoa. Esses pratos são muito apreciados por pessoas que não pertencem à etnia, portanto eles são muito procurados em festas religiosas.

O exemplo disso ocorre com o povo ucraniano, pois toda a sua cultura e vida estão embasadas na religiosidade dos mesmos. A característica marcante desta etnia é trabalho e religião. Hoje ainda encontramos 78% são ortodoxos católicos, do rito bizantino, os demais são católicos romanos, mas não deixam de participar dos vínculos culturais ucranianos. Muitas são as instituições que auxiliam as comunidades, hospitais, escolas, igrejas, grupos de trabalho voluntário etc. É graças a forte religiosidade dos ucranianos, que muitas tradições e memórias são mantidas, como os festejos de Páscoa e Natal. Uma das peculiaridades são os ovos coloridos, pintados à mão, chamados, “pêsanka”. Nada é tão ilustre para os sentimentos ucranianos que a beleza e a forma na pintura desses ovos. A “pêsankas” é desenhada e pintada à mão e são presentes dados aos amigos, com o tradicional cumprimento “Cristo Ressuscitou”. Também na Páscoa os ucranianos realizam a bênção dos alimentos, que consistem em levar até a igreja uma cesta com as “pasças” (pão), “pêsankas” e outras iguarias caseiras que são preparadas para a ocasião. Após a cerimônia da bênção, os fiéis retornam para suas casas, onde ocorre o desjejum com esses alimentos.<sup>279</sup>

Enquanto na Polônia houve a imposição da religião católica de Roma, por em troca de segurança, a Ucrânia adotou o cristianismo Oriental de Constantinopla, o que se deu devido

---

<sup>278</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins, BORUSZENKO, O. “*Os Ucranianos*”, Fundação Cultural de Curitiba. V. 23, p. 15, 1996.

<sup>279</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins, BORUSZENKO, O. “*Os Ucranianos*”, Fundação Cultural de Curitiba, V. 23, p. 21. 1996.

ao comércio, agricultura e a residência de cristãos gregos em Kiev, momentos antes da conversão de Volodymir, ao cristianismo.

Com a religião, um povo adquire o conteúdo e a base de todo desenvolvimento cultural. Povo e igreja jamais ficarão separados especialmente o homem que cultiva a terra e cria os animais, felizes são aqueles que trabalham no campo.<sup>280</sup>

Como a cultura bizantina estava em seu auge no século X, ela teve maior repercussão junto aos ucranianos, que a cultura ocidental. A Ucrânia poderia ter abraçado o cristianismo de Roma, ao oeste; ou de Constantinopla a leste, que eram na época dois grandes centros de cristianismo, porém se rivalizam entre si e deixavam muitos espaços. Gradativamente os camponeses foram seguindo a direção de Constantinopla, e se firmaram na ortodoxia oriental.

A igreja ucraniana de início obedeceu ao Papa, com o tempo parte dela desligou-se de Roma, colocando-se apenas sob a autoridade dos Patriarcas de Constantinopla, os ortodoxos. Esta igreja desenvolveu-se através de leigos, e pequenas congregações oriundas do cristianismo primitivo, do rito oriental praticado por camponeses do leste europeu.<sup>281</sup>

A igreja ucraniana e a católica romana sempre tiveram grupos de leigos orientados por normas próprias, porém executam planos pastorais delegados por lideranças canônicas e Eparquia.

O rito bizantino é rico em simbolismo, todas as cerimônias de sacramento são fecundas em mensagens e tornam-se as liturgias muito solenes. Com o Concílio Vaticano Segundo, os ritos orientais não abriram mão do tradicionalismo, criado por seus ancestrais e por isso o rito ucraniano não sofreu reformas. Isto facilitou para os fiéis que emigraram da Ucrânia, especialmente os camponeses. Durante a celebração da missa, o povo participa cantando sempre as respostas em sua própria língua, já que as mesmas são iniciadas pelo

---

<sup>280</sup> ZINKO, Basílio. *Escolas Ucranianas no Brasil*. Prudentópolis, Gráfica Padres Basilianos, s/ed. 1960, p.57.

<sup>281</sup> LENSEK, Basílio. *Roma e Ucrânia: história da igreja ucraniana em datas*. Colônia São Marcus, Nova York, s/ed. 1952, p. 08.

sacerdote. Este costume da ortodoxia, está baseado nos cantos folclóricos da tradição camponesa.<sup>282</sup>

Como na Grécia havia excesso de estátuas representando deuses, e como os primeiros cristãos usassem pintura nas catacumbas<sup>283</sup>, a Igreja Bizantina optou pelas pinturas para evitar o culto a ídolos, daí o encontrar-se na igreja ucraniana apenas pinturas, ícone e afrescos.<sup>284</sup>

As celebrações no rito ucraniano em especial, a comunhão, é sempre recebida pelos fiéis, idêntico ao rito latino, acompanhado também de pão e vinho, não havendo diferenças em ocasiões especiais como casamento, batizados, e demais festejos.

A cerimônia do casamento é muito solene, os noivos são coroados com coroas de flores, simbolizando o homem e o universo. O celebrante oferece aos noivos um cálice de vinho, como recordação das bodas de caná. O lar é considerado uma continuação da obra de conquista sobre a criatura.<sup>285</sup>

Os ucranianos utilizam a confirmação da crisma logo após o batismo, para que a criança tenha desde pequena a plenitude dos dons. Este ato é ministrado pelos próprios padres, porém o “santo” óleo utilizado na ocasião é bento pelo bispo na Quarta-feira Santa, já a água batismal, no rito ucraniano é benta no dia 6 de janeiro em homenagem aos reis.<sup>286</sup>

Em relação à confissão, ela é praticada pelos ortodoxos, a chamada confissão comunitária e não como o sistema latino de confissão individual, exceto de quando se trata da extrema unção. Aqui neste rito, os mortos são lembrados em todos os sábados da quaresma e na segunda-feira de Páscoa, diferente dos latinos, que lembram dos mortos no dia 02 de novembro. É na páscoa que se faz a bênção dos alimentos e dos ovos coloridos, simbolizando a renovação da vida. A hierarquia eclesiástica da ortodoxia é a seguinte: o Patriarca, o Arcebispo-mor, o Bispo, o Sacerdote, diáconos e leigos. Há ordens menores dentro do rito ucraniano, que atuam regularmente nas celebrações, subdiácono, leitor, cantor, e carregador

---

<sup>282</sup> WILCOCK, Feodor, *Cem perguntas sobre os ritos orientais*. São Paulo: Lutador, 1972, p. 11-12.

<sup>283</sup> Subterrâneos formados por galerias cujas paredes se faziam tumbas, túmulos, sepulcros, etc.

<sup>284</sup> WILCOCK, Feodor, *Cem perguntas sobre os ritos orientais*. São Paulo: Lutador, 1972, p. 15.

<sup>285</sup> Idem, p. 17.

<sup>286</sup> Idem, p. 18.

de velas. Esta igreja ainda é exigente com seus fiéis, e procura manter junto com a cultura ucraniana, arte, religião e costumes.<sup>287</sup>

Muitos vestígios de todas estas manifestações, algumas cristianizadas e outras ainda com elementos pagãos pré-cristãos, encontram-se ainda hoje nas crenças, na liturgia e nos costumes do povo ucraniano.

A Igreja Ortodoxa do rito ucraniano, começou a deixar o leste da Europa em direção ao Ocidente, no final do século XIX e início do XX com a emigração desta região, especialmente dos camponeses.

Voltamos aqui analisar o que encontramos em escritos, e praticado pelos camponeses dentro de um relacionamento cultural e religioso, no cotidiano das famílias em suas comunidades. Durante o ano todo, num calendário milenar de muito trabalho que envolve o artesanato, representado por bordados e desenhos seculares, cerâmicas, entalhes de madeira, tecelagem, onde conservam as características bizantinas. Os padrões culturais mais preservados nas famílias descendentes e que pode ser observado, é a alimentação, enfeites da sala de visitas com quadro de santos, toalhas bordadas em ponto cruz, com motivos ucranianos. Os trabalhos artesanais, o uso de cobertura de pena para dormir, a língua, a dança, a arquitetura das igrejas, os ritos religiosos, evidenciando uma característica bem forte da etnia ucraniana, que é a preservação de sua identidade cultural e religiosa, porém sem cunho nacionalista. Quer dizer que há uma perfeita integração e assimilação dos ascendentes com a cultura local ou regional, onde vivem sem negar, ou esquecer a tradição, a luta e as raízes históricas de seus antepassados.

Depois de visitar o centro de cultura ucraniana em Prudentópolis no interior e posteriormente em Curitiba na capital paranaense, além de muita convivência no Vale do rio Iguaçu de ambos os lados (Norte de Santa Catarina e Sul do Paraná) o impacto de aprendizagem com esta etnia foi muito grande, diante da cultura e a religiosidade. Em suas condutas cotidianas há sempre duas rotinas, a do trabalho de campo e a rotina do calendário religioso, que lhes serve de parâmetro ao longo do ano. Alguns elementos apresentados acima, podem sentir a rotina dos camponeses ucranianos que vivem ainda da terra, o número

---

<sup>287</sup> WILCOCK. Op., cit., p. 33.



de igrejas e o porte dos imponentes prédios de algumas, e muitas vezes no meio das modestas casas dos colonos, isto nos deixa muito claro, que as igrejas são base e grande pólo da vida comunitária em cada localidade. A estrutura física é muito cuidada, a missa é muito diferente do rito latino. Sendo toda cantada, a liturgia ortodoxa tem uma presença mística intensa e muito misteriosa no que vai ocorrer. A presença da cúpula bizantina faz com que os cantos ecoem e ressoem em toda a construção. Ao contrário do que ocorreu com o rito latino, após o Concílio Vaticano II, a ortodoxia manteve seu caráter misterioso de boa parte do rito, visto que os padres continuam rezando a missa de frente para o altar como os fiéis. Enquanto os fiéis entoam os cânticos sagrados, o padre faz suas orações em voz baixa. O rito é uma experiência, cuja pista mais forte é auditiva e não visual praticamente nenhum fiel vê o padre durante a cerimônia, isto se deve em grande parte à arquitetura da igreja. Sua planta é em forma de cruz e não em forma de nave como a igreja do rito latino. Segundo a professora Andrezza, “a cruz associa o cristianismo a Santo André, missionário que catequizou os camponeses da região Rus de Kiev; a nave, à imagem de São Pedro pescador, pouco significa àqueles que derivam do patriarcado de Constantinopla”. No espaço que ficam boa parte dos fiéis é um verdadeiro Santuário, as pinturas dos santos seguem ainda a estética bizantina, sem o uso da perspectiva: todos os personagens são pintados em duas dimensões, e no mesmo plano em relação aos demais elementos do quadro, isto é como voltar no tempo, viver numa outra época e numa outra cultura. Todos esses rituais são parte integrante da rotina anual dos colonos ucranianos, e seus descendentes da região pesquisada. A repetição ano após ano é naturalizada por boa parte da população, o que significa que cultura e rito religioso, estão imiscuídos de tal forma em sua percepção de vida cotidiana, que ela não é imaginável sem suas presenças.

Um dos símbolos que envolvem junto a arte, religião e magia é a pêsanka, este ovo pintado o ano inteiro e que é doado aos amigos íntimos, visa a fertilidade da vida. Sempre é muito requisitado no período da Páscoa e no Natal. Fontes de memórias indicam que os ucranianos em paridades com os povos antigos, veneravam a natureza e os regentes dos elementos, especialmente o Sol. Na região da Ucrânia, o retorno da primavera traz o calor e a luz através do Sol, o verde substituiria o branco da neve, as flores voltariam a desabrochar, as árvores ofereceriam seus frutos novamente e o povo poderia trabalhar para obter seu sustento. Neste ambiente, a festa da primavera coincidia com a páscoa cristã, a tradição de colorir os ovos como a natureza ficava na primavera, fez a população expressar seus sentimentos,

através da arte por milênios e veio para o Brasil com os imigrantes camponeses, que hoje é marcante na cultura ucraniana.<sup>288</sup>

Na conturbada história da Ucrânia, o povo cruzou por períodos de instabilidade de opressão, miséria imperada em seus lares e domínio de outros povos, porém as pêsankas continuam acompanhando a vida dessa gente, que veio agora para o Brasil em busca de um futuro melhor para seus filhos, trazendo na bagagem esta cultura milenar, que, mesmo longe da terra natal, continuou sendo mantida.<sup>289</sup>

Muitas das manifestações do povo ucraniano, foi e são preservadas pela força da tradição das famílias, que de geração a geração, vão transmitindo em seu cotidiano, um pouco da arte, dos costumes e da língua. Além disso, a manutenção e a presença dos grupos de danças, folclóricas, igrejas e de pessoas intelectuais que lutam pela cultura, história, memória e patrimônio, conseguindo assim, segurar e mostrar os traços e vestígios desta tão importante etnia.



Figura 11 – Senhoras com trajes típicos ucranianos.

Fonte: Disponível em [umka.com.ua](http://umka.com.ua), acesso em 19/01/2008.

<sup>288</sup> MIRCHUK, *Ukraine and its People*, p. 55.

<sup>289</sup> Para aqueles que desejam saber mais sobre as pêsankas há uma pequena publicação do artesão e estudante Vilson J. Kotviski pela Uniguaçu e boletins paroquiais do padre Tarcísio Zaluski em inglês e português que relatam a história e como produzir as mesmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Isolados, entregues a própria sorte, camponeses ucranianos que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, conseguiram superar adversidades e imprimir sua marca cultural no sul do país.**

**Andreazza**

Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos também a literatura do Leste europeu, especialmente com base em autores ucranianos e russos. Acreditamos que nós, brasileiros, ficamos numa situação de ambivalência; podemos e não podemos opinar a respeito de suas obras. De um lado existem as afinidades históricas e espirituais dos nossos povos, a mesma e curiosa situação marginalismo e inconformismo das nossas letras, a mesma posição dos escritores russos, ucranianos e brasileiros, diante do mistério humano telúrico do povo sem terra e da terra sem povo em busca de um difícil equilíbrio geo-social. Do outro lado existe a barreira da língua, a dificuldade do conhecimento direto de textos e obras, do necessário convívio das palavras, das expressões, das modulações próprias de cada idioma, em que a alma dos povos transfunde as emoções da experiência existencial.

As poucas traduções de escritores do Leste europeu existente no Brasil, durante muito tempo foram consideradas perigosas no país, e as que chegaram da França, da Inglaterra, da Alemanha e da Itália, foram mensagens radiografadas do Leste, além de serem vigiadas ao chegarem às universidades brasileiras.

Avalia-se que todo o esforço foi para tentar captar a medida, o ritmo e a história dos imigrantes ucranianos, sob a premissa de que, embora exercitadas no Brasil, suas práticas camponesas derivavam de costumes engendrados no Leste europeu. Particularmente, objetivou-se apresentar os elos que a comunidade imigrante de origem ucraniana estabeleceu entre composição domiciliar, ciclo de vida, e transmissão da cultura camponesa, cuja base se assentava na família, religiosidade e cultivo da terra.

Estes imigrantes ocuparam largo setor de atividades agrícolas na região, não só nas áreas da sua colonização inicial, como também em novas frentes pioneiras. As comunidades agrárias e mesmo os ucranianos que vivem nas cidades, conservam muito do estilo próprio de vida, seus costumes e tradições, notadamente a língua. E isso se reflete tanto na vida religiosa como na social da etnia, onde eles constituem uma unidade cultural, que integra o mosaico étnico da região.<sup>290</sup>

Os grupos sociais sempre são criativos ao organizarem sistemas adequados no conjunto de funções, que uma determinada região atribui à família camponesa. Tal engenhosidade autoriza metáforas diversificadas das famílias européias, que atingiram o Ocidente especialmente o Brasil, grifando a pluralidade dos arranjos camponeses, expressos em respostas, as coerções do ambiente socioeconômico, bem como, a disposição coletiva em reproduzir práticas coerentes que garantam o desdobramento temporal da lógica que organiza sistemas familiares específicos, os quais definam em seu interior, papéis próprios dos homens em seu ambiente. E, a princípio, a reprodução temporal de cada um desses sistemas tem relação direta com a manutenção dos mesmos fatores que o produziram, o que torna instigante analisar os efeitos da emigração sobre práticas familiares no campo.

Nestes termos, pode-se afirmar que os ucranianos recriaram no vale do Iguaçu algumas aldeias camponesas, na qual buscou reviver os costumes a que estavam habituados na terra ancestral. Escusado afirmar a diferença de seus costumes para com os que, de forma geral organizavam a vida da sociedade envolvente. Se nos primeiros tempos isso se verifica em todos os estabelecimentos imigrantes, o inusitado destas comunidades ucranianas é que apenas a partir da década de 1970 sua sociabilidade peculiar passou a demonstrar transformações movidas, e certas, por inúmeros agentes modernizantes a que passou a ser exposta. Dentre eles, o aperfeiçoamento expressivo dos meios de comunicação brasileiro e uma política de interiorização dos governos. Isto foi sentido na região do vale do Iguaçu, entre os imigrantes: melhorias das escolas públicas, saúde no meio rural, criação de uma rede rodoviária aproximando as comunidades. Iniciou-se aí a efetiva corrosão do isolamento regional, mesmo assim a cultura das comunidades ucranianas permaneceu focada em suas

---

<sup>290</sup>MATZENBACHER, Lili. *Monumentos e Marcos Históricos de Porto União e União da Vitória*. Coleção Vale do Iguaçu. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1995, p. 16.

raízes, procurando recriar o “Velho” no Mundo Novo. Aqui consideramos a orientação e discussão deste trabalho, a trilha do campesinato do Leste europeu ao Brasil, no que tange a etnia ucraniana.

Considera-se ao que tudo indica que o campesinato da Ucrânia encontrou limites na produção de sistemas, em que preponderaram os interesses familiares de aldeamento apenas quando os países foram incorporados ao regime soviético. Por isso mesmo, em meados do século XX, quando emigraram para o Brasil, trouxeram uma visão de mundo essencialmente camponesa e tradicional.

As dinâmicas presentes, nos processos de adaptação de imigrantes à terra de adoção, são as mais variadas, e sem dúvida, o local de estabelecimento determina em muito o ritmo da adaptação do grupo a nova realidade. Como foi apontado durante o trabalho, o grupo em tela veio ao Brasil, no interior da política de estímulo à pequena propriedade rural implementada pelos estados no sul do Brasil. Essas colônias rurais marcaram a paisagem brasileira a tal ponto, que aos olhos dos brasileiros, percorrê-las, equivalia a um passeio pelas aldeias do interior da Europa. De fato, a mais de um século estamos vendo cada uma delas se constituir com muitas características culturais dos imigrantes.

A manutenção da cultura ancestral não pode ser atribuída apenas ao isolamento étnico, que favorecia a permanência do idioma e das tradições. Somou-se ainda o atendimento escolar e espiritual normalmente efetuado por congregações religiosas, provenientes do país de origem. Isso em muito colaborou para que até a Primeira Guerra Mundial, pela falta de escolas públicas nos locais onde foram instalados, permitindo a não alfabetização em português, fato que passou a ser motivo de preocupação do nacionalismo republicano, inspirando intenso debate a respeito dos “quistos étnicos”, dispersos pelo solo brasileiro.

Particularmente na região em estudo, os pioneiros empenharam-se em homogeneizar as culturas que trouxeram das diferentes aldeias da Galícia e da Bukovina, onde tiveram êxito em manter-se no interior até o início deste século XXI. É possível pensar que a eficiência desse processo decorreu da capacidade que tiveram de reorganizar as regras, que delimitaram as duas pontas do ciclo familiar, a qual seja a criação do casal baseando-se na endogamia e a transmissão patrimonial. Para isso creio eu, concorreu à estrutura do contingente imigrante, formado por casais. Por outro lado é fato que as autoridades brasileiras também privilegiaram

a migração de casais pela intenção de povoar o interior com camponeses europeus. E ao que tudo indica, a etnia em estudo tivera, autoridade de repassar às novas gerações suas concepções de família e cultura, posta a nossos olhos, suas práticas sociais que evocam as de um tempo cristalizado na memória da imigração.<sup>291</sup>

As possíveis considerações deste estudo, numa visão literária e *in loco*, podemos sentir no campo do nosso entendimento que o imigrante ucraniano, vindo de um ambiente de intrigas, opressão, perseguição religiosa, obteve no Brasil, graças ao apoio de sacerdotes, religiosas e líderes leigos, um crescimento acentuado em sua maneira de viver. Aqui encontraram liberdade espiritual e cultural, valorização como ser humano, um dos objetivos almejado pela etnia ao emigrar de sua terra. Para esse resultado, contribuiu a liberdade dada ao imigrante pelo governo brasileiro e a infiltrada distância do interior para os centros urbanos. Entendemos ainda que este grupo não obteve um enriquecimento material significativo, devido à precariedade dos recursos utilizados no meio rural. É bem recente o apoio dos diversos órgãos governamentais da agricultura na região em estudo, região esta marcada pela pequena propriedade e de produção diversificada.

No contexto sócio-econômico e cultural também é recente a busca de progredir economicamente da nova geração, como filho de agricultores e com formação universitária, uma boa parte de jovens, tornaram-se agrônomos, professores, advogados médicos e comerciantes em seus próprios municípios não se distanciando da terra e da família. Podemos identificar que a região em estudo pode ser considerada um núcleo preservador de padrões culturais da etnia trabalhada, verificando-se a hipóteses de que família, escola, igreja, clubes e associações colaboram fortemente nesse sentido.

A região em estudo, é conseqüência do trabalho dos líderes religiosos do passado e da própria religiosidade, da etnia, tem sido berço de grande número de vocações sacerdotais e religiosas. Estes representantes da Igreja ucraniana dirigem-se as mais diversas localidades do mundo todo, onde se fazem necessários suas presenças, levando e difundindo por seu apostolado, os mesmos padrões aprendidos em família e na infância, acrescido de conhecimentos mais precisos de uma cosmovisão mais ampla, em virtude de estudos

---

<sup>291</sup> Este entendimento reflete com o pensar dos religiosos e professores que vivem e atuam na região, onde grande parte deles é da descendência ucraniana. A convivência com estas pessoas que respondem pelas comunidades da etnia tornou-se fundamental para o entendimento da conservação das tradições do grupo.

superiores, além dos objetivos próprios da congregação, quanto à condução dos indivíduos de sua etnia. Hoje próximo de 350 entre sacerdotes e religiosas, trabalham e estudam fora do Brasil, todos a serviço da Igreja Ortodoxa da Ucrânia, praticamente filhos de camponeses ucranianos imigrantes e descendentes.<sup>292</sup>

O grupo da etnia ucraniana da região em estudo, distingue-se nitidamente do grupo polonês, com o qual convive a muitos anos, tendo como principais elementos diferenciadores, a língua e a religião mesmo juntos cada um têm seu rito próprio, havendo por parte de seus elementos a preocupação de não serem confundido por terceiros, como representantes de uma única etnia, já que a região faz parte da rota do “Turismo Religioso”.

O conservadorismo da região não impediu que seus membros integrassem à vida nacional, participando em igualdade de condições com os outros habitantes do país, da vida em sociedade e ocupando cargos públicos em qualquer esfera administrativa. Isto porque a conservação refere-se apenas os padrões culturais, sem cunho nacionalista.

Considera-se que o estudo exposto da etnia ucraniana foi arrolando em dados históricos, políticos, sociológicos, econômicos, geográficos, enquanto necessária compreensão proposta pela pesquisa. Espera-se, que esta investigação tenha colaborado com os estudos históricos regionais, fornecendo subsídios para melhor conhecer a etnia ucraniana e que a mesma venha fazer parte de outros estudos, e das demais etnias que adentraram ao Brasil, na busca de um melhor espaço.

---

<sup>292</sup> Catedral Ortodoxa de Curitiba. Arquivo de Intercambio e consultas religiosas de formação. Curitiba – 2007.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Luiz. *História geral da Agricultura Brasileira*. V. II. São Paulo: Nacional, 1958.
- ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. V. 1-5. Curitiba: 1977.
- ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ANDREAZZA, M.L. Tese de Doutorado, *Paraíso das Delícias*. UFPR, 1996.
- ANDREAZZA, Maria. Luiza. *Cruz e Espada: a presença eslava no Brasil Meridional*. Curitiba: Grafipar, 1989.
- ANDREAZZA, Maria. Luiza. *História: Questões & Debates. Os Ucrânicos*. Curitiba: UFPR. Ano 11, n, 21, dez. 1996.
- ANDREAZZA, Maria. Luiza. *Paraíso das Delícias*. Curitiba: Quatro Ventos, 1996.
- AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A organização da Irmandade Cabocla*. Florianópolis: UFSC, 2001.
- ÁVILA DA LUZ, Aujor. *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis: Lunardelli, 1962.
- BASTIDE, Roger. *Brasil terra de contraste*. São Paulo: Difel, 1976.
- BOLETIM AGRÍCOLA E COLONIAL DO ESTADO DO PARANÁ: Curitiba: 1908. (Biblioteca Pública do Paraná).
- BOOTMORE, T. (org). *DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucrânica*. München: Klett-Cotta, 1981.
- BORUSZENKO, Oksana. *Imigração Ucrânica no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1979.
- BORUSZENKO, Oksana. *Os Ucrânicos*. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. V.20.21.22, Curitiba: 1991.
- BORUSZENKO, O. *A Fala dos ucranianos no Brasil*. IN: *IX Congresso de Estudos Populacionais*, 10/14 de outubro de 1994.
- BURKO, Valdomiro. *A Imigração Ucrânica no sul do Brasil*. Curitiba: Grafipar, 1963.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*: Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *João Maria: interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo: Nacional, 1960.



- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA, Samuel G. *Estudos de áreas culturais do Paraná*, Curitiba: Artes Gráfica, 1988
- DUBY, G., *Le Dimanche de Bouvines*. Paris: Gallimard, 1973. Tradução: Maria Cristina Frias, Paz e Terra, 1993.
- FOLLIET, Joseph. *O Povo e a Cultura*. Rio de Janeiro: Forense, 1995
- GUÉRIOS, Paulo Renato. *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2007.
- HANEIKO, Valdomiro. *Em Defesa de uma Cultura*. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- HANICZ, Teodoro. *Igreja e Imigração Ucraniana no Paraná: elementos para uma história da igreja ucraniana no Brasil*. Curitiba: Grafipar, 1993.
- HEINSFELD, Adelar. *A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe, SC*. Joaçaba: UNOESC, 1996.
- HINKA, John P. *Galician, vilagers and the national movement in the nineteenth century*. Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1988.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875 – 1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSAWM, Eric. J. *Rebeldes Primitivos: Estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital: 1848 – 1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, T. (Orgs). *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HORBATIUK, Paulo. *Imigração Ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1989.
- IANNI, Constantino. *Homens Sem Paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- KOZIK, J. *The Ukrainian national movement in Galícia. : 1815-1849*. Edmonton: Printing Services, University of Alberta, 1986.
- KULA, M. Correspondência dos imigrantes do Brasil. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonosa*. V. 8. Curitiba, Vicentina, 1977.
- LANGACKER, Ronald W. *A Linguagem e sua Estrutura*, Petrópolis, Vozes, 1992.
- LENSEK, Basílio. *Roma e Ucrânia: história da igreja ucraniana em datas*. Colônia São Marcus, Nova York, s/ed. 1952.
- LÉVI STRAUSS. *Raças e História*. Lisboa: Presença, 1985.
- LUZ, Aujor Ávila. *Os Fanáticos – crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis, EDUFSC, 1952.

- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente: Ensaio sobre o fenômeno de aculturação no Paraná*. São Paulo: T. A. Queiroz Ltda., 1990.
- MATZENBACHER, Lili. *Monumentos e Marcos Históricos de Porto União e União da Vitória*. Coleção Vale do Iguaçu. Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., 1995.
- MENDRAS, Hugo. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1988.
- MIRCHUK, Joseph. *Ukraine and its people*. Munich: S/ed., 1949.
- MOZARÉ, Charles. *Os Burgueses e a conquista do mundo: 1780 – 1895*. Lisboa: Cosmos, 1965.
- MOISÉS. *In Poemas*. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1981.
- OLIVEIRA, Cardoso, R. *Identidade, etnia, e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976
- PELUSO JUNIOR, V. A. *Aspecto Geografico de Santa Catarina*. Florianópolis, EDUFSC, 1991.
- PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre: Pallotti, 1982.
- PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli / EDUFSC, 1983.
- PORTAL, Roger. *Os Eslavos: Povos e Nações*. Lisboa: Cosmos, 1968.
- QUEIROZ, Mauricio Vinhas de. *Messianismo e conflito social: A guerra sertaneja do Contestado*. São Paulo: Ática, 1981.
- RIESEMBERG, Alvir. *Instalação humana no vale do Iguaçu*. Apostila de apontamento. S/ed. Arquivo Público do Paraná, 1973.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.
- SASSI, Guido V. *Geração do Deserto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964
- SETEMBRINO DE CARVALHO, F. *Relatório Entregue ao General de Divisão José Caetano de Faria, ministro da Guerra em 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916
- SEYFERTH, G. *A colonização alemã no vale do Itajaí Mirim*, Porto Alegre: Movimento, 1974.
- SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil*, São Paulo: Nacional, 1978
- SPONHOLS, Newton. *A terra e o homem no sul do Paraná*. Curitiba: Edipar, 1971.
- TARÁS CHEVTCHENKO. *O Poeta da Ucrânia*. Monografia Comemorativa de 175.o aniversário do poeta. S/ed. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, 1990.
- TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória*. Passo Fundo: UPF/EDUCS, 2004.
- THOMÉ, Nilson. *Ciclo da Madeira*. Caçador: Universal Ltda., 1995.
- THOMÉ, Nilson. *Trem de Ferro: A Ferrovia Contestada*. Florianópolis: Lunardelli, 1992

- THOMÉ, Nilson. *Sangue, Suor e Lagrimas no chão do Contestado*. Caçador: INCON Edições/ UNC, 1996.
- TODOROV, Teodoro. *Nos e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.
- TSVIETKOV, Viaczeslav. *Pequena história da Ucrânia – Rush*. Curitiba: Eparquia Ucrâniana Católica de São João Baptista, 1994.
- WACHOWICZ Rui Cristovam. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995.
- WILCOCK, Feodor, *Cem perguntas sobre os ritos orientais*. São Paulo: Lutador, 1972.
- VALENTINI, Delmir José. *Da Cidade Santa a Corte Celeste: Memórias de Sertanejos e a Guerra do Contestado*. Caçador: UNC, 2003.
- ZINKO, Basílio. *Escolas Ucrânianas no Brasil*. Prudentópolis, Gráfica Padres Basilianos, s/ed. 1960.

## LISTA DE FONTES

- [Http://www.webbusca.com.br/atlas/Europa/](http://www.webbusca.com.br/atlas/Europa/), acesso em: 10/01/2008.
- JORNAL O ESTADO DO PARANÁ - *O Contestado* - Curitiba: 05.10.1979.
- JORNAL A NOTICIA - *Contestado, a guerra sertaneja* - Joinville: 20/11/1981.
- JORNAL GAZETA DO POVO - *Noticias do interior* - Curitiba: 18.02.1928, n. 2774.
- LIVRO TOMBO. T. 1, Paróquia Ortodoxa, Nossa Senhora Auxiliadora de Curitiba.

## INSTITUIÇÕES E ARQUIVOS

- Arquivo da Biblioteca Pública do Paraná; fundos. *Imigração e Colonização*. Curitiba
- Arquivo do Consulado Ucrâniano; fundos. *Política Externa da Ucrânia, 1999 – 2007*. Curitiba.
- Arquivo Histórico e Geográfico do Paraná; fundos. *Imigração e Colonização*. Curitiba.
- Arquivo Histórico de Itaiópolis – SC; fundos: *História Local*. Itaiópolis.
- Arquivo Histórico de Prudentópolis – PR; fundos: *Colonização Regional*. Prudentópolis.
- Arquivo Provincial da Ordem Basiliana; fundos: *Religião e Imigração*. Prudentópolis

Arquivo Público do Paraná; fundos: *Imigração e Colonização Eslava*. Curitiba.

Arquivo Ministério da Agricultura; fundos: *Colonização e Reforma Agrária*. Curitiba.

Arquivo de Relatórios n. 16. (IBAMA) Sede Adm. Floresta Nacional de Caçador – SC, 2002.

Associação dos Amigos da Cultura Ucraniana. Curitiba.

CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina.

Departamento de Orientação e Pesquisa, Florianópolis, 2007.

IAPAR – Instituto Agrônomico do Paraná. Setor de economia agrícola, Arquivo 2001/ pt. 001, Curitiba.

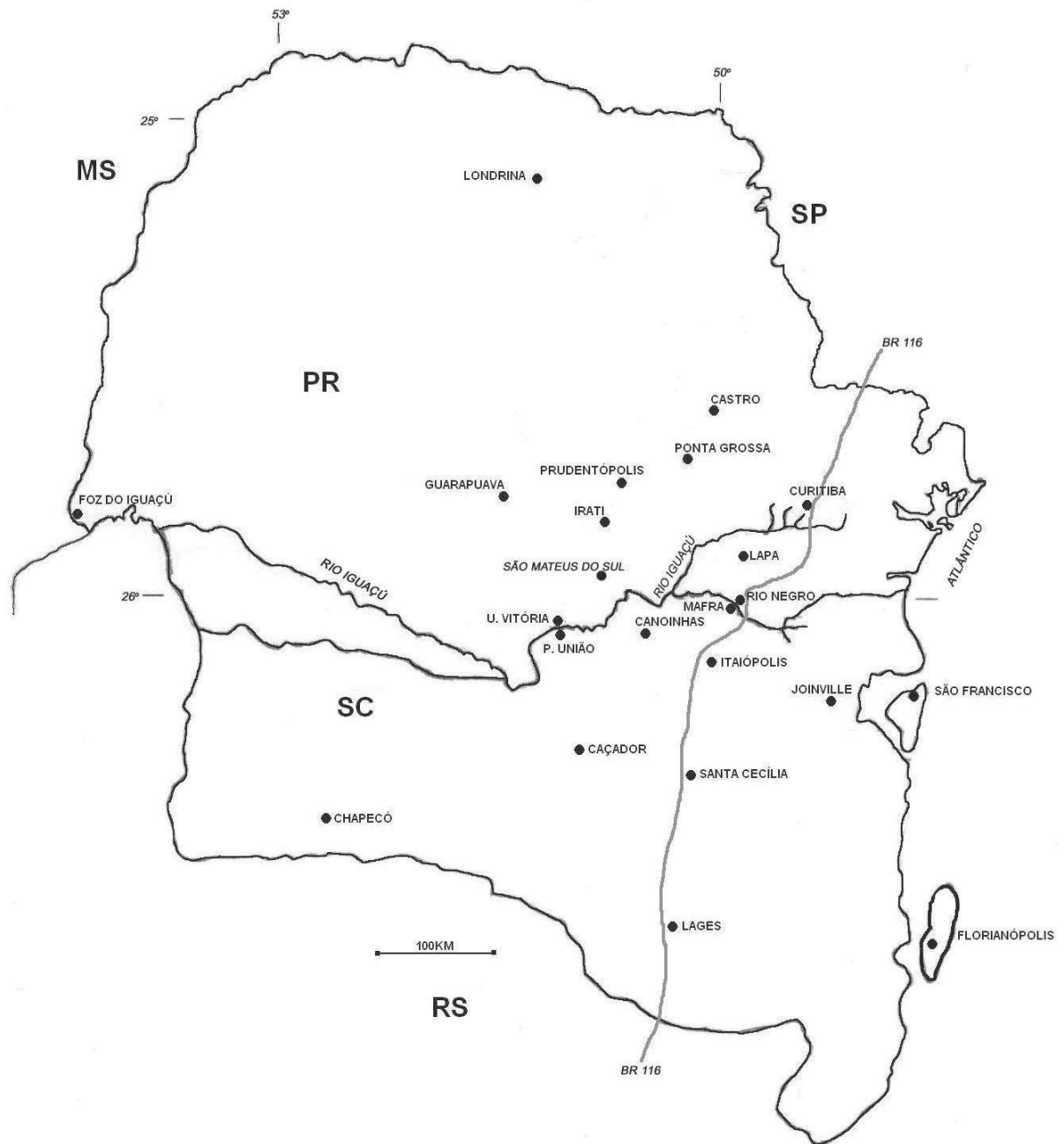
Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico de Santa Catarina – Pasta FECAM 003/1988.

PARANÁ. Secretaria do Estado do Meio Ambiente.

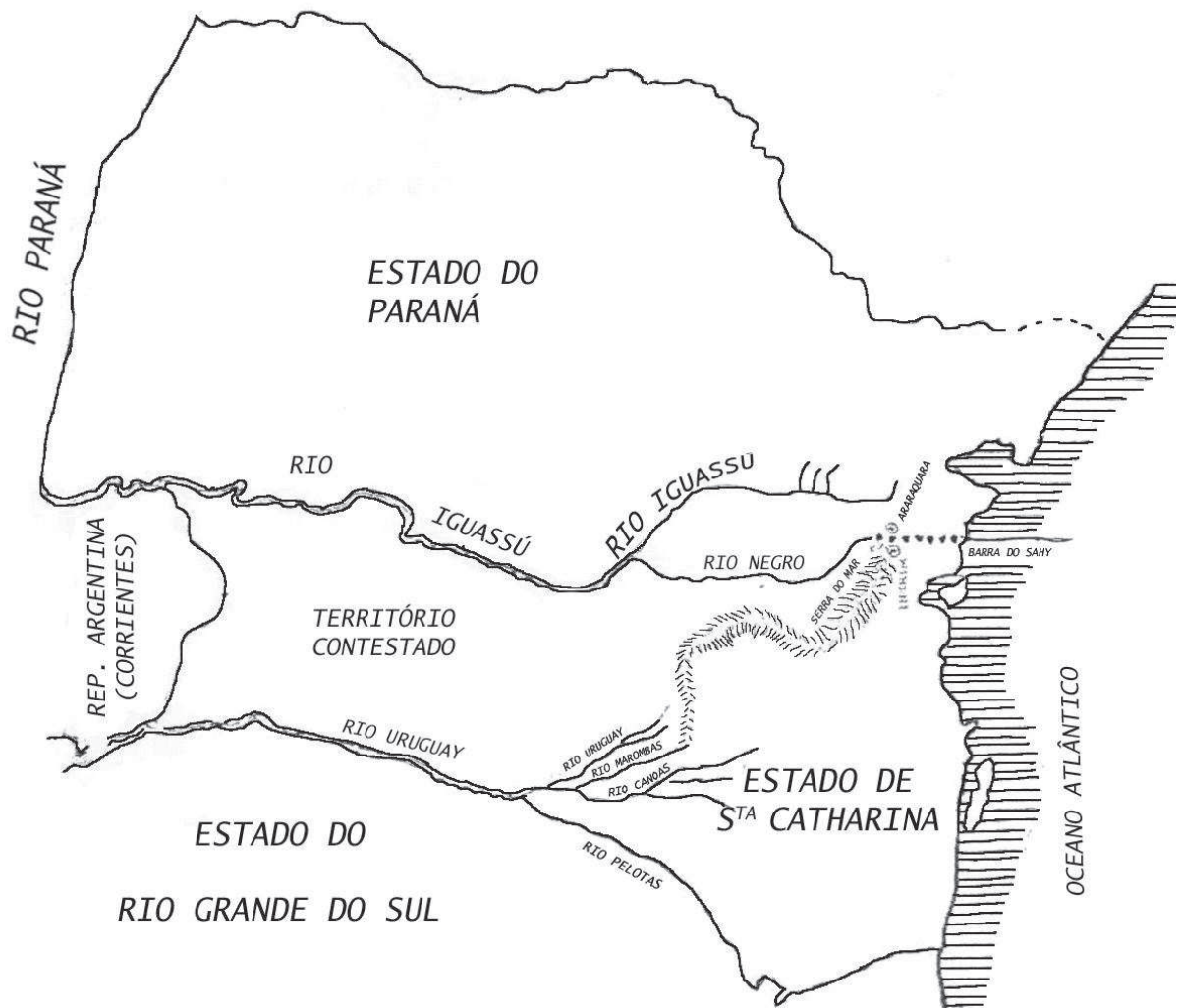
Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná. *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. V. VII, 1973, p. 50

.

# ANEXOS



Fonte: Acervo próprio. Emissão pelo autor, apoio IBGE. Região Pesquisada: norte de Santa Catarina e sul do Paraná. (Vale do rio Iguaçu).




Mapa: Razões finais por parte do Paraná na questão de limites com Santa Catarina, apresentadas ao Supremo Tribunal Federal no Rio de Janeiro em novembro de 1915.

Fonte: Arquivo Público do Paraná. Pasta Conflitos Internos.

ESTADO DE SANTA CATARINA

MOO. 37

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA  
SERVIÇO DE REGISTO DE ESTRANGEIROS



DELEGACIA DE POLÍCIA DE Itaiópolis

**CERTIDÃO**

Certifico, na forma da art. 149, § 2º da Decreto n. 3010, de 20 de agosto de 1955, que o João Ghil registrado a fl. 10 do livro competente n. 100 prestou as seguintes declarações:

Nome João Ghil  
 Idade 48 Nacionalidade brasileira Estado civil solteiro  
 Residência Itaiópolis Profissão carpinteiro  
 Onde se estabeleceu Itaiópolis  
 Há quanto tempo reside no Brasil desde 1907

RESPONSÁVEL


Nome \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

**FILHOS MENORES DE 18 ANOS:**

NOME	NACIONALIDADE	IDADE

Observações Fy prova de idade

Delegacia de Polícia de Itaiópolis  
 de 1979 de 1979

  
 DELEGADO DE POLÍCIA


14311 - Para certidão, assinada por um dos peritos, deve ser anexado o formulário de inspeção - Art. 149, § 2º

Fonte: Arquivo Histórico Itaiópolis.



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA  
SERVIÇO DE REGISTO DE ESTRANGEIROS

MOB. 27



DELEGACIA DE POLÍCIA DE *Itaipópolis*

### CERTIDÃO

Certifico na forma do art. 149, § 2º do Decreto n. 5.010, de 20 de agosto de 1938, que o *João Wisniewski* registrado nº *155* do livro competente n.º *12* prestou as seguintes declarações:

Nome *João Wisniewski*  
 Idade *65* anos Nacionalidade *Polonesa* Estado civil *casado*  
 Residência *Bandido de Brejo* Profissão *Carreiro*  
 Onde trabalha *em casa*  
 Há quanto tempo reside no Brasil *há 15 anos*

~~ESPOSA~~  
 Nome *Capriça Wisniewski*  
 Nacionalidade *polonesa* Idade *59* anos

**FILHOS MENORES DE 18 ANOS:**

NOME	NACIONALIDADE	IDADE

Observações *Tem uma filha idade contada no processo de sua mulher Capriça Wisniewski.*

Delegacia de Polícia de *Itaipópolis, 30*  
*de novembro de 1947.*



*[Assinatura]*  
 DELEGADO DE POLÍCIA

NOTA - Esta certidão constitui prova de permanência legal no país, de seu portador (Decreto nº 5.010, de 20 de agosto de 1938, art. 149, § 2º.)

Fonte: Arquivo Histórico Itaipópolis.

ESTADO DE SANTA CATARINA MOD. 27

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA  
SERVIÇO DE REGISTO DE ESTRANGEIROS

DELEGACIA \_\_\_\_\_ DE POLÍCIA DE \_\_\_\_\_

**CERTIDÃO**

Certifico, na forma do art. 149, § 2º do Decreto n. 3210, de 20 de agosto de 1938, que o LEONARDO POLONIA LEONARDO POLONIA estrangeiro, brasileiro naturalizado, registrado e filiado no livro competente a \_\_\_\_\_ prestou as seguintes declarações:

Nome Leona Leonora Leonora Leonora  
 Idade 27 anos Nacionalidade Polonesa Estado civil casada  
 Residência Rua São Pedro Profissão doméstica  
 Onde trabalha \_\_\_\_\_  
 Há quanto tempo reside no Brasil há 50 anos

**ESPOSA:**

Nome \_\_\_\_\_  
 Nacionalidade \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

**FILHOS MENORES DE 18 ANOS:**

NOME	NACIONALIDADE	IDADE
<u>Veronica Leonora</u>	<u>polonesa</u>	<u>7 anos</u>

Observações Proveniente de casa de idosos. Refere a cota do C.R. P. 50,00 em valor de 10 dias de pagamento.

Delegacia \_\_\_\_\_ de Polícia de \_\_\_\_\_  
 de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 DELEGADO DE POLÍCIA

1938 - Esta certidão confere prova da permanência legal no país do seu certificado (Regulamento de Imigração - Art. 149, § 2º).

Fonte: Arquivo Histórico Itaiópolis.

PROSPECTUS



AVANTAGES

OFFERTS AUX ÉMIGRANTS QUI DESIRENT S'ÉTABLIR  
DANS L'EMPIRE DU BRÉSIL

Le Gouvernement brésilien, voulant peupler son vaste territoire, couvert d'une végétation sans rivale, et renfermant dans son sein toutes sortes de minéraux, offre aux émigrants qui préféreraient ce pays à tout autre, de grands avantages sur les prix de passage, la vente à prix réduits des terres qui produisent tous les fruits européens, et ceux qui ne se cultivent que sous les tropiques. Cette fécondité est due au climat tempéré dont jouit le Brésil. Le Gouvernement garantit la vie et la propriété des habitants par ses lois et sa sage Constitution.

Ce vaste Empire, presque aussi étendu que l'Europe entière, présente différents climats; souvent, pendant l'hiver, la neige couvre ses montagnes du Sud, et dans les vallons on jouit de la plus saine et de la plus douce température.

Pendant l'été, la brise de mer, qui souffle chaque jour, rend la chaleur du soleil supportable à ceux qui s'y exposent, même pendant les jours les plus chauds.

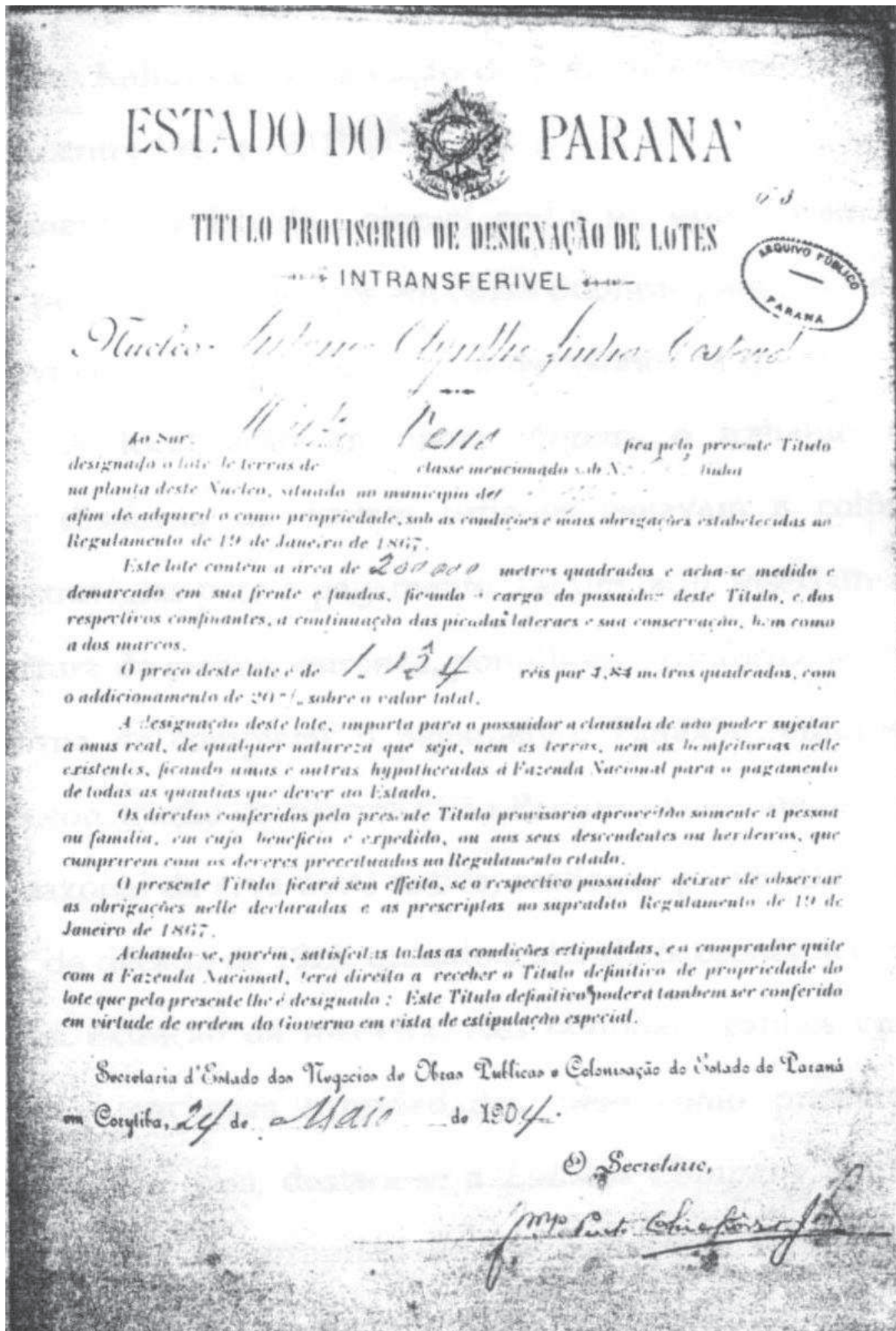
C'est à ce climat bienfaisant que le Brésil doit la grande facilité avec laquelle son sol produit les denrées suivantes, et beaucoup d'autres que nous ne citerons pas ici: haricots, maïs, café, seigle, blé, riz, canne à sucre, betterave, raisin, orge, fruits oléagineux de tous genres, mûriers pour l'élevage des vers à soie, légumes et fruits de toutes espèces; quelques-uns de ces produits donnent deux récoltes par an.

Il n'y a pas une seule province où il n'existe des mines déjà explorées, et des concessions déjà faites. On y trouve des mines d'or, d'argent, de diamants, de cristal, de marbre et de pierres précieuses; également, de charbon, de fer, de cuivre, de plomb, d'étain, de mercure, de sel, de plusieurs espèces de granit, et de pierres calcaires pour la construction et autres; on y trouve également l'argile et une infinité d'autres minéraux.

Déjà, il existe au Brésil des colonies appartenant à l'État, qui sont en pleine prospérité. Dans la province de Santa Catharina, les colonies de Blumenau: 7,150 habitants; Itajahy et Dom Pedro: 2,505 habitants. Dans la province de Espírito Santo, les colonies de Rio Novo, 4,220 habitants, et Santa Leopoldina: 3,880 habitants. Dans la province de São Paulo, la colonie de Cananea: 457 habitants. Dans la province de Minas Geraes, la colonie Mucury: 701 habitants. Dans la province de Paraná, Assunguy, 4,000 habitants, et à six heures de chemin de fer de la capitale, la nouvelle colonie de Porto Real. Enfin,

PROSPECTO PARA ATRAÇÃO DE IMIGRANTES AO BRASIL. 1874. (DEAP)

Arquivo: Arquivo Público do Paraná.



Título Provisório de designação de lotes (DEAP).  
Fonte: Arquivo Público do Paraná.



Vila dos ucranianos – Município de Canoinhas – SC, 1916.  
Fonte: Acervo Orty Magalhães Machado – Itaiópolis SC



Comemoração em homenagem ao poeta ucraniano Tarás Chevtchenko na sociedade ucraniana “Prosvita”.  
Curitiba – 1920.  
Fonte: Arquivo Público do Paraná.



Associação feminina junto à Paróquia N.S. Auxiliadora. Curitiba – 1959.  
Fonte: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana.



50º Aniversario da imigração Ucraniana no Paraná. Acervo – MIS.  
Fonte: Acervo Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana.





As Tradições ucranianas, Grupo Folclórico Ucraniano de Curitiba, 1958.  
Fonte: Acervo Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana.



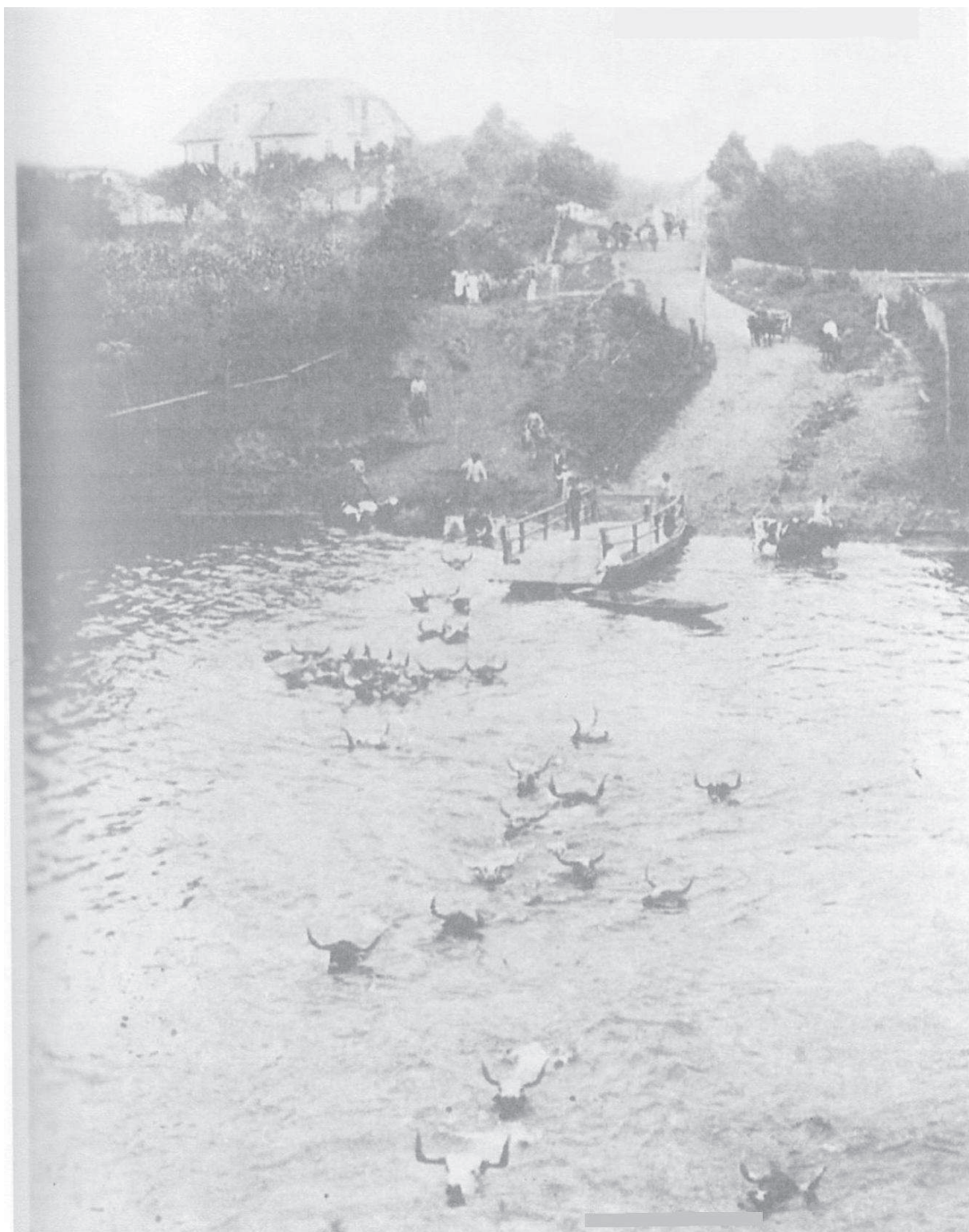
Thomaz e Ana Kociolek - imigrantes ucranianos.  
Fonte: Acervo Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana.



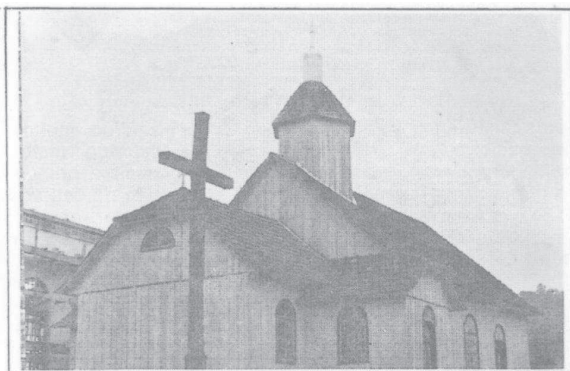
Antiga Igreja Ortodoxa – Curitiba, 1930.  
Fonte: Casa Romário Martins.



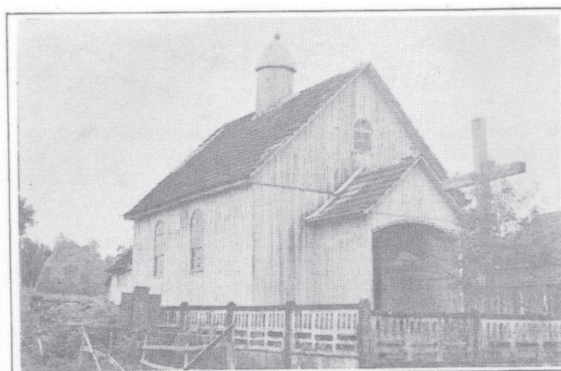
Acervo: Museu do Imigrante Porto União. Casa Comercial Ucraniana no Vale do rio Iguaçu.



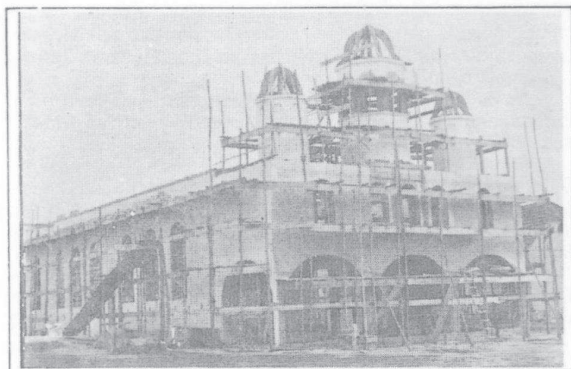
Tropeiros no Vale do Iguaçu.  
Acervo: Família Odebrecht.



Bley Pombas — Igreja S. Demétrio — Construída em 1953



Rio da Pratinha — Igreja N. S. do Patrocínio  
Construída em 1942



Bley Pombas — Igreja S. Demétrio — 1983 em Construção



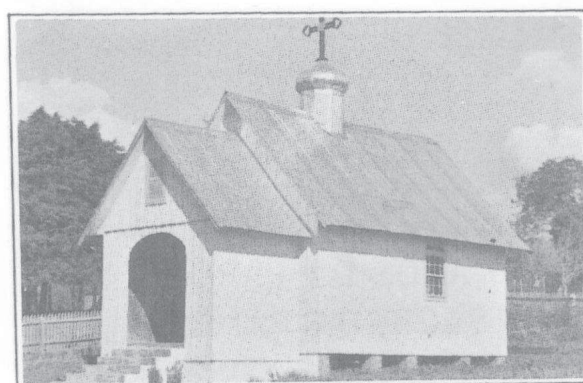
Colorado — Igreja S. Nicolau — Construída em 1956

### Igrejas Ucrânicas

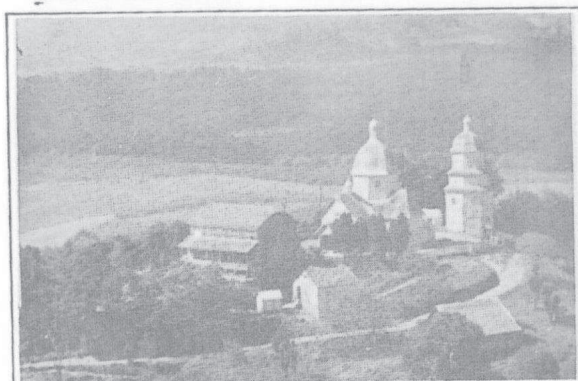
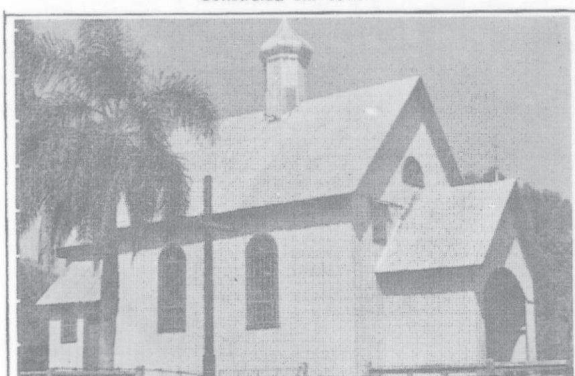
Fonte: Paróquia Sagrada Família Itaiópolis.



Moema — Igreja SS. Apostolos Pedro e Paulo  
Construída em 1914



Iracema — Linha Xavier da Silva — Igreja S. Antonio — Primeira do rito ucraniano católico no Brasil — Construída em 1895



Igreja Sagrada Família, 1909. Itaiópolis. Congregação dos Brasileiros no Brasil.  
Fonte: Paróquia Sagrada Família Itaiópolis.